

Convergência

Novembro e Dezembro • 2021 • ANO LVI



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Padre João da Silva Mendonça Filho, sdb
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Padre Paulo Alessandro, oar
Padre Jaldemir Vítório, sj
Irmão Lauro Daros, fms
Irmã Nivalda Milak, fdz
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp

Projeto Gráfico e Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Padre João Mendonça Filho, sdb
Revisão Geral: Prof. Romulo Ramos Ximenes (especialista)
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da Capa: Padre Reinaldo Leitão, rcj

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II

70393-900 – Brasília - DF

Tel.: (61) 3226-5540

E-mail: publicacoes@crbnacional.org.br / pe.mendonca@hotmail.com

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73



Editorial

“Os Pobres não são Pessoas externas à Comunidade”5

Mensagem do Papa

Mensagem do Santo Padre Francisco para o
V Dia Mundial dos Pobres.....9

Mensagem do Papa ao Congresso da Vida
Religiosa da América Latina e Caribe17

Informes

Cartas.....19

Artigos

Desafios da Pastoral Vocacional25
Ir. Clotilde Prates de Azevedo, ap

As Eleições nas Congregações: Ponto crucial.....37
Aquilino Bocos Merino

São Francisco de Assis e os Estigmas.....51
Frei João de Araújo Santiago, OFMCap

A Ansiedade e o Trânsito Religioso – Algumas
Considerações.....60
Ênio Brito Pinto

Neste Tempo de Desassossego, Quo Vadis,
Família Eymardiana?71
Marcelo Carlos da Silva, sss

Ouve o Clamor do teu Povo, Senhor: Elementos da VRC ao Processo de Escuta Eclesial	89
<i>Pe. João da S. Mendonça Filho, sdb</i>	
Índice das Revistas Convergência 2021.....	90



“OS POBRES NÃO SÃO PESSOAS EXTERNAS À COMUNIDADE”

PE. JOÃO DA SILVA MENDONÇA FILHO, SDB

O Dia Mundial dos pobres não é uma data para ser comemorada, mas refletida à luz das desigualdades e crise social que passa a humanidade, cada vez mais agressiva e agravante. Papa Francisco insiste em dizer que “os pobres não são pessoas externas e que a esmola é ocasional, ao passo que a partilha é duradoura”. É neste espírito que iremos celebrar o Dia dos pobres.

A Pastoral Vocacional será sempre um apelo à vivência da vida cristã e resposta generosa à missão evangelizadora. Porém, o cenário atual, não contribui para decisões, muito menos para a fidelidade criativa que o

dinamismo vocacional requer de cada um de nós. Com este intuito, a irmã Clotilde Prates, AP, contribui com a reflexão vocacional com o artigo **Desafios da Pastoral Vocacional**.

Eleger líderes para as Instituições sempre foi um momento delicado, porque envolve critérios, disputas e perfis, segundo o caminho que se pretender empreender. Na Vida Religiosa Consagrada, a questão não é diferente. Cada governo responde a um cenário de atuação. É no sentido de entender os critérios de escolhas que o artigo de Aquilino Bocos Merino, intitulado **As eleições nas Congregações: ponto crucial**

quer nos ajudar a refletir sobre a participação nesse tipo de processo de capital importância para nossos Institutos.

Em preparação para a 1ª Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe, pedida pelo Papa Francisco, o CELAM convocou todo o Povo de Deus para participar da escuta Eclesial. A CRB Nacional envolveu toda a Vida Religiosa, tendo sete momentos online de escuta. Com o objetivo de colaborar na informação do processo, Pe. João Mendonça, SDB, escreveu o artigo **Ouve o clamor do teu povo, Senhor: elementos da VRC ao processo de escuta eclesial.**

O diálogo inter-religioso é muito mais desafiador que o ecumênico e avança mais lentamente. Com a experiência mística de São Francisco de Assis, por meio dos estigmas, o Frei João de Araújo Santiago, OFM Cap, nos proporciona a reflexão **São Francisco de Assis e os estigmas**, como paradigma das escolhas de Francisco e abertura ao mundo.

Vivemos tempos de ansiedade, medo, perturbações, inseguranças. A crise humanitária, na qual nos encontramos, requer da VRC uma retomada de caminho, mesmo nas turbulências dos tempos presente. Com o artigo

A ansiedade e o trânsito religioso – algumas considerações, o psicólogo e psicopedagogo Ênio Brito Pinto colabora com a VRC no aprofundamento de um tema que é sempre mais presente em nossas comunidades e na vida do povo de Deus.

A pandemia, com suas multipandemias, coloca-nos diante de um novo mundo que brota do sofrimento, do luto, do desassossego. A VRC está sendo convocada a se repensar, a partir dos carismas fundacionais, para continuar viva em sua missão. Com o objetivo de refletir, como a família Eymardiana precisa seguir sua reflexão, Marcelo Carlos da Silva, SSS colabora com o artigo, **neste tempo de desassossego, quo vadis, Família Eymardiana?**. É um bom momento para cada família religiosa se repensar.

O ano 2021 termina, e nós, da CRB Nacional, conscientes de nossa missão de animação, coordenação e estímulo da VRC, queremos desejar a todos e todas um FELIZ E SANTO NATAL, na esperança de que o ANO NOVO seja, de fato, tempo de maior serenidade, superando a pandemia, renascendo para uma vida nova.



DESCRIÇÃO DA LOGOMARCA TRIÊNIO 2019 -2022

A apresentação da logo foi criada para identificar graficamente a linha de reflexão, espiritualidade e atividades das instituições religiosas que compõem Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), no Triênio 2019 a 2022.

O tema escolhido para fundamentar a caminhada durante o triênio será: Consagradas e Consagrados em Missão e o lema: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5).

Com essa motivação temática, busca-se ilustrar a forte presença vocacional e missionária de Maria como mediadora da graça e estrela da evangelização.

A Cruz, no centro, representa o Cristo, autor da graça, do vinho novo; alegria, princípio e ânimo para a jornada missionária.

A talha representa a vida e vocação das consagradas e consagrados que se enchem desta alegria, o Cristo, para testemunhar o amor e chamada vocacional de Deus.

O caminho e as pegadas explicitam uma vida religiosa em saída, em movimento, dinâmica e fortalecida pelo vinho novo da alegria.

“Fazei tudo o que
ele vos disser”
(Jo 2,5)



Triênio
2019 a 2022



CRB NACIONAL

Consagradas e consagrados em missão

Horizonte

Nós consagradas e consagrados em missão, movidos por uma mística profético-sapiencial e articulados institucionalmente, procuramos estar presentes onde a vida está ameaçada, responder aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras e interculturais, ouvindo o clamor dos pobres e da terra, para que o vinho novo do Reino anime a festa da vida.

Prioridades



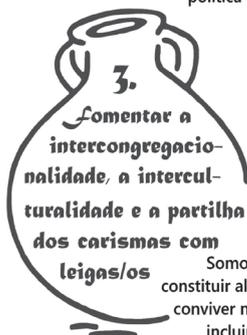
1.
**Cultivar a
mística
profético-
sapiencial**

Inspirados em Maria, queremos escutar a voz de Deus nos pequenos sinais da vida, que nos chama a anunciar, denunciar e testemunhar a esperança do Reino na noite escura da realidade socioeconômica e política dos nossos povos.



2.
**Ouvir o
clamor dos
pobres e
da terra**

Comprometemo-nos a promover iniciativas comunitárias e articuladas que gerem consciência crítica, inclusão social e cuidado da Casa Comum. Optar em favor dos mais pobres nos empenha a enfrentar a injustiça ambiental, porque tudo está interligado.



3.
**Fomentar a
intercongregacio-
nalidade, a intercul-
turalidade e a partilha
dos carismas com
leigos/os**

Somos interpelados/as a constituir alianças interinstitucionais, conviver na diversidade cultural e incluir o laicato na nossa espiritualidade e ação, abrindo novos caminhos na missão.



4.
**Promover
relações humani-
zadoras e atenção
diferenciada à
cada geração
na VRC**

Precisamos tecer relações de ternura, de fraternidade/sororidade e de sinodalidade como expressão de uma nova forma de convivência capaz de superar o individualismo e a dominação.



MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO PARA O V DIA MUNDIAL DOS POBRES

XXXIII Domingo do Tempo Comum – 14.11.2021

Sempre tereis pobres entre vós» (Mc 14, 7)

1. «Sempre tereis pobres entre vós» (Mc 14, 7): estas palavras foram pronunciadas por Jesus, alguns dias antes da Páscoa, por ocasião duma refeição em Betânia na casa de Simão chamado «o leproso». Como narra o evangelista, entrou lá uma mulher com um vaso de alabastro cheio de perfume muito precioso e derramou-o sobre a cabeça de Jesus. Este gesto suscitou grande estupefação e deu origem a duas interpretações diversas.

A primeira delas é a indignação de alguns dos presentes, incluindo os discípulos, que, ao considerar o valor do perfume (cerca

de 300 denários, equivalente ao salário anual dum trabalhador), pensam que teria sido melhor vendê-lo e dar o produto aos pobres. Segundo o Evangelho de João, é Judas que se faz intérprete desta posição: «Porque é que não se vendeu este perfume por trezentos denários, para os dar aos pobres?». E o evangelista observa: «Ele, porém, disse isto, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, como tinha a bolsa do dinheiro, tirava o que nela se deitava» (Jo 12, 5-6). Não é por acaso que esta crítica dura sai da boca do traidor: é a prova de que, quantos não reconhecem os pobres, atraíam o ensinamento de Jesus e não podem ser seus discípulos.

Recordemos, a este propósito, as palavras fortes de Orígenes: «Judas, aparentemente, estava preocupado com os pobres. (...) Se, agora, ainda houver alguém que tem a bolsa da Igreja e fala a favor dos pobres como Judas, mas depois tira o que metem lá dentro, então tenha parte juntamente com Judas» (Comentário ao Evangelho de Mateus 11, 9).

A segunda interpretação é dada pelo próprio Jesus e permite individuar o sentido profundo do gesto realizado pela mulher. Diz Ele: «Deixai-a. Porque estais a atormentá-la? Praticou em Mim uma boa ação» (Mc 14, 6). Jesus sabe que está próxima a sua morte e vê, naquele gesto, a antecipação da unção do seu corpo sem vida antes de ser colocado no sepulcro. Esta visão ultrapassa todas as expectativas dos convivas. Jesus recorda-lhes que Ele é o primeiro pobre, o mais pobre entre os pobres, porque os representa a todos. E é também em nome dos pobres, das pessoas abandonadas, marginalizadas e discriminadas que o Filho de Deus aceita o gesto daquela mulher. Esta, com a sua sensibilidade feminina, demonstra ser a única que compreendeu o estado de espírito do Senhor. Esta mulher anónima – talvez por isso destinada a representar todo o universo feminino que, no decurso dos séculos, não terá voz e sofrerá violências –,

inaugura a significativa presença de mulheres que participam no momento culminante da vida de Cristo: a sua crucifixão, morte e sepultura e a sua aparição como Ressuscitado. As mulheres, tantas vezes discriminadas e mantidas ao largo dos postos de responsabilidade, nas páginas do Evangelho são, pelo contrário, protagonistas na história da revelação. E é eloquente a frase conclusiva de Jesus, que associa esta mulher à grande missão evangelizadora: «Em verdade vos digo: em qualquer parte do mundo onde for proclamado o Evangelho, há de contar-se também, em sua memória, o que ela fez» (Mc 14, 9).

2. Esta forte «empatia» entre Jesus e a mulher e o modo como Ele interpreta a sua unção, em contraste com a visão escandalizada de Judas e doutros, inauguram um fecundo caminho de reflexão sobre o laço indivisível que existe entre Jesus, os pobres e o anúncio do Evangelho.

Com efeito, o rosto de Deus que Ele revela é o de um Pai para os pobres e próximo dos pobres. Toda a obra de Jesus afirma que a pobreza não é fruto duma fatalidade, mas sinal concreto da sua presença no nosso meio. Não O encontramos quando e onde queremos, mas reconhecemo-Lo na vida dos pobres, na sua tribulação e indignação, nas condições por vezes desumanas em que

são obrigados a viver. Não me canso de repetir que os pobres são verdadeiros evangelizadores, porque foram os primeiros a ser evangelizados e chamados a partilhar a bem-aventurança do Senhor e o seu Reino (cf. Mt 5, 3).

Os pobres de qualquer condição e latitude evangelizam-nos, porque permitem descobrir de modo sempre novo os traços mais genuínos do rosto do Pai. Eles «têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles. O nosso compromisso não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência; aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo, mas primariamente uma atenção prestada ao outro, considerando-o como um só consigo mesmo. Esta atenção amiga é o início duma verdadeira preocupação pela sua pessoa e, a

partir dela, desejo de procurar efetivamente o seu bem» (Papa Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 198-199).

3. Jesus não só está do lado dos pobres, mas também partilha com eles a mesma sorte. Isto constitui também um forte ensinamento para os seus discípulos de todos os tempos. As suas palavras – «sempre tereis pobres entre vós» – pretendem indicar também isto: a sua presença no meio de nós é constante, mas não deve induzir àquela habitude que se torna indiferença, mas empenhar numa partilha de vida que não prevê delegações. Os pobres não são pessoas «externas» à comunidade, mas irmãos e irmãs cujo sofrimento se partilha, para abrandar o seu mal e a marginalização, a fim de lhes ser devolvida a dignidade perdida e garantida a necessária inclusão social. Aliás sabe-se que um gesto de beneficência pressupõe um benfeitor e um beneficiado, enquanto a partilha gera fraternidade. A esmola é ocasional, ao passo que a partilha é duradoura. A primeira corre o risco de gratificar quem a dá e humilhar quem a recebe, enquanto a segunda reforça a solidariedade e cria as premissas necessárias para se alcançar a justiça. Enfim os crentes, quando querem ver Jesus em pessoa e tocá-Lo com a mão, sabem aonde dirigir-se: os pobres são sacramento de Cristo, representam a

sua pessoa e apontam para Ele.

Temos muitos exemplos de Santos e Santas que fizeram da partilha com os pobres o seu projeto de vida. Penso, entre outros, no Padre Damião de Veuster, Santo apóstolo dos leprosos. Com grande generosidade, respondeu à vocação de ir para a ilha de Molokai – tinha-se tornado um gueto acessível apenas aos leprosos –, a fim de viver e morrer com eles. Lançando-se ao trabalho, tudo fez para tornar digna de ser vivida a existência daqueles pobres doentes e marginalizados, reduzidos à degradação extrema. Fez-se médico e enfermeiro, sem se preocupar com os riscos que corria, levando a luz do amor àquela «colónia de morte», como era designada a ilha. A lepra atingiu-o também a ele, sinal duma partilha total com os irmãos e irmãs pelos quais dera a vida. O seu testemunho é muito atual nestes nossos dias, marcados pela pandemia de coronavírus: com certeza a graça de Deus está em ação no coração de muitas pessoas que, sem dar nas vistas, se gastam concretamente partilhando a sorte dos mais pobres.

4. Por isso precisamos de aderir com plena convicção ao convite do Senhor: «Convertei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1, 15). Esta conversão consiste, primeiro, em abrir o nosso coração para reconhecer as múltiplas

expressões de pobreza e, depois, em manifestar o Reino de Deus através dum estilo de vida coerente com a fé que professamos. Com frequência, os pobres são considerados como pessoas aparte, como uma categoria que requer um serviço caritativo especial. Seguir Jesus comporta uma mudança de mentalidade a esse propósito, ou seja, acolher o desafio da partilha e da participação. Tornar-se seu discípulo implica a opção de não acumular tesouros na terra, que dão a ilusão duma segurança em realidade frágil e efémera; ao contrário, requer disponibilidade para se libertar de todos os vínculos que impedem de alcançar a verdadeira felicidade e bem-aventurança, para reconhecer aquilo que é duradouro e que nada e ninguém pode destruir (cf. Mt 6, 19-20).

Mas o ensinamento de Jesus aparece em contracorrente também neste caso, porque promete aquilo que só os olhos da fé podem ver e experimentar com certeza absoluta: «Todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e terá por herança a vida eterna» (Mt 19, 29). Se não se optar por tornar-se pobre de riquezas efémeras, poder mundano e vanglória, nunca se será capaz de dar a vida por amor; viver-se-á uma

existência fragmentária, cheia de bons propósitos mas ineficaz para transformar o mundo. Trata-se, portanto, de abrir-se decididamente à graça de Cristo, que pode tornar-nos testemunhas da sua caridade sem limites e restituir credibilidade à nossa presença no mundo.

5. O Evangelho de Cristo impele a ter uma atenção muito particular para com os pobres e requer que se reconheça as múltiplas, demasiadas, formas de desordem moral e social que sempre geram novas formas de pobreza. Parece ganhar terreno a conceção segundo a qual os pobres não só são responsáveis pela sua condição, mas constituem também um peso intolerável para um sistema económico que coloca no centro o interesse de algumas categorias privilegiadas. Um mercado que ignora ou discrimina os princípios éticos cria condições desumanas que se abatem sobre pessoas que já vivem em condições precárias. Deste modo assiste-se à criação incessante de armadilhas novas da miséria e da exclusão, produzidas por agentes económicos e financeiros sem escrúpulos, desprovidos de sentido humanitário e responsabilidade social.

Além disso, no ano passado, veio juntar-se outra praga que multiplicou ainda mais o número dos pobres: a pandemia. Esta continua a bater à porta de milhões de pessoas e, mesmo quando

não traz consigo o sofrimento e a morte, todavia é portadora de pobreza. Os pobres têm aumentado desmesuradamente e o mesmo, infelizmente, continuará a verificar-se ainda nos próximos meses. Alguns países estão a sofrer gravíssimas consequências devido à pandemia, a ponto de as pessoas mais vulneráveis se encontrarem privadas de bens de primeira necessidade. As longas filas diante das cantinas para os pobres são o sinal palpável deste agravamento. Um olhar atento requer que se encontrem as soluções mais idóneas para combater o vírus a nível mundial, sem olhar a interesses de parte. De modo particular, é urgente dar respostas concretas a quantos padecem o desemprego, que atinge de maneira dramática tantos pais de família, mulheres e jovens. A solidariedade social e a generosidade de que muitos, graças a Deus, são capazes, juntamente com projetos clarividentes de promoção humana, estão a dar e darão um contributo muito importante nesta conjuntura.

6. Entretanto permanece de pé uma questão, nada óbvia: Como se pode dar uma resposta palpável aos milhões de pobres que tantas vezes, como resposta, só encontram a indiferença, quando não a aversão? Qual caminho de justiça é necessário percorrer para que as desigualdades sociais possam ser superadas e seja restituída a dignidade humana tão

frequentemente espezinhada? Um estilo de vida individualista é cúmplice na geração da pobreza e, muitas vezes, descarrega sobre os pobres toda a responsabilidade da sua condição. Mas a pobreza não é fruto do destino; é consequência do egoísmo. Portanto é decisivo dar vida a processos de desenvolvimento onde se valorizem as capacidades de todos, para que a complementaridade das competências e a diversidade das funções conduzam a um recurso comum de participação. Há muitas pobreza dos «ricos» que poderiam ser curadas pela riqueza dos «pobres», bastando para isso encontrarem-se e conhecerem-se. Ninguém é tão pobre que não possa dar algo de si na reciprocidade. Os pobres não podem ser aqueles que apenas recebem; devem ser colocados em condição de poder dar, porque sabem bem como corresponder. Quantos exemplos de partilha diante dos nossos olhos! Os pobres ensinam-nos frequentemente a solidariedade e a partilha. É verdade que são pessoas a quem falta algo e por vezes até muito, se não mesmo o necessário; mas não falta tudo, porque conservam a dignidade de filhos de Deus que nada e ninguém lhes pode tirar.

7. Impõe-se, pois, uma abordagem diferente da pobreza. É um desafio que os governos e as instituições mundiais precisam de perfilhar, com um modelo

social clarividente, capaz de enfrentar as novas formas de pobreza que invadem o mundo e marcarão de maneira decisiva as próximas décadas. Se os pobres são colocados à margem, como se fossem os culpados da sua condição, então o próprio conceito de democracia é posto em crise e fracassa toda e qualquer política social. Com grande humildade, temos de confessar que muitas vezes não passamos de incompetentes a respeito dos pobres: fala-se deles em abstrato, fica-se pelas estatísticas e pensa-se sensibilizar com qualquer documentário. Ao contrário, a pobreza deveria incitar a uma projeção criativa, que permita fazer aumentar a liberdade efetiva de conseguir realizar a existência com as capacidades próprias de cada pessoa. Pensar que a posse de dinheiro consinta e aumente a liberdade é uma ilusão de que devemos afastar-nos. Servir eficazmente os pobres incita à ação e permite encontrar as formas mais adequadas para levantar e promover esta parte da humanidade, demasiadas vezes anónima e sem voz, mas que em si mesma traz impresso o rosto do Salvador que pede ajuda.

8. «Sempre tereis pobres entre vós» (Mc 14, 7): é um convite a não perder jamais de vista a oportunidade que se nos oferece para fazer o bem. Como pano de fundo, pode-se vislumbrar

o antigo mandamento bíblico: «Se houver junto de ti um indigente entre os teus irmãos (...), não endurecerás o teu coração e não fecharás a tua mão ao irmão necessitado. Abre-lhe a tua mão, empresta-lhe sob penhor, de acordo com a sua necessidade, aquilo que lhe faltar. (...) Deves dar-lhe, sem que o teu coração fique pesaroso; porque, em recompensa disso, o Senhor, teu Deus, te abençoará em todas as empresas das tuas mãos. Sem dúvida, nunca faltarão pobres na terra» (Dt 15, 7-8.10-11). E no mesmo cumprimento de onda se coloca o apóstolo Paulo, quando exorta os cristãos das suas comunidades a socorrer os pobres da primeira comunidade de Jerusalém e a fazê-lo «sem tristeza nem constrangimento, pois Deus ama quem dá com alegria» (2 Cor 9, 7). Não se trata de serenar a nossa consciência dando qualquer esmola, mas antes contrastar a cultura da indiferença e da injustiça com que se olha os pobres.

Neste ponto, faz-nos bem recordar as palavras de São João Crisóstomo: «Quem é generoso não deve pedir contas do comportamento, mas somente melhorar a condição de pobreza e satisfazer a necessidade. O pobre só tem uma defesa: a sua pobreza e a condição de necessidade em que se encontra. Não lhe peças mais nada; mesmo que fosse o

homem mais malvado do mundo, se lhe vier a faltar o alimento necessário, libertemo-lo da fome. (...) O homem misericordioso é um porto para quem está em necessidade: o porto acolhe e liberta do perigo todos os naufragos, sejam eles malfeitores, bons ou como forem. Aos que se encontram em perigo, o porto acolhe-os, coloca-os em segurança dentro da sua enseada. Também tu, portanto, quando vês por terra um homem que sofreu o naufrágio da pobreza, não o julgues, nem lhe peças conta do seu comportamento, mas liberta-o da desventura» (Discursos sobre o pobre Lázaro, II, 5).

9. É decisivo aumentar a sensibilidade para se compreender as exigências dos pobres, sempre em mutação por força das condições de vida. Com efeito, nas áreas economicamente mais desenvolvidas do mundo, está-se menos predisposto hoje que no passado a confrontar-se com a pobreza. O estado de relativo bem-estar ao qual se habituaram torna mais difícil aceitar sacrifícios e privações. Está-se pronto a tudo só para não ficar privado daquilo que foi fruto de fácil conquista. Deste modo, cai-se em formas de rancor, nervosismo espasmódico, reivindicações que levam ao medo, à angústia e, nalguns casos, à violência. Este não é o critério sobre o qual construir o futuro; também estas

MENSAGEM DO PAPA AO CONGRESSO DA VIDA RELIGIOSA DA AMÉRICA LATINA E CARIBE

Queridos irmãos e irmãs:
Uma saudação a todos vocês que participam deste Congresso virtual Continental de Vida Religiosa, convocado pela CLAR (Conferência Latino-americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas) com o lema “Rumo a uma vida religiosa intercongregacional, intercultural e itinerante”.

Obrigado por esta participação. Recordo-lhes quão importante é o desafio que nos apresenta a inculturação da fé para a vida consagrada. Quanto bem poderia nos fazer descobrir que a unidade não é uniformidade, mas pluriforme harmonia (Cf. Exort. Apostólica *Evangelii Gaudium* 220). E não esqueçamos que quem faz a harmonia é o Espírito Santo. Uma pluriforme harmonia para assumir as diferenças, valorizar as particularidades, em um espírito de uma saudável e aberta interculturalidade.

Esta presença é necessária para que possa acontecer e se desenvolver uma teologia inculturada, que se possa ser adequada à realidade local, que possa ser veículo de evangelização. Não esqueçamos que uma fé que não se incultura não é autêntica. Por isso, convidolhes a entrar naquilo que vai nos dar nessa realidade, que vai nos dar o verdadeiro sentido de uma cultura, que está na alma dos povos. Entrem na vida do povo fiel, entrem com respeito em seus costumes, em suas tradições, procurando levar em frente a missão de inculturar a fé e de evangelizar a cultura. É um binômio: inculturar a fé e evangelizar a cultura. Valorizando o que o Espírito Santo semeou nos povos, que também é um dom para nós (Ibid. 246).

Quando esta inculturação não acontece, a vida cristã e, mais a vida consagrada, acaba nas posturas gnósticas mais aberrantes e mais ridículas. Vimos isso, por

exemplo, no uso indevido da liturgia. O importante é a ideologia e não a realidade dos povos, e isso não é Evangelho. Não se esqueçam do binômio: inculturar a fé e evangelizar a cultura.

A vida consagrada é especialista em comunhão; a vida consagrada é itinerante e promotora de fraternidade. No entanto, em nosso tempo, se enfrenta a tentação da “sobrevivência”. Quantas vezes vocês fazem as contas sobre quantos religiosos ou quantas religiosas tem a minha Congregação ou as curvas de decréscimo. É uma tentação, a da sobrevivência. É bom renunciar ao critério dos números, ao critério da eficácia, que poderia converter vocês em discípulos temerosos, fechados no passado e abandonados à nostalgia. Esta nostalgia que no fundo são os cantos das sereias da vida religiosa.

Assim sendo, a estratégia e a decisão mais sensatas seriam aproveitar a oportunidade de percorrer com o Senhor os caminhos da esperança, reconhecendo que o fruto está sob a guia exclusiva do Espírito Santo.

E, o que temos que fazer? Entrem no santo povo fiel de Deus, respeitar o santo povo fiel de Deus, evangelizar, dar testemunho e o resto deixar ao Espírito Santo.

Para ajudar a alcançar o objetivo que vocês se propuseram, gostaria de recordar a vocês que a alegria, expressão mais alta da vida em Cristo, constitui o melhor testemunho que podemos oferecer ao santo povo fiel de Deus, a quem somos chamados a servir e acompanhar em sua peregrinação até o encontro com o Pai.

Alegria, alegria em múltiplas formas; paz, gozo, senso de humor. Por favor, peçam esta graça! Na Exortação sobre a Santidade, quis precisamente colocar um capítulo sobre o senso de humor. É tão triste ver homens e mulheres consagrados que não tem senso de humor, que levam tudo a sério. Mas, por favor! Estar com Jesus é estar alegre, é ter também a capacidade que dá a santidade deste senso de humor. Leiam este capítulo na minha Exortação sobre a Santidade.

Desejo-lhes um bom encontro virtual. Deus os abençoe! Que o Espírito Santo lhes conceda a luz da sua graça, para que possam ser sempre homens e mulheres de encontro, de fraternidade. Que a Virgem Santa os proteja. Ela sabe de encontro, de fraternidade, de paciência, de inculturação. Ela sabe tudo isso. Que ela os proteja. E bueno, como é de costume, agora passo a bolsa....não se esqueçam de rezar por mim, pois preciso muito. Bom encontro!”

Francisco, Vaticano 13/08/2021.



Of. 033/2021 Brasília, 14 de junho de 2021

Querido Papa Francisco

Nós, Vida Religiosa Consagrada do Brasil, neste momento tão complexo da história, fazemos eco às palavras de São Paulo:

Renunciamos aos procedimentos secretos e vergonhosos; não usamos de engano nem torcemos a palavra de Deus. Pelo contrário, mediante a clara exposição da verdade, recomendamos-nos à consciência de todos, diante de Deus. De todos os lados somos pressionados, mas não desanimados; ficamos perplexos, mas não desesperados; somos perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não destruídos. Trazemos sempre em nosso corpo o morrer de Jesus, para que a vida de Jesus também seja revelada em nosso corpo (2 Cor 4,2.8-10)

Santo padre,

A Vida Religiosa Consagrada acompanha com o olhar fixo na história e no seu pontificado esses tempos tão preocupantes para a vida da Igreja e do mundo. Sua presença sempre próxima do Povo de Deus, com

gestos e palavras, ajudando-nos a “contemplar as estrelas”, como o senhor mesmo pediu às lideranças religiosas no Iraque, para saber escutar a voz de Deus e seguir seus caminhos.

Na busca sincera de internalizar e traduzir em atos concretos a nossa adesão ao seu Magistério, organizamos no mês de maio um Seminário Nacional, envolvendo as cinco regiões do Brasil, para refletir sobre a Encíclica Fratelli Tutti e a Exortação pós-sinodal Querida Amazônia.

Foram cinco momentos de intensa reflexão com assessoria qualificada de religiosos, religiosas e cristãs leigas, que nos ajudaram na aproximação e compreensão dos elementos que ambos documentos provocam para a VRC.

A participação extrapolou nossas expectativas provando assim que a VRC está sedenta e aberta à escuta de suas palavras neste tempo de provações da pandemia.

Como o senhor deve saber, o Brasil ainda vive o pico da

pandemia, as vacinas chegam lentamente, o governo mantém uma atitude negacionista e estamos aproximando-nos da triste marca de 500 mil mortos vítimas da COVID-19 e mais de 16 milhões de infectados e recuperados, graças ao bom Deus! Muitos religiosos, religiosas, padres, bispos, seminaristas e familiares nossos foram sepultados sem direito a velório. O sentido de luto e perda grita aos céus por justiça.

No entanto, continuamos firmes na fé, mesmo que “pressionados de todos os lados”.

A CRB Nacional continua atuante. Organizamos um retiro anual, intercongregacional online, com a participação de 500 religiosas (os) com o tema “De Francisco de Assis a Francisco de Roma”. Foi um momento de intensa espiritualidade.

Estamos preparando a Escuta Eclesial para a Assembleia Latino-americana e Caribenha, iniciando com um momento único para a toda a VRC fazendo memória da Conferência de Aparecida e, na sequência, cinco encontros online com todas as categorias de pessoas consagradas

para promover o mais possível a participação neste momento de escuta:

1. Gerais, Provinciais e Conselhos;
2. Coordenadores/as de Comunidade e Formadores/as;
3. Formação Permanente;
4. Novas Gerações (Junioristas e Religiosos/as até 10 anos de Profissão Perpétua);
5. Formandos/as (Postulantes e Noviços/as).

Caríssimo e amado Papa Francisco, costumamos dizer aqui no Brasil “estamos juntos”! Estamos em comunhão com o seu profético magistério! A sua sincera busca da verdade e superação dos escândalos eclesiais e sua firme e reconciliadora palavra ajuda-nos a manter viva nossa esperança.

Imploramos ao Espírito Santo de Deus que lhe conceda saúde, coragem e ardente profecia!

Unidos na oração e na certeza de que o “caminho se faz caminhando”. Um grande e caloroso abraço da VRC do Brasil.

Ir. Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Presidente pela Diretoria da CRB Nacional e toda a Vida Consagrada



CONGREGATIO
PRO INSTITUTIS VITAE CONSECRATAE
ET SOCIETATIBUS VITAE APOSTOLICAE

Cidade do Vaticano, 24 de Junho de 2021

Prot. n. Sp.R. 2633/21

A todos os consagrados e consagradas

Caríssimos e caríssimas,

é com grande alegria que fazemos nosso o convite do Papa Francisco para empreender o caminho eclesial que terá início nos próximos dias 9 e 10 de outubro e se concluirá em outubro de 2023 com a celebração do próximo Sínodo dos Bispos sobre o tema «Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão». Em anexo enviamos o infográfico do itinerário sinodal que apresenta o caminho em sua totalidade.

Um caminho que pretende ser já uma experiência de sinodalidade porque, como nos lembra o Papa Francisco: «uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar “é mais do que ouvir”». É uma escuta recíproca em que todos têm algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: um escutando o outro; e todos escutando o Espírito Santo, «Espírito da verdade» (Jo 14,17), para saber o que Ele «diz às Igrejas» (Ap 2,7) ».

Este é «o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio» porque «o mundo em que vivemos, e que somos chamados a amar e servir também nas suas contradições, exige que a Igreja fortaleça as sinergias em todas as suas esferas de missão» (*Discurso do Papa Francisco por ocasião da comemoração do 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015).

Estas palavras desafiam fortemente a dimensão profética da vida consagrada, que encontra a sua fonte na *sequela Christi*, na comunhão com a Igreja e no discernimento que a ajuda a buscar a vontade de Deus e a transformá-la numa vida que pode despertar o mundo!

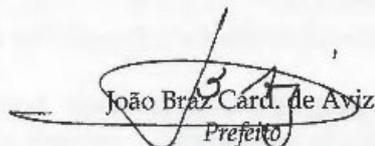
De agora em diante, ninguém deve se sentir excluído deste caminho eclesial que terá uma primeira fase de outubro de 2021 a abril de 2022, dedicada à consulta e à escuta das Igrejas locais e de outras realidades eclesiais.

Haverá várias formas de participação possíveis, tanto a nível pessoal quanto comunitário: desde a eventual presença do consagrado e da consagrada nos organismos de participação existentes nas igrejas locais até à elaboração de uma contribuição formulada pelas comunidades inseridas numa determinada Diocese até a contribuição em nível nacional ou internacional através das Conferências Nacionais de Superiores Maiores ou Conferências de Institutos Seculares, Federações, Associações Monásticas, outros grupos de coordenação, Conferências Continentais, Uniões Internacionais de Superiores Maiores (UISG e USG) e Conferência Mundial dos Institutos Seculares (CMIS).

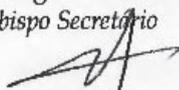
Haverá também a possibilidade de enviar contribuições a partir da experiência que cada um poderá oferecer de sua própria forma de vida consagrada: institutos religiosos, apostólicos e contemplativos, institutos seculares, membros do *ordo virginum*, eremitas, novas formas de vida consagrada, sociedades de vida apostólica.

Sintam-se desafiados e desafiadas pelas três palavras que caracterizam o tema do Sínodo dos Bispos sobre a Igreja sinodal: *comunhão, participação e missão*. Rezem, reflitam, confrontem-se e compartilhem suas experiências, suas intuições e seus desejos. Façam isso com a liberdade de quem sabe que sua confiança está em Deus e por isso é capaz de superar qualquer timidez, sentimento de inferioridade ou, pior ainda, de recriminações e reclamações. Façam-no com humildade, movidos pelo Espírito Santo e por isso sem presunção, mas sempre sentindo-se corresponsável porque «cada um dos batizados [...] é sujeito ativo da evangelização e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor de suas ações» (EG n° 120).

Para que a igreja sinodal não seja uma miragem, mas um sonho a ser realizado, é preciso sonhar juntos, rezar juntos, participar juntos.


João Braz Card. de Aviz
Prefeito

+ f. Luis R. Carballo
✠ José Rodríguez Carballo, O.F.M.
Arcebispo Secretario





CONGREGATIO
PRO INSTITUTIS VITAE CONSECRATAE
ET SOCIETATIBUS VITAE APOSTOLICAE

Cidade do Vaticano, 24 de Junho de 2021

Prot. n. Sp.R. 2633/21

ÀS UNIÕES E CONFERÊNCIAS
INTERNACIONAIS E NACIONAIS
ÀS FEDERAÇÕES MONÁSTICAS
E AOS OUTROS ORGANISMOS DE COMUNHÃO

Caríssimos e caríssimas,

Enviamos em anexo a carta que dirigimos a todos os consagrados e consagradas por ocasião do caminho eclesial rumo à celebração do próximo Sínodo dos Bispos sobre o tema *"Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão"*.

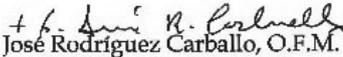
Pedimos que a divulguem através dos seus canais e, sobretudo, que promovam uma coleta de contribuições dos seus membros.

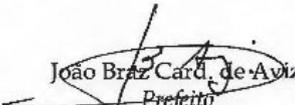
Como podem ler na nossa carta, além da participação pessoal que cada consagrado e consagrada podem dar em virtude da sua presença em alguns organismos de comunhão, ou da contribuição através da sua comunidade local, consideramos particularmente interessante que contribuições específicas sejam preparadas pelas Conferências Nacionais e Internacionais e pelas Federações de comunidades monásticas.

De acordo com a Secretaria do Sínodo, decidimos confiar a cada um de vocês o envolvimento de seus membros e a elaboração de uma síntese a ser enviada a este Dicastério até março de 2022. Será nossa responsabilidade transmitir tudo à Secretaria do Sínodo.

Agradecemos por mais este serviço na certeza que fortalecerá a comunhão nas comunidades, permitindo que surjam caminhos de missão e participação sem precedentes.

Acompanhem-nos uns aos outros em oração.


* José Rodríguez Carballo, O.F.M.
Arcebispo Secretário


João Braz Cardo, de Aviz
Prefeito



CONGREGATIO
PRO INSTITUTIS VITAE CONSECRATAE
ET SOCIETATIBUS VITAE APOSTOLICAE

Cidade do Vaticano, 24 de Junho de 2021

Prot. n. Sp.R. 2633/21

Aos Pastores das Igrejas Locais

Prezado Irmão no Episcopado,

Queremos trazer à sua atenção a carta que dirigimos a todos os consagrados e consagradas por ocasião do caminho eclesial rumo à celebração do próximo Sínodo dos Bispos sobre o tema "Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão".

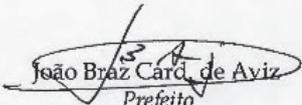
Trata-se de uma carta através da qual solicitamos e estimulamos os consagrados e consagradas de todo o mundo a participarem ativamente deste caminho eclesial. Pedimos-lhe que preste particular atenção às diferentes comunidades de vida consagrada presentes em sua Diocese, bem como à especificidade das diferentes formas de Vida Consagrada.

Como o senhor poderá ler, na carta aos consagrados e consagradas pedimos que compartilhem com liberdade e com sentimento de humildade, experiências, intuições e desejos, superando qualquer timidez, sentimento de inferioridade ou pior ainda de recriminação. Ao mesmo tempo, escrevemos-lhe porque sabemos que às vezes os Pastores conhecem pouco sobre as comunidades ou carismas presentes em suas Dioceses e, portanto, a vida consagrada permanece isolada da porção do povo de Deus presente na Igreja particular.

Esperamos que esta primeira fase do caminho sinodal, caracterizada pela escuta, se transforme em expressão de *mutuae relationes* marcadas pelo princípio da comunhão e da co-essencialidade.

Agradecemos-lhe por tudo o que o senhor fará e nos sustentamos unidos em oração.


* José Rodríguez Carballo, O.F.M.
Arcebispo secretário


João Braz Card. de Aviz
Prefeito



DESAFIOS DA PASTORAL VOCACIONAL

IR. CLOTILDE PRATES DE AZEVEDO, AP¹

Resumo

Inspirada no vídeo “Quem mexeu no meu queijo”, e, no filme Kung Fu Panda I, o artigo apresenta a necessidade que os agentes de animação vocacional precisam ter para encontrar novas formas de acompanhar os jovens no processo de escuta e discernimento vocacional. Um bom agente precisa ter os sentimentos de Jesus que sabia ver as pessoas e suas reais necessidades, diferente de quem fica na espera que as respostas cheguem de perguntas que não têm sentido.

Palavras-chave: discernimento, vocação, projeto de vida.

O atual contexto, no qual vivemos, pode ser comparado a um grande labirinto onde somos confrontados com o mesmo desafio de Snif e Scurry, Hem e Haw, personagens do vídeo motivacional “Quem mexeu no meu queijo”²: encontrar novos estoques de queijo para continuar vivendo. O queijo e a forma como os personagens o buscam tem um significado simbólico, mas pode nos ajudar a refletir sobre nossas posturas e metodologias diante dos novos desafios que essa “mudança de época” nos coloca, diante do serviço vocacional que somos chamados/as a exercer hoje.

¹ Religiosa da Congregação das Irmãs Apostolinas. Bacharel e Mestre em Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. E-mail: clotildeazevedo4@gmail.com

² <https://www.youtube.com/watch?v=GiPWvzYWYk8>, acesso 30/06/2021.

Ao mesmo tempo, os personagens do filme Kung Fu Panda 1³; o mestre Shifu e seus cinco Furiosos, o panda Pô apaixonado por Kung Fu, seu pai um fanático por macarrão e o mestre Oogway, questionam nossos arquétipos sobre o “tipo ideal” de vocacionado/a e de acompanhante vocacional.

Ao longo desse artigo, os personagens dos dois filmes serão nossos companheiros de estrada. Buscaremos com eles algumas luzes.

Desafio e fundamentação da animação e pastoral vocacional

O documento final da Conferência de Aparecida, em seu n. 14, afirma que o desafio fundamental que afrontamos é o de “mostrar a capacidade da Igreja para promover e formar discípulos e missionários que respondam à vocação recebida e comuniquem por toda parte, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo”.

Talvez, essa dificuldade em responder “à vocação recebida,” possa ter como origem a falta de clareza do que seja Vocação ou, de que método adotar para

despertar, cultivar e acompanhar estas “novas vocações”. Como nos recorda o texto base para o Ano Vocacional do Brasil, de 2003, em seu n. 119, é preciso “recuperar o autêntico sentido de vocação e ministério que, às vezes, é compreendido numa perspectiva funcionalista”. Não ter claro o conceito de vocação e, conseqüentemente, de um agir vocacional (método) pode estar na base do desafio que enfrentamos como Igreja e como Vida Religiosa Consagrada.

O contexto, atual, é marcado por “pessoas solitárias em nossas babilônicas cidades,” que vivem num mundo virtual, muitas vezes, em monólogos. É o contexto de uma sociedade líquida e, nas palavras do Papa Francisco, gassosa, na qual tudo se transforma em mercadoria, inclusive a vida. Um cenário onde existe um mundo idealizado, verdadeira “ilha da prosperidade”, distante do “cheiro de estrebaria” da gruta de Belém. Nesse contexto, os pobres sobram e, se quisermos

sermos uma Igreja samaritana, é preciso determo-nos diante dessas realidades, diante do irmão caído. [...] Mas deixar a realidade falar. Deixar-se surpreender. Não ver o outro como mesmice, prolongamento do eu, mas como totalmente outro, diferente. Uma diferença que não é necessariamente uma ameaça, mas antes promessa de novas possibilidades.

3 https://pt.wikipedia.org/wiki/Kung_Fu_Panda, acesso 30/06/2021

Descentrar-se de si mesmo e de seu mundo é condição para uma Igreja samaritana. [...] O melhor ponto de partida para uma Igreja samaritana é aquele onde estamos. [...] É preciso ter a coragem de se perguntar se, se está no lugar certo. Há certos lugares que nos impedem de ver certas coisas. [...] Não basta inserir-se no mundo. Dentro de que mundo? [...] A opção de Jesus pelo sujeito social – os excluídos – leva-o a assumir seu lugar social. Não devemos perder de vista que somos seguidores de um Jesus pobre e peregrino.⁴

Para Brighenti, numa “sociedade descredenciada da Igreja e, às vezes, por causa dela, do próprio Evangelho, [faz-se necessário seguir o apelo de] Aparecida que nos convocou a recomeçar tudo em Jesus Cristo. Voltar a redescobrir o Jesus histórico, o Galileu de Nazaré, o Samaritano da parábola”⁵

Nesse sentido, também, o serviço de animação ou pastoral vocacional não pode perder de vista sua fundamentação bíblica:

Vendo as multidões, Jesus teve compaixão, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor. Então disse a seus discípulos: ‘A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos! Por isso, peçam ao dono da colheita que mande trabalhadores para a colheita (Mt 9,36-38).

Nesse trecho, é importante

4 BRIGHENTI Agenor, *Provocações de Aparecida à vida religiosa*, In *Convergência*, setembro 2009, p. 542-543.

5 *Ibid*, p. 542.

ressaltar que Jesus, mesmo percorrendo cidades e aldeias ensinando, curando e proclamando a Boa Nova do Reino de Deus, tem sensibilidade suficiente para ver e comover-se diante da situação de um povo cansado, abatido que seguia como ovelhas sem pastor. É nesse contexto, que brota o imperativo de Jesus aos discípulos de todos os tempos: rezar pelas vocações. Mas uma oração e ação que nasce de quem tem o coração e os olhos mergulhados em Deus e, por isso mesmo, com a capacidade de um olhar mais profundo diante da realidade, um olhar de quem é profundamente comprometido com seu contexto histórico. Dissociar o agir vocacional dessa capacidade de olhar e de comoção diante da realidade é esvaziar seu conteúdo.

Deveríamos nos perguntar: de que forma nossa ação vocacional é samaritana?

Um olhar atento sobre a realidade deveria impulsionar nosso agir vocacional rumo à vinha do Senhor que “é o mundo dos homens e das mulheres que são chamados à vida plena e não é apenas a Igreja. Por isso, o trabalho de animação vocacional começa com um cuidado todo especial com a vocação da pessoa humana chamada a desenvolver relações constitutivas: consigo

mesma, com Deus, com o mundo e com os outros.”⁶

Por esse motivo, é necessário, como afirma o mesmo documento em seus números 10 e 11, ir às praças... sair. Ter a coragem de desinstalar-se; de correr riscos; de ir de encontro ao novo, ao diferente; de mudar os métodos, os interlocutores, as estruturas mentais. Sair com uma postura de escuta e diálogo para encontrar o outro: as famílias, em suas várias configurações e modelos; as várias juventudes do meio rural e urbano, agrupados nas mais variadas “tribos,” num grito silencioso por presenças que sejam referência e apontem, com suas vidas, metas e desafios pelos quais o viver adquire novo significado.

Sendo assim, em nosso atual contexto, não há lugar para um agir vocacional voltado unicamente às “nossas necessidades”. É preciso sair em busca de novos estoques de “queijo”, mas esta busca não pode visar única e exclusivamente à sobrevivência de nossas instituições ou obras, mas a continuação do carisma evangelizador doado pelo Espírito ao mundo. Caso contrário, corremos o risco de fazer de nossa ação vocacional o “setor de RH” de uma empresa ou viver a pastoral do desespero vocacional.

6 CNBB, 1º. Congresso Vocacional do Brasil (2º. CVB), Brasília: CNBB, 2005, n. 4

Implicações de um conceito

Falar de vocação é falar do “inefável diálogo entre Deus e o homem, entre o amor de Deus que chama e a liberdade do homem que no amor responde a Deus.”⁷ Ou seja, vocação é um dom e um diálogo de amor entre Deus e o ser humano: é relação de pessoas. Para que essa relação aconteça e exista um verdadeiro diálogo é necessário que: de um lado exista alguém que vai se descobrindo e crescendo como pessoa humana e, por outro lado Jesus Cristo vai sendo sentido e experimentado como uma pessoa que traz novo significado a vida humana e convida ao seu seguimento.

Se a ação vocacional parte da vocação como dom e diálogo, essa não pode acontecer fora de um contexto de gratuidade e liberdade. Tal consideração traz consigo uma dupla implicação: o diálogo exige da pessoa chamada a consciência do que seja liberdade e a coragem para entrar em um processo contínuo de discernimento⁸ (“hoje [...] eu

7 JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-sinodal Pastores Dabo Vobis, São Paulo: Paulinas, 1992, n. 36

8 “A vocação deve ser entendida e apresentada segundo esse trinômio: liberdade-transcendência-amor, que é típico da vocação cristã enquanto tal. Todo ser humano, de fato, é ‘chamado’, por aquele que lhe deu a vida, a se transcender na liberdade do amor. Se um projeto vocacional não parte desse pressuposto e não

lhe proponho a vida ou a morte, a bênção ou a maldição. Escolha, portanto, a vida” cf. Dt 30,19). Para tanto, é necessário que o/a animador/a vocacional esteja imbuído pela mística da gratuidade⁹ para não condicionar a pessoa chamada em sua opção por esse ou aquele carisma.

Muitas vezes, como Vida Religiosa Consagrada, temos pressa e nos esquecemos que as “comunidades religiosas têm como vocação ser ‘oásis de humanidade’ num mundo onde a desumanidade assume contornos assustadores, na maldade e na crueldade requintadas, que só o coração humano pervertido pode produzir.”¹⁰ Por isso, como afirma Pe. Vitória, “no âmbito da pastoral vocacional e no acompanhamento dos formandos, nas etapas iniciais, é possível

estar atentos para não deixar ir adiante religiosos cuja base humana é precária e, mesmo lançando mão do recurso da psicoterapia e da direção espiritual, não dão esperança de que algo possa mudar. Sem humanidade é impossível uma Vida Religiosa autêntica. Será um arremedo de Vida Religiosa.”¹¹

Não é demais, portanto, lembrar que a vocação nunca é finalizada na pessoa, mas é sempre em vista de uma missão e para uma comunidade concreta. O aspecto da realização pessoal existe, fomos criados e chamados à vida para sermos felizes, mas essa realização não tem um fim em si mesma. Vocação é dar a vida pela defesa da vida (cf. Jo 10,11; 15,13), ou seja, viver a vocação é a capacidade de saber amar e requer da pessoa: doação, disponibilidade, entrega e, muitas vezes, renúncia a tendências e desejos bons e não só a contravalores. A vocação leva a pessoa a ser atenta e disponível às necessidades da comunidade e de sua missão; não é fruto de uma escolha pessoal, mas de um encargo, e revela que a vontade de Deus é algo irreversível. A resistência faz parte do processo mas, aos poucos, a pessoa termina por aceitar a proposta de Deus, chegando ao ponto de transformar, completamente, seus projetos e interesses pessoais em vista da vontade de Deus.

leva a essa liberdade, contradiz-se a si mesmo e ignora a dignidade do homem, e evidentemente não forma, mas deforma”. CENCINI, Amadeo. *Vida Consagrada: itinerário formativo no caminho de Emaús*. São Paulo: Paulus, 1994. p. 37.

9 “À semelhança de Cristo Jesus que, saindo de si, foi ao encontro dos outros, nada esperando em troca (cf. Fl 2,5ss), também o discípulo missionário é chamado a profeticamente questionar, através de suas escolhas e atitudes, um mundo que se constrói a partir da mentalidade do lucro e do mercado [...] Gratuidade significa amar, em Jesus Cristo, o irmão e a irmã, respondendo, através de atitudes fraternas e solidárias, a grande questão proposta a Jesus: “quem é o meu próximo?” (Lc 10,29” - DGAE 2011-2015 n. 9.

10 VITORIO Jaldemir, *A refundação dos religiosos: uma exigência do Espírito*, In *Convergência*, julho-agosto 2009, p. 451.

11 *Ibid*, p. 452

Muitas vezes, como Vida Religiosa Consagrada, temos pressa e nos esquecemos que as “comunidades religiosas têm como vocação ser ‘oásis de humanidade’ num mundo onde a desumanidade assume contornos assustadores, na maldade e na crueldade requintadas, que só o coração humano pervertido pode produzir.”

Por isso, é importante não esquecer que “vocação é amar” e o “fundamental da vocação é o ser pessoa humana e cristã [...] (para isso) precisamos, o quanto antes, resgatar a grande vocação à vida.”¹²

Se a animação vocacional parte deste grande chão da vocação humana, o passo seguinte não pode ser outro do que não seja a vocação cristã. Na grande família dos filhos e filhas de Deus o que conta não é esta ou aquela vocação específica (Cristão Leigo/a, Ministro Ordenado, Vida Consagrada), o que conta realmente é nossa condição batismal que nos coloca no

caminho do seguimento de Jesus Cristo e da santidade: “todos somos chamados à santidade, à fé, ao seguimento do Senhor, à graça. Todas as outras vocações nascem da vocação batismal. O batismo é a base que sustenta todos os ministérios.”¹³

A santidade, contudo, não pode ser confundida como “fuga para o intimismo ou para o individualismo religioso, tampouco o abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo, e muito menos fuga da realidade para um mundo exclusivamente espiritual” (DAP n. 148), e sim, um contínuo caminho de busca da vontade de Deus, num processo de conversão e comprometimento com a realidade.

O grande sonho da animação e pastoral vocacional é ter “uma Igreja plenamente consciente de ser uma assembleia de pessoas, convocadas pelo infinito amor da Trindade, na riqueza da diversidade e complementariedade das vocações, carismas e ministérios.”¹⁴

Nesse contexto, o animador/a vocacional será aquele que trabalha por todas as vocações e não para si mesmo! Sua principal missão será a de promover um dinamismo vocacional em toda

12 CNBB, 1º. Congresso Vocacional do Brasil (1º. CVB), 1999, n. 8-9

13 Ibid, n. 11

14 Ibid, n. 48

a comunidade eclesial procurando: criar uma cultura vocacional que evidencie a dimensão vocacional de toda atividade evangelizadora; ajudar os jovens a perguntarem a si mesmos “não tanto em relação à própria pessoa e a suas inclinações, mas em relação aos outros, para que o discernimento enquadre a própria vida relacionada aos outros [...] ‘Para quem sou eu?’”¹⁵ despertar, discernir, cultivar e acompanhar todas as vocações e todos os ministérios; inserir o acompanhamento vocacional no processo de iniciação cristã.

Para isso, é necessário, usando a metáfora da parábola da vinha, sair às “praças” e ter a coragem de ousar, sabendo que toda ousadia comporta em si a saudável abertura ao diferente, às mudanças e aos tempos de crise.

Posturas diante do novo

Diante dos desafios que o novo nos apresenta, muitas posturas são possíveis. Nesse sentido, os personagens do filme “Quem mexeu no meu queijo,” ajuda-nos a perceber e, quem sabe, descobrir, em nós, uma diversidade de posturas e métodos diante do desafio vocacional que enfrentamos.

¹⁵ FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, São Paulo: Paulinas, 2019, n. 286

Se a animação vocacional parte deste grande chão da vocação humana, o passo seguinte não pode ser outro do que não seja a vocação cristã. Na grande família dos filhos e filhas de Deus o que conta não é esta ou aquela vocação específica (Cristão Leigo/a, Ministro Ordenado, Vida Consagrada), o que conta realmente é nossa condição batismal que nos coloca no caminho do seguimento de Jesus Cristo e da santidade: “todos somos chamados à santidade, à fé, ao seguimento do Senhor, à graça.

No vídeo “Quem mexeu no meu queijo”, os ratinhos Snif e Scurry não usam métodos elaborados em sua busca por queijo, apenas o método da tentativa, erro e acerto. Porém, eles estão sempre alertas a qualquer sinal de alteração no estoque ou variação do queijo; sabem adaptar-se à realidade e estão prontos a mudanças.

Os dois “homenzinhos,” Hem e Haw, têm mentes mais elaboradas, mas mesmo assim “baixam a guarda” e se acomodam em uma zona de conforto diante de um grande estoque de queijo. Mas, diante da falta de queijo, tomam posturas diferentes. Hem não consegue aceitar as mudanças de cenário, vive na base do medo e negação da realidade, prefere viver recordando o passado fazendo comparações e cobranças do que arriscar-se no desconhecido. Usa frases do tipo: “porque não esperamos que tragam nosso queijo de volta”; “não creio que vou gostar de queijo novo, quero meu queijo velho de volta,” “tenho certeza que seu eu continuar esperando aqui, as coisas vão ser como antes”. Haw, após um tempo, abriu mão do passado, adaptou-se ao presente e se lançou na aventura de enfrentar o labirinto em busca de novos estoques de queijo.

Algumas atitudes, costumes e estilos de vida, muito parecidas com as do Hem, que não condizem com a animação vocacional, podem ser: animadoras vocacionais por obrigação e não por vocação; cobrança mercantilista - quantas jovens ingressaram na congregação ou diocese?; falta de liberação e formação de pessoas; saudosismo de um tempo (vocações) que não existe mais; medo das mudanças e do diferente que os jovens apresentam; fazer

muitos cursos e nunca coloca-los em prática; queima de etapas no acompanhamento vocacional; falta de um acompanhamento que apresente a diversidade de opções na escolha de uma vocação específica; individualismo e egoísmo que geram disputas e fragilizam a animação vocacional; compreensão demasiadamente restrita sobre o serviço que a pastoral vocacional é chamada a exercer.

Para falar do método pedagógico da animação e pastoral vocacional, é bom relembrar nosso personagem Haw e sua coragem em dar passos rumo ao labirinto. Ele descobriu que para enfrentar o labirinto é necessário a coragem de se lançar rumo ao desconhecido e criar rotas (balizas) que norteiem o caminho, ajudam a fazer memória do caminho percorrido e podem servir de alerta para novas mudanças.

Haw tinha consciência do perigo de voltar aos velhos hábitos assim que se sentisse muito confortável em um novo cenário, por isso, a cada dia, inspecionava o novo posto de queijo para verificar suas condições e sempre percorria o labirinto em busca de novas áreas. Algumas de suas frases são: “Chegou a hora de agir!”, “A vida continua também devemos continuar”, “Se não mudarmos, podemos virar seres instintos”, “Imaginar um

queijo novo antes de encontrá-lo me leva até ele”, “Se fizermos as coisas diferentes, elas ficarão melhores”. Além dessas atitudes metodológicas de nosso personagem, é necessário ter a atitude básica de aproximação à realidade do vocacionado - sair e “gastar tempo” em ouvir¹⁶; o anúncio catequético bíblico-vocacional - tomar contato com a Palavra de Deus que propõe um projeto de vida claro e busca a radicalidade do seguimento de Jesus Cristo; o cultivo do processo de iniciação cristã - contribuir na formação de pessoas livres, adultas, com identidade bem definida e com profundo senso de pertença eclesial.

Não importa se levamos mais ou menos tempo para constatar a mudança em nosso cenário vocacional, o mais importante é ter a coragem de dar passos. Segundo Agenor Brighenti, as “boas ideias não caem do céu, brotam da realidade, do ensaio da resposta a novas perguntas.”

16 No líquido cenário da sociedade pautada pelo “custo benefício”, podemos ser vítimas do utilitarismo, da eficiência, da sacralidade do “meu” tempo. Neste contexto, “há pouco espaço para a gratuidade, para o outro enquanto dimensão sabática da existência. As coisas mais importantes na vida são aquelas que não servem para nada. ‘Perder’ tempo com o outro é ganhar o melhor tempo. Fora da gratuidade não há saída para a aventura humana, pois é ela a instância de sentido e de realização da vida. Fomos criados não para a segunda ou terça-feira, mas para o eterno domingo do amor gratuito de Deus”. BRIGHENTI, Agenor. Op. cit. p. 545.

Aparecida é um manancial inspirador e profético, que nos desafia a navegar em “águas mais profundas”, com a audácia dos profetas.”¹⁷

Algumas atenções vocacionais

O processo vocacional e formativo são duas vertentes de uma única estrada, onde ser vocacionada e acompanhante (formadora) pode-se entrelaçar na mesma pessoa. Para explicitar o que foi dito, irei recorrer a alguns personagens do filme “Kung Fu Panda.” Em primeiro lugar, os mestres Oogway e Shifu; o panda Pô e Tai-Lung.

A tartaruga Oogway é o sábio do Vale e mestre de Shifu. Oogway tem a capacidade de olhar além das aparências e de saber acolher os outros, criando situações que proporcionam diálogos profundos, reveladores e terapêuticos. É o caso de seus diálogos com Pô (ao confessar suas fragilidades interiores e que come quando está chateado) e Shifu (que expõe seus medos interiores e a falsa ilusão de poder controlar tudo). Oogway ajuda Schifu a perceber que deve enfrentar seus medos interiores e se desprender da ilusão de ter controle sobre as coisas e

17 BRIGHENTI Agenor, *Provocações de Aparecida à vida religiosa*, In *Convergência*, setembro 2009, p. 539

que, para cumprir sua missão, é necessário acreditar, confiar e treinar alguém em quem não acredita e vê apenas pelo externo. Algumas de suas frases: “Nada é impossível; Encontramos nosso destino pelo caminho que tomamos para evitá-lo; Não existem acidentes (acaso)”; “O ontem é história, o amanhã é um mistério, mas o hoje é uma dádiva, é por isso que se chama presente”.

O mestre Shifu é preparado, bom e com muitos valores. Porém, não tem paz dentro de si, em seus pesadelos mora a figura de Tai-Lung (um vocacionado/formando em quem percebeu grandes possibilidades e apostou, mas viu tudo desmoronar). É duro consigo mesmo e com os outros em formação. Não consegue perceber e acreditar que um “panda balofo” e fora dos padrões possa ser o “Dragão Guerreiro”. Procura, de todas as formas desmotivar Pô, fazê-lo desistir por não se enquadrar no “estilo” lutador de kung Fu. Entretanto, obedece ao seu mestre quando este pede para acreditar em Pô e olhá-lo além das aparências, a buscar novos métodos já que o tradicional não deu certo. Quando Shifu consegue olhar para dentro de si mesmo, e de seus medos, consegue enxergar o panda como ele é, e acaba descobrindo o método para treiná-lo.

O panda Pô é entusiasmado, grande, um pouco desajeitado,

simpático, sonhador, não acredita em si, mas possui determinação interior. Sonha em ser lutador de Kung Fu e não em seguir os sonhos do pai. É apontado por Oogway como o escolhido para ser o “Dragão Guerreiro”, mas não se vê como os “5 furiosos” (formandos de Shifu) e se sente um nada. Mas, consegue afirmar: “Um guerreiro de verdade nunca desiste. Não se preocupe mestre, eu nunca vou desistir”.

Pô procura se relacionar com os “5 furiosos,” que o rejeitam por ser diferente e acaba conseguindo quando é ele mesmo. Ao ser questionado por Shifu porquê não foi embora quando ele fez de tudo para que desistisse, admite que o que o mestre fazia e falava o magoava profundamente, só não magoava mais que o fato dele ser ele mesmo todos os dias... um “Panda gordo e desajeitado”. Confessa que ficou porque esperava que alguém o pudesse mudar, ou seja, fazê-lo não ser ele, e esse alguém era o mestre.

Quase ao final do filme, Pô tem uma grande frustração quando abre o pergaminho e o descobre vazio, sem a mágica que o transformaria em outra pessoa. Será o pai quem o ajudará a descobrir que não tem ingrediente secreto, o segredo está dentro dele

mesmo e que tornar-se o dragão guerreiro não é mágica, deve-se acreditar nisso. O pai acende a luz, que faltava e ele percebe ter a força para vencer Tai-Lung: “Não sou um grande gordo panda. Eu sou o grande gordo panda”. Pô consegue ver dons onde, antes, via apenas “defeitos”.

Conclusão

Esses personagens nos alertam sobre a necessidade de não parar diante da realidade das “juventudes,” que hoje encontramos, mas ter a coragem de reformular nossos esquemas vocacionais e formativos que podem estar necessitados de processos curativos e de conversão. Essas “novas vocações” requerem de nós a consciência de que: na missão vocacional não existem “destinatários”, mas “interlocutores” que também têm muito a nos ensinar; o único método evangelizador/vocacional é o da “persuasão pela força do amor” (cf. Bartolomeu de Las Casas), ou seja, deve-se “irradiar para persuadir”; não podemos restringir nossa animação vocacional a eventos, “devemos suscitar e acompanhar processos.”¹⁸

18 FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, n.297

No contexto atual, é necessário um processo vocacional-formativo integrado, capaz de correr riscos, de adaptar-se e deixar-se transformar em seus métodos e estilos pela nova realidade vocacional. Sem deixar de colaborar para que os/as vocacionados/as cresçam no diálogo com os homens e mulheres, de hoje, a partir da experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo para ser “amigos fortes de Deus” (Santa Teresa). Como afirma o Papa Francisco, na *Christus Vivit*, em seu número 290: “Antes de toda lei e de todo dever, o que Jesus nos propõe para escolher é um seguimento como o de amigos que se visitam, se procuram e encontram puramente por amizade. Tudo mais vem depois, e até os fracassos da vida poder ser uma experiência inestimável dessa amizade que nunca se rompe”.

Bibliografia

- JOAO PAULO II, SS. Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Pastores Dabo Vobis”. São Paulo: Paulinas, 1992.
- PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Christus Vivit”. São Paulo: Paulinas, 2019.
- CNBB. 1º Congresso Vocacional do Brasil (1º CVB), 1999.

- CNBB. 1º Congresso Vocacional do Brasil (2º CVB), Brasília: Edições CNBB, 2005.
- BRIGHENTI, Agenor. Provocações de Aparecida à Vida Religiosa. *Convergência*, setembro 2009, nº 424.
- CENCINI, Amadeo. *Vida Consagrada: itinerário formativo no caminho de Emaús*. São Paulo: Paulus, 1994.
- CECINI, Amadeo. *O respiro da vida*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- JIMENO, Pedro Ricardo Barreto. *Por uma Vida Religiosa místico-profética a serviço da vida*. *Convergência*, janeiro-fevereiro, nº 428, 2010.
- VITÓRIO, Jaldemir. A refundação dos religiosos: uma exigência do Espírito. *Convergência*, julho/agosto 2009, n. 423.
- VITÓRIO, Jaldemir. *A pedagogia na formação*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- Vídeo “quem mexeu no meu queijo”: <https://www.youtube.com/watch?v=GiPWvzYWyk8>
- Filme: https://pt.wikipedia.org/wiki/Kung_Fu_Panda

AS ELEIÇÕES NAS CONGREGAÇÕES: PONTO CRUCIAL¹

AQUILINO BOCOS MERINO²

Resumo

O artigo expõe com muita propriedade um tema espinhoso e político: as eleições nas congregações. Saber eleger à luz da Palavra de Deus, da realidade do instituto e dos apelos da Igreja. Cada escolha precisa ser avaliada dentro do grande projeto carismático como fidelidade dinâmica ao carisma fundacional. Escolher um superior (a) geral, provincial e conselho, requer uma capacidade orante e desapegada

dos eleitores tendo em vista o bem comum do instituto. Trata-se de uma tarefa vivida na preparação do capítulo, na sua execução e na continuidade dos projetos escolhidos para que uma equipe tenha condições de trabalhar na diversidade na busca sincera da comunhão.

Palavras-chave: eleição, superior (a) geral, provincial.

Na ante sala do Capítulo, a esperança

É um fato. Cada eleição, num instituto, tem a esperança na

1 Artigo publicado na revista Vida Religiosa, 03/2016, col. 120, pg. 71-94, tradução Padre João Mendonça, sdb.

2 Conselheiro da Revista Vida Religiosa – Madri.

continuidade da sua vida e missão. As eleições se sustentam dela e se nutrem dela. Fundamentados nesta esperança, os religiosos (as) buscam pessoas que possam guá-los e animá-los no caminho de fidelidade a Jesus, segundo o carisma fundacional e na missão que lhes foi confiado pelo Espírito Santo na Igreja. É subjacente, portanto, a convicção nos eleitores (as) de ser mediação humana para designar os que irão ser a memória efetiva dos dons recebidos, força aglutinante e impulso de idades, culturas e procedências das obras para construir o Reino de Deus. O que nenhum capitular pode esquecer é que seu voto é um instrumento nas mãos do Espírito Santo, que é invocado sempre no início do Capítulo e que ilumina todas as etapas com suas inspirações e moções.

O que não foi dito ainda sobre as eleições nos Capítulos? Nos anos de renovação pós-conciliar, foram muitas as sugestões oferecidas sobre o fato e o procedimento das eleições. Procurou-se cuidar cada vez mais da preparação imediata: a participação por meio de pesquisas e outras formas de informação; sobre tudo, a oração e o discernimento. “Não tomamos banho duas vezes nas águas de um mesmo rio”, como dizia Heráclito. Em poucos anos,

mudou-se o panorama eclesial, social, cultural. Mudanças que afetaram a vida consagrada na sua forma de enfrentar os desafios que chegam.

Três considerações

A etapa das eleições de governo, dentro de um capítulo, seja geral ou provincial, é a que mais expectativa gera, contudo, talvez, não é a melhor preparada. Um risco bastante comum é o imediatismo ou a falta de perspectiva. Algumas vezes, a eleição é apressada, sem o cuidado de que não basta escolher alguém simplesmente para ocupar um posto ou no governo central ou num conselho, mas deve-se acertar na escolha daqueles que governam o instituto. Há pessoas que resolvem os momentos de indecisão dos capitulares sem esperar que seja feito um discernimento por um ou outro candidato (a), com isso, deixam de lado a necessidade da comunidade, que precisa caminhar com o vigor carismático e com a ousadia missionária. A eleição é para garantir que se viva com prazer a unidade e potencializar o dinamismo espiritual e apostólico durante os anos seguintes. As eleições não são uma coisa à parte, se não, o marco mais importante, seguido não apenas pelo capítulo, mas pela congregação ou pela província. Daí a necessidade de dar

A eleição é para garantir que se viva com prazer a unidade e potencializar o dinamismo espiritual e apostólico durante os anos seguintes.

importância e densidade à etapa das eleições e da necessidade de que esta seja bem preparada.

As eleições devem sair da gaveta daquilo que não são e colocá-las ou compreendê-las no seu verdadeiro sentido e finalidade. Os capítulos não são sessões do congresso Nacional ou reuniões de empresas, ou clubes de esporte que elegem seus dirigentes. As intenções e os interesses que envolvem tais escolhas são bem diferentes. Cada instituto é uma parábola do Reino, cujas mediações estão embebidas do Espírito Santo, nas quais transparecem o dinamismo do carisma, da fraternidade (comunhão) e da missão. Pelo menos, isso é o que deve ser. Porque somos humanos, é óbvio, que não encontraremos pessoas perfeitas, porém, temos a obrigação de buscar aquelas que melhor podem fazer o que for possível para construir e dinamizar a comunidade ou a província. Existem pessoas bem preparadas espiritual, intelectual e profissionalmente, no entanto,

são incapazes de entrar em relação, de harmonizar, de motivar e de impulsionar novos projetos. Em nossos dias, precisamos de religiosos (as) que sejam capazes de gerar vida nova e que saibam transmitir esperança. Gente de governo, egoísta, triste, isolada, manipuladoras, centralizadoras e que parecem ter nascido para mandar nos outros não servem para dinamizar o carisma.

A diversidade de situações e modos de proceder dos institutos. Algumas Ordens têm capítulos com um tema específico e eleições. Alguns institutos preparam os candidatos com antecipação e outros, não. Os superiores gerais e provinciais ou de organismos são eleitos dentro de seus capítulos e outros são nomeados pelo Governo Geral. Por outro lado, não tem o mesmo efeito, as eleições, numa congregação que numa província. Inclusive, falando de uma congregação, depende muito do número e dos serviços que prestam à Igreja. Isto requer cultivar o realismo e, segundo a situação do instituto ou da província, seria oportuno pensar numa estrutura ou formas diferentes para a composição do governo. Quando os institutos, os mais pequenos, com muitos organismos de serviço, poderiam pensar em uma forma de governo proporcional que deixe a centralização e dê margem a descentralização. Às vezes

Existem pessoas bem preparadas espiritual, intelectual e profissionalmente, no entanto, são incapazes de entrar em relação, de harmonizar, de motivar e de impulsionar novos projetos. Em nossos dias, precisamos de religiosos (as) que sejam capazes de gerar vida nova e que saibam transmitir esperança. Gente de governo, egoísta, triste, isolada, manipuladoras, centralizadoras e que parecem ter nascido para mandar nos outros não servem para dinamizar o carisma.

formas de consulta aos membros dos institutos, sem transparência do resultado das indicações, dão margem a centralização e manipulação de resultado, mantendo a verticalização dos institutos e o descrédito de tais consultas.

Diante das eleições

Tomar consciência da situação e evitar a autorreferencialidade.

O normal é que, antes do capítulo e, sobretudo, durante o mesmo, seja feita uma avaliação do estado da congregação ou da província e da gestão realizada pelo governo cessante. Isso ajuda a suscitar propostas para o futuro. Aos eleitores é necessário recordar que precisam estar atentos para evitar o divórcio entre a compreensão da situação e a proposta de pessoas para o governo. Às vezes, somos ágeis demais em criar metas de futuro e acabamos elegendo pessoas sem visão e sem capacidade de concretizar as metas. É muito comum a sensação de que se são nossos amigos, seremos favorecidos e defenderão nossos interesses na congregação ou na província. São interesses nada limpos que impedem que o instituto avance. Formas de autorreferencialidade nada sadias, inclusive nas ideias¹.

1 Não podemos viver separados da realidade. O Papa Francisco comenta: "A ideia, as elaborações capitulares, está em função da captação, da compreensão e da condução da realidade. A ideia desconectada da realidade origina idealismos e nominalismos ineficazes, que 'podem classificar ou definir, nunca convocar. O que convoca é a realidade iluminada pela razão. Temos que passar do nominalismo formal a objetividade harmônica. De outro modo, a verdade é manipulada. Há políticos e superiores que se perguntam por quê o povo não os compreende e não os segue, se suas propostas são lógicas e claras. Possivelmente seja porque ficaram na pura ideia e reduziram a política e a fé a pura retórica. Outros esqueceram a simplicidade e importam desde fora racionalidade alheia às pessoas;

Qual estilo de governo necessitamos?

Convém pensar de antemão, no estilo de governo que necessitamos. O estilo é um modo, uma maneira de ser e de atuar. Está repleto de detalhes e atitudes que dão um perfil preciso no modo de governar. Esse estilo configura-se, hoje, em três fontes de alimentação.

A experiência carismática: tem 22nhão de sentimentos com os fundadores (as). Convém meditar com tempo naquilo que as Constituições dizem sobre os superiores. Geralmente, encontramos na terceira parte, nos regulamentos que falam do governo. É importante ler com atenção, porque nelas estão definidas o princípio e o fim da congregação, então, não se trata apenas de fazer memória dos requisitos que estão definidos, mas de ter presente os elementos fundamentais do carisma, a partir da experiência do fundador (a). A vivência carismática é a melhor correção contra as saudades inúteis e a fuga do futuro. Quem simpatiza com o fundador (a) sente-se na onda paternal ou maternal, que implica o projeto fundacional e contagia os valores que configuram a sua identidade e missão, na Igreja. É capaz de viver a experiência de família e se empenha em conjugar culturas e cultura da congregação.

O contexto antropológico e eclesial. Nesses últimos anos, a antropologia tem fortalecido a ideia da pessoa em relação a alteridade, a escuta, o encontro, à proximidade, à compaixão. A fala sobre a força da liderança, com espírito e com empatia e persuasão. Isso significa ter visão, projetualidade, inovação, partilha, criatividade e ousadia. No contexto eclesial, sobretudo desde o Sínodo de 1985, enfatizou-se o tema da comunhão, com ênfase em que somos “instrumentos de comunhão” e devemos fomentar a “mística do encontro”. Mudou o modelo da verticalidade pela circularidade. Faz algum tempo, o acento recaiu na missão com tudo o que hoje invoca saída, fronteira, periferia. O estilo de governo fica, assim, caracterizado pelo diálogo, integração, corresponsabilidade no conjunto do Povo de Deus.

A situação interna dos institutos. Trata-se de uma situação ambivalente, pois a consciência do que somos e para onde vamos

Quem simpatiza com o fundador (a) sente-se na onda paternal ou maternal, que implica o projeto fundacional e contagia os valores que configuram a sua identidade e missão, na Igreja.

é de grande lucidez, no entanto, não são poucos os obstáculos para manter a fidelidade na missão e conseguir as metas que aspiramos. Deixamo-nos abater pela precariedade das vocações e o aumento da distância entre as gerações. Um capítulo é uma boa ocasião para exorcizar os demônios e os espíritos malignos que nos acachapam, como a diminuição dos membros e as obras que ainda restam; a mundanização e a evasão diante do compromisso; o sonho de prestígio e a eficácia. Um capítulo também é uma oportunidade para curar feridas abertas e promover a reconciliação.

Eleger governo hoje

Indo além do que significa ocupar uma cadeira, poder, falemos do governo e destaquemos algumas facetas a mais, como complemento do que acabamos de refletir.

O governo coloca o acento, hoje, nas pessoas, muito mais do que nas normas. É mais participativo e coordena-se em ordem a decisão. Busca pessoas abertas e capazes de empatia nas relações humanas, que comuniquem, que sejam maduras, transparentes, livres e responsáveis em tudo o que faz. Pessoas que tenham boa vontade, doce de serenidade e tenham dominado a ambição que

não respeita e atropela. Pessoas que tenham sido agraciadas com a sabedoria e que se façam amigos de Deus e profetas (Sb 7,27). Pessoas, que depois das consultas, sejam capazes de decidir de forma breve porquê o nosso tempo é acelerado. Estamos num momento em que conjugar identidade e diferença, proximidade e distancia, presença e ausência, centro e periferia, são urgentes. Há uma cobrança em relação ao dinamismo de comunicação, de transparência, de corresponsabilidade e de subsidiariedade. É obvio que haja uma cobrança por lideranças de corresponsabilidade e de trabalho em equipe².

O governo precisa acentuar sua dimensão de serviço e não de executivos leigos (Mt 20,26-28) que podem prestar tarefas neutras ou interessadas no poder, no prestígio, na notoriedade. O governo deve estar centrado no essencial e com os olhos fixos em Jesus, que, sendo de condição divina, fez-se um de nós (Fil 1, 6-7); viver como o bom pastor e, na busca da ovelha perdida; identifica-se com o bom samaritano e com o pai do filho prodigo; e, no final da vida, deu a nós o exemplo, lavando os pés dos discípulos. O estilo de quem governa, nos tempos atuais, deve ser embebido de

² BOCOS, MERINO, AQUILINO, Liderazgo y proximidade. Valor de la presencia en el gobierno de la vida consagrada, PCL, Madrid, 2026.

compaixão e profetismo. Hoje, é necessário apostar em quem seja capaz de exercer a liderança de forma profética. O profeta é aquele (a) que vai mais além, em águas mais profundas, que saiba captar o sentido das coisas e os acontecimentos e oferece luz, fé, esperança, alegria e ternura.

Ao governo pede-se que seja capaz de ser agente, capaz de regenerar carismaticamente e de inovar a instituição. Não há regeneração sem desmonte de modelos e sem transformação, ou seja, sem mudanças profundas. Aos quem são candidatos a cargos, será pedido promover, seguir o impulso e fazer novos processos; definir prioridades e criar novos cenários para a vida comunitária e missão evangelizadora. Por isso, espera-se que tenham visão para saber para onde vai a congregação, tenha sensibilidade diante dos problemas sociais de pobreza e injustiça, criatividade e capacidade de iniciativa. As comunidades sofrem forças que sugam, que causam dispersão, que geram paralelismo nas vidas e desconexão nos projetos. Por conseguinte, o processo de recriação do governo deve conjugar animação e liderança que desperte o mundo, que coloque a congregação em saída, que siga a lógica das periferias, que cultive a cultura do encontro e não a cultura do descarte; que promova a integração e que trate

com esmero os conflitos. Não podemos esquecer essas chamadas do Papa Francisco.

Será sempre pedido que o governo se ocupe da missão evangelizadora, da espiritualidade, da animação vocacional, formação e comunicação, como da administração dos bens, porém, hoje, espera-se que o governo sinta-se comprometido em ter maior atenção às idades das pessoas, à diversidade cultural e à missão partilhada. Pode-se, também, acrescentar, nessa lista, as relações intergeracionais, intercultural, intercongregacional, entre carismas e ministérios, entre os estados de vida de cristãos leigos e religiosos (as). Esta harmonia é um sinal importante da missão partilhada que deve ser fortalecida.

Estamos numa era digital, e o governo não pode relaxar as correlações que existem entre as muitas vantagens e os riscos que podem surgir. As possibilidades para a comunicação, a formação, a missão e a gestão são enormes. No entanto, não se pode esquecer que a proximidade física, a presença, é o valor maior da relação entre governo e religiosos (as). Isso desafia os membros do governo a evitar perda de rumo e de pessoas nestes mundos paralelos, virtual e físico.

Algumas perguntas continuam surgindo em todo esse contexto:

Qual o perfil de pessoas e de equipes a congregação necessita, hoje, para levar adiante a missão? Quais qualidades os candidatos (as) deveriam ter para o exercício de governo? Precisamos responder com realismo e não cair na tentação de respostas motivadas por questões externas ou por especialistas que surgem com soluções idealistas e pouco práticas³.

As eleições

Deixar-se interpelar pela Palavra de Deus

Durante a preparação do capítulo, toda a congregação fica na escuta da Palavra de Deus, da Igreja e de si mesma como comunidade universal. Quando se aproxima as eleições, a escuta atenta do chamado de Deus fica mais acuda e cresce o desejo de colocá-la em prática (Lc 11,29). É como se Jesus estivesse na porta de nossas vidas (Ap 3,20).

A Palavra de Deus torna-se muito mais frequente durante os capítulos, porém, durante os dias de eleições, a escuta e a meditação iluminam, interpelam, aquecem, sustentam, consolam,

3 FRANCISCO, Discurso a los consagrados (01/02/2016), dizia: "A profecia é saber dizer ao povo que existe um caminho de felicidade, de grandeza, um caminho que preenche de alegria, que é o caminho de Jesus. De estar com ele. Trata-se de um dom, é um carisma a profecia e devemos pedir ao Espírito Santo".

curam e congregam. A experiência ensina que, se queremos que o capítulo seja sereno, é preciso que a Palavra de Deus seja interiorizada e reconcilie. A Palavra é uma pessoa, o Senhor da história e de todos os acontecimentos. Jesus Cristo é o centro e a luz que guia e converge a todos no discipulado e na fraternidade. Ele continua chamando, pedindo conversão e enviando em missão. Ele abre nossos olhos para crer mais, esperar e amar mais. Por isso, nas eleições, é necessário ouvir a Palavra e se deixar questionar.

Para uma preparação imediata, é interessante ler os textos: unção de Davi (1 Sm 16, 4-17); a anunciação (Lc 1,26-38); saber servir (Lc 22,24-27); Jesus servidor (Mt 20, 26-28); quem quiser servido, sirva (Mc 10, 42-45); Jesus torna-se servo (Fil 2, 5-11); a oração de Jesus ao escolher os discípulos (Lc 6,12ss); a eleição de Matias (Atos 1, 21-26); o pastoreio de Pedro (1 Ped 5,1-5); o conselho do sogro de Moisés (Ex 33,12-23); obedecer aos pastores (Hb 13,17).

Basta reta intenção nas eleições?

As eleições não podem ser feitas apenas com a reta intenção. Leão Tosltoi dizia "Todos querem mudar o mundo, porém, ninguém pensa em mudar a si mesmo". Quem elege precisa mudar, purificar sua própria

sensibilidade e suas atitudes para que as eleições não estejam baseadas em preferências intimistas ou fobias preconceituosas ou interesses egoístas.

As exigências são: 1. Um esforço especial para obter informação mais ampla e verdadeira. Não apenas pelas pessoas mais idôneas em abstrato, mas com aquelas que convém; 2. Maturidade no juízo na decisão, que, por sua vez, exigem liberdade e generosidade; 3. Sacrificar as pretensões egoístas pelo bem comum, pelo bem da congregação.

Tudo isso requer sabedoria do espírito, coisa pouco comum. É o espírito que penetra tudo, julga tudo, purifica tudo, ilumina tudo e impulsiona tudo. As eleições estão permeadas pelo discernimento, pelo desejo de acertar para superar os momentos obscuros e os emaranhados de problemas.

Observemos as pessoas que ficam tristes ao deixar os cargos ou quando não são eleitas. Esses sintomas revelam o serviço centrado em si mesmo e não nos outros. É correto o provérbio: “Aquele que teme perder, não o possui, na realidade ele possui a si mesmo”.

Responsabilidade

Por parte dos eleitores

A principal responsabilidade dos eleitores é buscar o bem da

Igreja e do instituto no seu conjunto. O eleitor foi previamente eleito. A congregação colocou nele a sua confiança. Por isso, é pedido a ele uma responsabilidade diante da congregação, para que colabore com a qualidade evangélica e o dinamismo missionário. Espera-se que o eleitor vote de forma consciente pelo bem comum na congregação, da Igreja e do impulso missionário aos pobres e excluídos.

Desde o momento que um eleitor (a) sabe que vai participar de um capítulo, deve começar a aprofundar ainda mais o conhecimento do estado da congregação ou da província, conhecer a índole dos possíveis candidatos (as), fazer um discernimento apurado e responsável com motivações purificadas de prejuízos, ser sincero (a) e saber partilhar opiniões.

Ao eleitor (a), é bom recordar o que dizia São João da Cruz sobre o “pássaro solitário” que sobe ao ponto mais alto e coloca o “bico no voo do Espírito Santo”⁴ e fica atento ao chamado de Deus, da Igreja, da congregação. A partir dos sinais que consegue captar, aposta na vida nova do instituto, nos pontos de convergência e gera esperança. Colocar o bico no voo do Espírito é o mesmo que ampliar horizontes e saber discernir as vozes externas. Saber

⁴ São João da Cruz, Dichos de luz y amor, n. 125.

escutar as vozes das pessoas externas ao evento, sobretudo os cristãos leigos (as) e demais associados (as).

Algumas questões extremas que precisam ser evitadas: calar ou falar demais; omitir-se e achar que tudo depende da ação de uma pessoa. Por isso, saber cuidar das palavras e do silêncio ajuda a não incorrer em erros. Num outro extremo, está o terrorismo das gritarias. Papa Francisco dizia numa circunstância “Escutem bem. Não às gritarias, porque estes são atos terroristas dentro da própria comunidade porque, lança bombas contra as pessoas e depois vai embora tranquilo. Quem assim atua destrói e nada constrói”.

É muito difícil ter o equilíbrio entre a transparência e a discrição. Tanto aquele que fala, como o que escuta, precisam se despojar da pretensão de possuir a verdade e a caridade. Toda liberdade fica comprometida e a desconfiança é semeada. Isso não é simples, mas é preciso ter a capacidade de superar as influências negativas que podem proceder do mesmo governo existente e dos grupos de pressão e interesses partidários.

Da parte de quem é eleito (a)

A pessoa eleita também precisa exercer sua responsabilidade.

Tanto para aceitar como para renunciar. Precisa fazer o exame da própria vida, da transcendência dos seus atos. Examinar suas limitações e ser honesto (a). Tem que saber medir suas forças espirituais e psicológicas. Sua serena vida teologal e a prazerosa experiência vocacional. Ser consciente de sua sintonia com o que o capítulo propõe e a sua capacidade para levar adiante os seus sonhos e projetos. Precisa examinar a sua capacidade de compreender a mudança de época e impulsionar o instituto pra frente. Não precisa ser um herói ou heroína, mas ser humilde e disponível para aprender, para acolher e colaborar e saber fazer. Sobretudo, tem que olhar o próprio coração e enxergar como palpita pelos outros. O amor a seus irmãos e irmãs, aos outros membros do conselho, aos inimigos, aos que têm outro ponto de vista; tudo isso é uma composição de fatores positivos para saber aceitar.

Entre a consulta e as votações eletivas

Com alguma frequência, é comum fazer uma consulta entre os capitulares para indicar nomes do possível superior (a) geral e conselheiros (as). No entanto, nem sempre as consultas coincidem com os resultados. Entre a sondagem e a eleição deve

haver um tempo para oração e reflexão e verificar os contrastes. A mudança acontece entre a emotividade e a responsabilidade. Em muitas ocasiões, diante da seriedade do fato, é preciso vencer as tentações e purificar as motivações. São horas de discernimento diante de Deus e da congregação.

Gratidão e prazer

A primeira atitude dos capitulares, ao verificar que o superior geral ou provincial foi eleito, é de gratidão. Temos que agradecer a Deus que abençoou a congregação na pessoa que, generosamente aceita, está disposta a servir a congregação. A segunda atitude é o prazer, próprio de quem celebra o dom do Espírito que fortalece na congregação a graça da unidade na caridade. As rivalidades, reservas e pequenas sombras que pairam nas eleições desaparecem por meio dessas atitudes. Agradecimento e prazer são atitudes para durar por todo o período de governo.

A eleição do conselho

Com especial esforço

A eleição do superior geral é importante, como também dos conselheiros (as). Elas determinam frequentemente o destino

do governo. É uma verdade que as pessoas eleitas estão comprometidas em formar uma equipe. Os conflitos que, em muitas ocasiões, acontecem nos governos provem de eleições equivocadas. Por isso, mesmo, o cuidado deve ser dobrado.

Antes de eleger os conselheiros (as), convém sublinhar que são apenas conselheiros (as) de um superior ou de um provincial e,

Diante disso:

1. O primeiro serviço do superior e seu conselho é ser sinal e instrumento de unidade, de comunhão, de animação. As pessoas as quais integram o conselho estão convocadas a ser algo mais que um grupo eficaz em seus trabalhos;
2. Deve ser uma comunidade simbólica, exemplo e testemunho. O primeiro objetivo é ser sinal de comunhão e de unidade do instituto;
3. No conjunto do conselho é onde se esclarece o primeiro sentido de responsabilidade e missão partilhada, que é um dinamismo essencial para os institutos em nossos dias;

dessa forma, é preciso questionar o quantos eles e elas estão convocados (as) a ajudar no governo. O papel do superior (a) é mais relevante que a dos conselheiros (as).

Mesmo que as eleições sejam feitas a partir da diversidade que existe entre as pessoas, a busca e a práxis de comunhão, no nível interno e exterior, supõe uma grande ascese. É necessário ser consciente do papel que cada um ocupa, finalidade e destino. Frequentemente, isso exige muito desprendimento e também sofrimentos. Esse serviço se desenvolve baixo a impronta do mistério pascal.

O pior que pode acontecer, num conselho, é quando os membros começam a dizer: “Por que vocês, por que eles?”. Como se o conselheiro estivesse fora dos problemas e, portanto, à margem do grupo nomeado para o governo. Pior ainda, quando um conselheiro (a) que recebe um cargo para uma missão determinada: formação, espiritualidade, economia, etc, assume a coisa como algo próprio sem permitir que os outros possam opinar. Às vezes, a prudência, a competência e a retidão não andam unidas com a capacidade de trabalho em equipe não proporcionam a renovação do próprio instituto. Isso nos ajuda a recordar o que segue.

A difícil alternativa; representação ou preparação

Nas eleições de conselheiros e conselheiras, é importante ter critérios de representação e competências. A representação pode ser feita por áreas geográficas, língua, serviços, apostolados e capacidades para algumas atividades especiais. A competência está em sintonia com as habilidades da pessoa e da prudência, disponibilidade, colaboração, trabalho em equipe. Representação e competência não devem ser considerados como critérios contrapostos. O ideal é que sejam unificados. Uma competência baseada na qualidade de vida pessoal, preparação, capacidade de trabalhar em equipe, fidelidade e entusiasmo com o todo da congregação. Os conselheiros gerais e provinciais são autênticas escolas de governo. Os mestres dessas escolas não são os superiores, mas cada um dos membros que ajudam os companheiros a desempenhar seu serviço.

Numa eleição, é preciso também considerar a dupla dimensão da congregação e dos organismos que a compõem. É bom ter um governo central de excelência, porém, sem esquecer que a vida da congregação acontece no cotidiano dos organismos maiores, que também necessitam ter boa gestão dentro do conjunto da congregação. Algumas

vezes, acontece que se elege uma elite bem preparada para o governo geral e as províncias ficam capengas de boas lideranças, impedindo o próprio governo geral de encaminhar as decisões tomadas por falta de pessoas habilitadas para concretizar as metas. Por isso, é urgente evitar esta tensão entre o universal e o particular, o global e o local.

Um problema a ser evitado

Como é frequente acontecer, nos capítulos, a escolha entre os candidatos acaba por acentuar as diversidades e sensibilidades e, de forma até perigosa, acaba-se por escolher pessoas alternativas. Às vezes, o superior(a) geral eleito (a) representa uma ala do instituto e o vice a outra. Quando isso acontece para equilibrar as tendências, é até bom, mas se o vigário (a) é eleito (a) para ser uma presença crítica ao superior (a) geral, então há um problema que deve ser evitado, pois compromete o futuro da instituição. É contraproducente escolher um superior (a) geral e um vice que seja totalmente contrários(a) tanto em mentalidade quanto em prática. Isso pode provocar a não busca de unidade, mas uma dispersão de energia e forças.

É triste quando acontece dos membros de uma província promoverem uma pessoa para o conselho geral com o objetivo

de tirá-la da província, porque incomoda. O dito “promover para remover” é maquiavélico e nada construtivo. Os grandes obstáculos para formar um conselho, trabalho de equipe são o egoísmo, a hipocrisia, a inveja, a vaidade, a atuo-suficiência, a suspeita, o ativismo, a falta de liberdade, as críticas e murmurções excessivas. Um equipe verdadeira se constrói a partir do diálogo, da diversidade de opiniões, de consensos. Por isso, as pessoas que dão sinais de não ter habilidades para isso, devem ser evitadas e nunca eleitas. A questão não é apenas o bem do conselho geral, mas o bem estar de toda a congregação.

Depois das eleições

As eleições iniciam um caminho, nunca fecham as possibilidades. Todos somos irmãos e irmãs, companheiros (as) de caminhada. O resultado de uma eleição exige a continuação da confiança nos membros eleitos. Cada vez que manifestamos nossa adesão, obediência, solidariedade e apoio aos membros do conselho, estamos confirmando o processo feito para a eleição. Os superiores não existem apenas depois de eleitos (as), mas a partir do momento em que são apoiados, incentivados e reconhecidos. O superior (a) é aquele (a) que sabe somar os pontos de

vista, o projeto comum da fraternidade e da missão.

Podem surgir dúvidas, momentos de sombra, de sofrimento, porém, não é a perda do caminho, mas o reconhecimento que se deve fazer caminhos em busca da luz, por meio da conversão e do seguimento de Jesus, caminho este que, certamente, terá momentos de cruz e de dor. O profeta Miquéias sai ao nosso encontro quando diz: “O que pedes ao Senhor? Que vivas com justiça, que ames com misericórdia, e que caminhes humildemente com o teu Deus” (6,8).

Bibliografia

BOCOS, MERINO, AQUILINO, Liderazgo y proximidade. Valor de la presencia em el gobierno de la vida consagrada, PCL, Madrid, 2026.

Francisco, Exortação Apostolica Evangelii Gaudium, n. 96.

São João da Cruz, Dichos de luz y amor, n. 125.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS E OS ESTIGMAS

FREI JOÃO DE ARAÚJO SANTIAGO, OFMCA¹

Resumo

Em nossos dias, de forma muito peculiar no contexto eclesial, estamos sendo convocados ao diálogo, a dialogar. Não devemos dar por descontado a capacidade nossa de interagir, dialogar. “Assis”, terra de São Francisco de Assis, por duas vezes foi palco de diálogo inter-religioso em vista da boa convivência entre povos, culturas e religiões. O presente artigo busca encontrar na experiência

da estigmatização vivida por Francisco de Assis a mística que torna possível o diálogo interpessoal, em nossas comunidades e entre povos, culturas e religiões.

Palavras-chave: Desejo. Liberdade. Teologia da Cruz.

Acreditamos que o momento presente de nossa caminhada humana, de fé e eclesial, está, de uma forma muito peculiar, colocando-nos em “tempos de diálogos”. São Francisco de Assis, no “Cântico do irmão sol”, tece um louvor ao Altíssimo devido a todas as criaturas e ao perdão existente entre as pessoas. Acreditamos que em “tempos de

¹ Frei João de Araújo Santiago é frade menor capuchinho (OFMCA), mestre em teologia espiritual pela Pontifícia Universidade Antonianum. Serviu sua Ordem na formação inicial, seja em Moçambique, seja no Brasil. Atualmente é vigário paroquial em São Luís (Ma). E-mail: potiguarjoao1968@gmail.com

diálogos”, o carisma franciscano tem muito por oferecer e contribuir. Mas, não esqueçamos, o “poverello” de Assis só cantou tal “Cântico” após sua experiência de Deus no “Monte Alverne”.

O fato da “estigmatização” de São Francisco de Assis (1181-1226) aconteceu no final do verão de 1224, no “Monte Alverne” (Arezzo, Itália), e tem, como pano de fundo, uma sua devoção e um seu desejo. Vejamos! Sendo grande devoto de São Miguel, o santo pai se dirigiu ao Monte Alverne para fazer mais uma quaresma em honra desse arcanjo. As Fontes franciscanas registram uma oração que o santo pai Francisco dirigiu a nosso Senhor Jesus Cristo, enquanto estava retirado no Alverne:

“Ó Senhor meu Jesus Cristo, duas graças te peço que me faças antes que eu morra: a primeira é que em vida eu sinta na alma e no corpo, quanto for possível, aquelas dores que tu, doce Jesus, suportaste na hora de tua acerbíssima paixão; a segunda é que eu sinta no meu coração, quanto for possível, aquele excessivo amor do qual tu, Filho de Deus, estavas inflamado para voluntariamente suportar uma tal paixão por nós pecadores”².

O FATO, O ACONTECIMENTO.

“... perto da festa da exaltação da santa Cruz, quando (São Francisco)

2 Terceira consideração dos sacrossantos estigmas in I Fioretti.

estava orando em um lado do Monte Alverne, viu que estava descendo do céu um Serafim com seis asas tão de fogo quanto esplêndidas ... aparecendo entre as asas a efigie de um homem crucificado ... Vendo isso ... ficou inundado, num misto de tristeza e alegria ... São Francisco ficou entendendo, a partir disso, que não seria todo transformado na figura do Cristo crucificado pelo martírio da carne, mas pelo incêndio da mente. Por isso, quando a visão desapareceu, deixou no coração dele um admirável ardor, mas na carne imprimiu a figura não menos admirável, maravilhosos, dos sinais ... As mãos e os pés pareciam pregados com cravos bem no meio ... O lado direito também tinha uma cicatriz rubra, como se tivesse sido transpassado por uma lança e, derramando sangue muitas vezes, molhava a túnica e as calças”³.

A insuficiência do “Logos” humano para compreender a Deus e ao próprio ser humano.

Nós, humanos, nascemos, existimos e somos, em um mundo no qual podemos nos orientar, entender, nos comunicar, nos relacionar e encontrar sentido diante de tantas coisas, perguntas e acontecimentos. É claro que compreendemos o nosso mundo interno e externo a partir de uma gramática que recebemos, que nos determina e nos conforta

3 Terceira consideração dos sacrossantos estigmas in I Fioretti.

enquanto colabora com o sentido⁴. Mas isso não é tudo! Em nosso mundo de humanos, existe também o “real”. O “real” é o impossível, aquilo que não pode ser simbolizado, aquilo ao qual a gramática “não dá conta”, não explica. O “real” permanece impenetrável ao sujeito, não pode ser reduzido à... e, portanto, pode parecer absurdo. O “real”, neste sentido, aproxima-se das realidades tais como: Deus, o amor, o belo, a morte, o desejo de “desiderium”⁵. Tais realidades não se deixam enquadrar, não são domináveis; são vivenciadas, mas jamais esgotadas, pois são misteriosas (Quanto

mais conhecidas, mais se tem por conhecer). Em contato com tais realidades misteriosas, o ser humano passa não somente a ganhar mais espessura, mais profundidade, mais riqueza, mais significado e importância, mas também a se definir mais “misterioso”⁶.

A realidade bela e amorosa de Cristo, em forma de serafim alado diante de São Francisco, certamente, detinha a capacidade, o poder, de fazer sair do “torpor do cotidiano” a qualquer ser humano e de fato fez isso com São Francisco⁷. Na experiência humana, importa se deparar com tais realidades, pois elas geram uma chance para o nosso amadurecimento, tornam-se como que um “querigma” que anuncia uma nova realidade e que espera uma nossa reação⁸. Podemos afirmar, portanto, que a experiência de São Francisco com o Cristo em semelhança de um serafim alado,

⁴ “Gramática”, isto é, tudo o que pode nos determinar porquanto nos antecede e nos acompanha ou que nos permite viver, pois é nosso ambiente vital (os meus princípios e aqueles que herdei; a minha cultura e linguagem; meus hábitos, educação e costumes; etc.) Teme-se sair da “gramática” (deixar tudo) porque sem ela e sem o nosso cabedal de pensamentos, de preocupações, de projetos, de desejos, teríamos medo. Sem nosso entorno tranquilizador, atravessado, sem dúvida, de questões, estaríamos continuamente alarmados e desarmados – não teríamos mais nossa “permanência imaginária”. “Permanência imaginária” é o nosso dia-a-dia no qual concebemos, planejamos e imaginamos nosso lar, nosso trabalho e tarefas, uma visita por fazer, os contatos com os amigos e parentes, umas férias, um descanso, uma leitura, etc.

⁵ “Desejo de “desiderium” é aspiração, expectativa. O desejo de “desiderium” sempre será até mesmo mais do que sideral, mais do que siderante, pois não se deixa enquadrar, limitar. Amando o totalmente Outro, desejando com “desiderium”, adorando enquantostituindo-se de si e morrendo como que rendido é que se entra no Eterno.

⁶ “Misterioso”, isto é, quando mais se conhece, mais se tem por conhecer.

⁷ “Torpor do cotidiano” quer expressar a prisão que muitas vezes vivemos devido à nossa preguiça humano-espiritual, aos nossos medos, pecados capitais, inimizades, falta de perdão e amor.

⁸ O anúncio de Jesus de Nazaré morto, ressuscitado e exaltado à direita de Deus Pai é o querigma por excelência da nossa fé cristã. Tal anúncio deve causar arrebuo e espanto enquanto fala da vitória do Crucificado (e injustiçado) sobre o último inimigo do homem. Podemos dizer também que o querigma cristão é anúncio de um fato, de um “real” que corteja o desejo humano, que tem a ver com o mais sublime dos desejos humanos.

com o “real” naquela forma, gerou “conhecimento” acerca de Deus, o Princípio, e acerca do humano⁹. Não se trata, portanto, de um “empreendimento” humano primeiramente, de um “logos”, mas de um evento, uma novidade, que vem, que acontece, e que provoca, e que espera a boa reação do ser humano.

Na origem de todo verdadeiro “conhecimento-experiência” de Deus, encontramos uma experiência na qual alguém ou um grupo se vê fascinado e subjugado (“Überwältigung”) por uma plenitude: a plenitude decorrente daquela realidade gloriosa que jorra dos abismos de Deus, eternamente fluente, manante e irresistível¹⁰.

A nossa antropologia, ou seja, o nosso discurso sobre o ser humano e sobre as suas realidades - sociopolítica, cultural, religiosa, psicológica, histórica, geográfica, sanitária, etc. - é chamado a respeitar o humano: não podemos nos deixarmos reduzir a um mero horizonte “raso”, “efêmero”, “fugaz”.

Em outras: o conhecimento de Deus passa muito mais pelo ato de escutar e padecer sua presença do que um empreendimento teológico.

9 Certamente a antropologia e a teologia, considerando tal evento, podem sair enriquecidas.

10 Cf. H.U. Von Balthasar, *Stili ecclesiastici*, 240. A plenitude divina sacrifica a hybris humana.

Na origem de todo verdadeiro “conhecimento-experiência” de Deus, encontramos uma experiência na qual alguém ou um grupo se vê fascinado e subjugado (“Überwältigung”) por uma plenitude: a plenitude decorrente daquela realidade gloriosa que jorra dos abismos de Deus, eternamente fluente, manante e irresistível

Os estigmas como paradigma do verdadeiro conhecimento de Deus.

Os estigmas em São Francisco são feridas externas que evidenciam um ato interior, um ato de conhecimento de Deus, uma correlação entre o Cristo e Francisco, uma ida interna ao divino que precede o ato externo dos estigmas. Aos estigmas precede, portanto, como vimos, um forte desejo de “imediesimação”¹¹.

11 “... feridas externas que evidenciam um ato interior”, isto é: “... o que está no coração toma conta do corpo, da história, da vida e deixa marcas profundas. ... O coração de quem ama muito faz assim: Pluf! Salta para fora. E o coração dele abriu-se em chagas, em estigmas. ...”. (Do texto “Dançar o Amor”, de Frei Vitório Mazzuco”).

O êxtase experimentado por Francisco e que o deixou estigmatizado, não deixa de ser uma revelação ao mundo (por parte de Deus) de que Francisco viveu uma real e verdadeira experiência e conhecimento de Deus¹².

A mística experimentada e vivida por São Francisco pode ser definida como experiência de destituição de toda hybris humana, de acatamento da presença divina, o que significa primeiramente oferta e sujeição, docilidade, rendição do homem por parte de Deus¹³. Em segundo lugar, a mística experimentada por São Francisco significa que o homem, invadido pela força divina e cheio de maravilha, transcende a si mesmo, aos caprichos da vontade e, finalmente, passa a “saber”, a viver, a experimentar o sentido de ser homem, o sentido do ser de Deus. Temos que dizer ainda que essa experiência – que pressupõe a bondosa vontade de Deus de se abrir – realiza o “sonho” do homem por uma revelação objetiva, isto é, verdadeiramente o homem passa a conhecer o real e de como Deus “fala” neste real¹⁴.

12 Cf. 2Cor 12,2, que descreve um êxtase de São Paulo. Obviamente não é a única forma profunda de conhecer a Deus.

13 Cf. Jer 20, 7: Jeremias seduzido; Gen 32, 22-32: Jacó ferido.

14 São Pedro afirmou, sem dúvidas: “... não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido” (At 4, 20).

No êxtase cristão, um critério de verdade se manifesta; acontece uma revelação objetiva que discerne o verdadeiro êxtase daquele falso. O êxtase cristão, livre das fantasias, imagens e concepções do divino criadas pelo homem, alcança, verdadeiramente, o Outro. De fato, a “experiência originária” de Francisco (o seu êxtase) cristaliza-se, concentra-se, na realidade milagrosa dos estigmas recebidos por ele no Monte Alverne¹⁵. Os estigmas se tornam “provas” de que uma experiência real aconteceu. Sem os estigmas, a experiência de Francisco jamais poderia ser reconhecida como verdadeira ou objetiva, a não ser somente por ele mesmo¹⁶.

15 Os estigmas querem ser símbolo do momento objetivo que dissipa qualquer imaginação, fantasia ou ilusão de ter experimentado a Deus.

16 “O critério único, suficiente e necessário para aceitar uma revelação é o milagre” (“Evento divino”) (Bento XIV in “Visioni e profezie: mística Ed esperienza della trascendenza”, Karl Ranher; Gianni Colzani, Milano, Vita e Pensiero, 1995, p. 105). Sem o milagre, toda a nossa doutrina se resumiria a uma crença, a um “achismo”, a uma opinião, a uma aposta, a algo razoável, a um belo sonho ou projeto. A fé cristã se baseia num milagre, no evento do Ressuscitado, a ressurreição de Jesus de Nazaré, o filho de Maria. Na história da Igreja, o milagre – a assinatura de Deus – facilita a atestação de que houve uma real experiência do Deus verdadeiro. Não é por acaso que a Igreja, ordinariamente, exija, para a canonização de um cristão, a presença dos milagres, mesmo levando em conta que a vida de fé, esperança e caridade por parte do cristão seja decisiva para a canonização.

No êxtase cristão, um critério de verdade se manifesta; acontece uma revelação objetiva que discerne o verdadeiro êxtase daquele falso. O êxtase cristão, livre das fantasias, imagens e concepções do divino criadas pelo homem, alcança, verdadeiramente, o Outro. De fato, a “experiência originária” de Francisco (o seu êxtase) cristaliza-se, concentra-se, na realidade milagrosa dos estigmas recebidos por ele no Monte Alverne”

O Antigo Testamento apresenta a Deus como o Senhor da história e da justiça antes de ser o Senhor da criação¹⁷. A partir de então, surge o critério para avaliar se uma suposta experiência religiosa tenha origem em Deus ou não. O Novo Testamento explicita muito mais o critério de veracidade da experiência de Deus enquanto nos apresenta Jesus de Nazaré, e sua vida, paixão, morte e ressurreição, como “modelo” ou critério de autenticidade de uma experiência do divino.

¹⁷ Basta, para tanto, recordar o “Êxodo” e os profetas em Israel.

Para nós, cristãos, o mistério da Cruz explicita maiormente o diferencial do Deus revelado por Jesus. Consequentemente e necessariamente, a mística cristã será diversa de outras místicas. A experiência de Deus vivida por Francisco estigmatizado demonstra e testemunha este fato. Sua experiência é antecipada pelo seu “apaixonamento”, imitação, desejo de intimidade e configuração com uma pessoa que viveu nesta terra (Jesus de Nazaré), padeceu a morte, ressuscitou e é presente desde então por obra do Espírito Santo. A experiência de Francisco, no Monte Alverne, o deixou estigmatizado, transformando-o a partir de então à condição de “crucificado” (estigmatizado) no corpo e na alma¹⁸.

Francisco, deixando-se ferir pela graça de Deus, naquele 14 de setembro de 1224, no Monte Alverne, passará a viver verdadeiramente como “filho de Deus”. De fato, vivendo a “perfeita alegria”, como filho que se

¹⁸ A mística cristã tem seu diferencial, pois é mística da Cruz, de uma glória crucificada, amorosa, não agressiva, que chega a ser anúncio de que a irmandade universal e a “perfeita alegria” só são possíveis pela cruz. Para a extraordinária experiência da “perfeita alegria”, pode-se ler tal narração em Fontes Franciscanas, I Fioretti, 8. Para a superação da agressão recíproca entre pessoas, comunidades e povos, tudo indica que o “diálogo” deve chegar até ao ponto de acatar a Cruz, fazer-se sacrifício enquanto sacrifício da hybris. O anúncio da Cruz, não da espada, sempre será necessário: que os cristãos vivam como devem e que aos demais seja anunciada a Cruz.

Para nós, cristãos, o mistério da Cruz explicita maiormente o diferencial do Deus revelado por Jesus. Consequentemente e necessariamente, a mística cristã será diversa de outras místicas. A experiência de Deus vivida por Francisco estigmatizado demonstra e testemunha este fato.

fez como o Filho: participação na revelação objetiva da Igreja¹⁹.

A participação ou engajamento do homem na sua experiência de Deus.

A primazia da Graça e a importância da majestade de Deus, da glória divina, não anulam a participação humana na experiência do êxtase cristão, no encontro místico.

Em São Boaventura, as seis asas do serafim que apareceu a São Francisco, deixando-o

estigmatizado, significam seis degraus que precisamos escalar para chegarmos até a sabedoria. E a ida, em degraus ou em “voos,” rumo à sabedoria só tem um caminho: o amor ardente pelo Crucificado²⁰.

É pelo Cristo crucificado e pelo amor à Ele que saímos de uma certa cosmovisão rumo ao Pai, o que exige tomada de decisão por parte do homem.

Francisco, já bem antes de receber exteriormente os sinais da paixão de Jesus, os estigmas, já os havia recebidos na alma:

“(Francisco) passou um dia pela igreja de São Damião, que estava abandonada por todos e quase em ruínas. Levado pelo Espírito, entrou para rezar e se ajoelhou suplicante e devoto diante do crucifixo. ... a imagem do Crucificado, abrindo os lábios da pintura, falou com ele. Chamando-o pelo nome, disse: ‘Francisco, vai e repara minha casa que, como vês, está se destruindo toda’. ... Tratou de obedecer e se entregou todo à obra. ... Sua santa alma foi tomada desde então de compaixão pelo Crucificado e, como podemos julgar piedosamente, os estigmas da paixão ficaram profundamente gravados nele desde esse dia: no corpo ainda não, mas sim no coração”²¹.

19 Quando alguém afirma ter vivido uma experiência do Deus cristão, a “prova dos nove” será sempre verificar se pauta a vida real de acordo com a condição de filho de Deus, de filho no Filho. Para tal, veja-se Mateus, capítulos 5 a 7.

20 “Amor ardente pelo Crucificado”, ou seja, fidelidade, adesão, dedicação duradoira e destituição de si a fim de que o Crucificado reine naquele que ama o Crucificado, que ama o amor que não é amado.

21 2Cel 10,5.

O amor de Francisco ao Crucificado, e às suas palavras, só aumentava ao ponto de terminar por se apoderar dele. Vejamos o que nos reportam as Fontes.

“No entanto, foi ao ouvir o Evangelho acerca da missão dos apóstolos (cf. Mt 10, 7-13), que Francisco compreendeu o real significado da voz do Crucificado, e, imediatamente, exclamou: ‘É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer do íntimo do coração’ (1Cel 8,22). Assim, sob o toque ou o apelo de uma afeição, começou devotadamente a colocar em prática o que ouvira, isto é, distribuiu aos pobres todos os seus bens materiais, bem como renegou-se a si mesmo para que, exterior e interiormente livre, pudesse ir pelo mundo e anunciar aos homens a paz, a penitência e, enfim, o amor não amado de Deus que ele passou a amar, porque tinha sido apoderado por Ele, pelo amor²².

“Aproximando-se a festa da Santa Cruz, no mês de setembro, o pai Francisco, na hora do alvorecer, pôs-se em oração, diante da saída de sua cela, e, entre lágrimas, orava desta forma: ‘Ó Senhor meu Jesus Cristo, duas graças te peço, que me faças antes que eu morra: a primeira, é que em vida eu sinta na alma e no corpo, quanto for possível, aquelas dores que tu, doce Jesus, suportaste na hora da tua acerbíssima paixão; a segunda, é que eu sinta no meu coração, quanto for possível, aquele excessivo amor do qual tu, Filho

de Deus, estavas inflamado para, voluntariamente, suportar uma tal paixão por nós pecadores”²³.

“... como estivesse arrebatado em Deus por seráficos ardores do desejo e por compassiva doçura começou a se transformar n’Aquele que por excessiva, demasiada, caridade quis ser crucificado ...”²⁴.

O acontecimento, o fato, dos estigmas tem suas raízes na escolha de amor por parte de São Francisco. Tal inclinação se expressa muito bem na escolha pela “dama pobreza”. E a escolha pela “dama pobreza” pode ser entendida como participação humana no êxtase e na experiência de salvação. Em São Francisco, o amor tem uma forma, uma expressão: é escolha pela “dama pobreza”, é escolha amorosa pelo Crucificado (Jesus pobre in extremis)²⁵. A escolha

23 Terceira consideração dos sacrossantos estigmas in I Fioretti.

24 São Boaventura, Legenda Maior XIII, 3.

25 Quando falamos que o amor é escolha pela “dama pobreza”, é escolha amorosa pelo Crucificado, entendemos a “pobreza” como vida amorosa, nupcial, entre Deus e a “criatura”. Assim como o amante depende da amada para amar, assim a “alma franciscana” vive “pendente”, como criatura, em pobreza, dispondo-se, amando, escolhendo a “pobreza”, a fim de não perder o seu amado. Vale lembrar que viver como “filho” diante e “dependendo” do Criador, e não da criatura, tem também sua eficácia e função comunitária e social quando, por exemplo, o indivíduo ou a comunidade renuncia a certos planos, a estruturas, ao consumismo que destrói e explora a criação; quando se solidariza com os sofredores, aprendendo a viver com sobriedade, e aprendendo a se livrar do vazio interior que exige

22 2Cel 10, 5. “Amor não amado”: os “nãos” que o homem dá a Deus por amar o pecado, a afirmação de si, a dureza do coração.

pelo Crucificado, pelo caminho da Cruz, pela pobreza, confirma o necessário despojamento para todo aquele que queira experimentar Deus. São Boaventura nos deixou dito que a Cruz era o único livro que São Francisco leu de maneira ininterrupta²⁶. Podemos também dizer que somente por este livro pode-se chegar a compreender a revelação²⁷.

Os estigmas são como que o resultado do amor reinante em Francisco; são excessos de sua alma, a “expressão” ou o expressar “um botar para fora” do seu espírito que ama. Os estigmas manifestam a beleza, a realidade divina que assume a própria forma no mundo. O êxtase significa o abrir-se do mundo a Deus ou a manifestação, ou prova de que, anteriormente, o mundo foi pegado por Deus.

Narrando Francisco em sua tomada de decisão pela “dama pobreza”, temos visto a parte que cabe ao cristão no processo de encontro com Deus, isto é, sua resposta e livre participação, mas não devemos esquecer que é de

coisas como se estas pudessem satisfazer o indivíduo ou resolver os dramas da comunidade.

26 Cf. São Boaventura, Sermone, 2 in parasc. (IX, p. 265b), in H.U. Von Balthasar, *Stili ecclesiastici*, 251.

27 Na “hermenêutica” franciscana, é, a partir da “Cruz”, que se parte rumo a uma teologia, rumo ao conhecimento da vontade de Deus. De fato, a Cruz revoluciona muitos conceitos, tais como: onipotência divina, messianismo, salvação, predileção, justiça divina, sentido da vida, entre outros.

Deus a iniciativa e a manutenção de todo este processo.

Considerações finais

Nossas reflexões acerca da experiência de Deus padecida por São Francisco de Assis, e que culminou em deixá-lo estigmatizado, interpela-nos a adentrar no mistério da vida, no real da vida, em suas maravilhas e também em suas adversidades. E adentrando, e não fugindo, é que muitos ilusórios véus se rasgarão e a verdade do homem e de Deus se mostrará em sua transparência. Resultado disso tudo? A pacificação consigo, com a natureza, com os demais, e o louvor ao Altíssimo.

Algumas perguntas

- Nossa vida orante é permeada pelas surpresas do dia a dia? - O Deus ao qual cremos é um qualquer ou é o revelado pela cruz?
- Nossa liberdade está engajada em vista de uma experiência de Deus: está escolhendo o verdadeiro, o belo, o bom e justo?
- Diz o ditado: “Cuidado com o que desejas, pois pode ser que aconteça”. O que andamos desejando?

A ANSIEDADE E O TRÂNSITO RELIGIOSO – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

ÊNIO BRITO PINTO¹

Resumo:

Este artigo traz um olhar apoiado na psicologia fenomenológica, especialmente na abordagem gestáltica, uma de

suas ramificações. As reflexões tratam de uma das mais interessantes (e menos compreendidas) vivências humanas, a ansiedade, vista aqui como ontológica, inerente ao ser humano e presente quando o próprio ser, seus valores ou suas capacidades são vividos como se sob ameaça. Uma das possibilidades de lidar com a ansiedade é por meio da vivência da religiosidade, pois a religião tem como um de seus pressupostos ser suporte ambiental para a busca de sentido. O trânsito religioso pode se dar a partir de inúmeras motivações, sendo uma delas a busca de maneiras de lidar com a ansiedade.

¹ Ênio Brito Pinto. Psicólogo e psicopedagogo, mestre e doutor em Ciência da Religião pela PUC/SP, onde fez seu pós-doutorado em Psicologia Clínica. Além de Gestalt-terapeuta, é coordenador do Núcleo de Terapia Breve do Instituto Gestalt de São Paulo e professor convidado de diversos cursos de formação e especialização em Gestalt-terapia no Brasil. É membro do Instituto Terapêutico Acolher, especializado no atendimento psicoterapêutico a religiosos católicos. É autor de "Psicoterapia de Curta Duração na Abordagem Gestáltica: Elementos para a prática clínica", "Os Padres em Psicoterapia: Esclarecendo singularidades", "Elementos para uma Compreensão Diagnóstica: O ciclo de contato e os modos de ser", "Dialogar com a Ansiedade: Uma vereda para o cuidado", além de outros livros, artigos e capítulos de livros publicados nas áreas de psicoterapia, psicopatologia, sexualidade e psicologia da religião.

Palavras-chave: trânsito religioso; ansiedade; liberdade

Um dos comportamentos que caracteriza de maneira marcante a religiosidade brasileira, hoje, assim como, talvez, a religiosidade ocidental, é o chamado trânsito religioso, ou seja, mudanças de filiação religiosa ou de viés ideológico na mesma filiação, em tempo relativamente curto, incluindo também a possibilidade de uma busca de novas alternativas nem sempre ligadas a instituições religiosas. No Brasil, entendo que este trânsito se dá, em grande parte, mas não somente, no sentido de vivências religiosas neopentecostais, e, em outra parte significativa, no sentido de uma certa arreligiosidade, não raro uma certa antirreligiosidade, estas últimas derivadas de mudanças no poder social das religiões em um mundo cada vez mais interligado, mais globalizado, mais marcado pela cientificidade. Em parte, esse trânsito religioso gera uma forma de ruptura nas religiosidades e na comunicação entre pessoas e entre instituições.

Esses fenômenos, dada sua complexidade, fruto de múltiplas motivações que geram incontáveis consequências, podem ser compreendidos por diversos vieses, não excludentes entre si, baseados nas ciências humanas. Pode-se olhar para eles a partir

da antropologia, da teologia, da sociologia, da política, dentre outros recursos científicos que procuram conhecer o ser humano. Um desses recursos, aquele que embasa meu refletir neste artigo, é a psicologia, a qual, por seu turno, tem como característica relevante, o fato de não ser una. Temos, na psicologia, diversas miradas, a partir das quais se podem contemplar as complexas vivências humanas em busca da compreensão de como essas vivências se dão. A Grosso modo, podemos agrupar os olhares da psicologia em três grandes vertentes, as quais basicamente divergem entre si em sua concepção da natureza humana: as psicologias cognitivas, as psicanálises, as psicologias fenomenológico-existenciais. É a partir desta última vertente que examino, aqui, alguns aspectos da religiosidade brasileira, hoje, tendo como propósito, lançar reflexões que nos ajudem a compreender e a lidar com ela.

Não cabe nesse artigo, dadas suas limitações de espaço, buscar uma ampla análise de fenômeno tão rico, de modo que vou direcionar minha leitura por meio de uma das mais interessantes (e menos compreendidas) vivências humanas, a ansiedade. Essa defesa humana, inerente à natureza do ser humano, inalheável da vida, que cada vez mais é vista em nossa cultura como um

defeito, vai servir de via para as reflexões que seguem.

Penso que, no mundo ocidental contemporâneo, dadas as enormes mudanças de costumes pelos quais passamos, e dada a velocidade das comunicações entre as pessoas e entre as nações, atravessamos uma crise ética, a qual, por sua vez, amplia as vivências de ansiedade, seja ela saudável ou patológica. Para mim, crise é momento de risco e de oportunidade, ou seja, na crise ética há risco para alguns valores, ao mesmo tempo, em que há a oportunidade de que eles sejam substituídos, flexibilizados ou se renovem. Penso que grande parte das divisões e rupturas que podemos ver em nosso mundo, hoje, tem relação com as necessárias mudanças de valores, fato ainda pouco compreendido e, mais do que isso, de difícil aceitação para pessoas que têm dificuldades consideráveis para conviver com diferentes pontos de vista.

Essa atual crise ética passa, fortemente, por terrenos importantes da existência, como a sexualidade, a convivência com as diferenças geográficas e étnicas, as questões ecológicas e de ambientalidade (RIBEIRO, 2019), a laicidade, a desigualdade econômica e de oportunidades, a perigosa falta de empatia e de compaixão tão incentivada pelo

Para mim, crise é momento de risco e de oportunidade, ou seja, na crise ética há risco para alguns valores, ao mesmo tempo, em que há a oportunidade de que eles sejam substituídos, flexibilizados ou se renovem. Penso que grande parte das divisões e rupturas que podemos ver em nosso mundo, hoje, tem relação com as necessárias mudanças de valores, fato ainda pouco compreendido e, mais do que isso, de difícil aceitação para pessoas que têm dificuldades consideráveis para conviver com diferentes pontos de vista.

chamado mercado e por algumas religiões, dentre outros pontos que também são relevantes.

Ao lado disso, observo que há um bom tempo o ser humano vem, lentamente e em meio a muitas dores e lutas, construindo um novo modo de viver e de conviver, mais amadurecido e livre, mais solidário e consequente,

mais comunitário. Tal mudança não se dá sem resistências, e, talvez, esse momento do século XXI seja um daqueles em que essas resistências estejam mais fortalecidas, gerando, se não uma guerra, o empoderamento de governos incompassíveis, além do recrudescimento de visões religiosas ultraconservadoras, defensoras do poder sobre, em vez do poder de ou do poder com.

Em suma, a crise ética pela qual passamos, no mundo ocidental, tem profundas implicações religiosas, à medida que uma das funções das religiões é prover um código moral que paute a vida cotidiana de seus fieis. Se entendemos que a ética é a crítica da moral (BOFF, 1997), podemos perceber que a moral religiosa tem sido profundamente provocada eticamente, tem sido invocada a rever, a flexibilizar e a atualizar valores e sentidos. No meu modo de ver, essa provocação ética está na base de rupturas nas e entre as religiões. Está, também, alimentando o trânsito religioso, dado que outra função das religiões é fornecer às pessoas abrigo e confiança para lidar com a ansiedade existencial, isto é, lidar com a ansiedade em seus três principais vetores: a ansiedade ante nossa condição abissal, a sempre presente iminência de não mais ser; a ansiedade ante a necessidade de constante revisão e atualização de nossos valores

ao longo da vida, seres de aprendizagem que somos; e a ansiedade ante nossas capacidades e potenciais, sempre desprovidos de garantias de permanência ou de realização. Vamos, então, a um primeiro olhar sobre a ansiedade humana.

Começamos pela pergunta: como tende a ser vivida a ansiedade? De maneira geral, e antes de tudo, ela se caracteriza por ser uma vivência incômoda. Pode haver sobressalto, mais ou menos intenso a depender das circunstâncias, do momento, do ambiente e de quem a vive. Ela é vivenciada como um momento penoso, sempre acompanhado de expectativas pessimistas, pelo temor de algum perigo vagamente percebido ou imaginado, impreciso. É um estado de certa agitação, podendo chegar a muita agitação e inquietude. Pode ser acompanhada de mudanças neurovegetativas e hormonais ligadas à tensão (mudanças no ritmo cardíaco, mudanças no sono e no apetite, aumento da sudorese, sensações de opressão no peito, além de outros possíveis sinais), vivências que têm diversas intensidades para diferentes pessoas e, na mesma pessoa, intensidades distintas a cada situação ansiogênica.

Vivências de ansiedade, mesmo que dolorosas, são possibilidades de crescimento e de

Começemos pela pergunta: como tende a ser vivida a ansiedade? De maneira geral, e antes de tudo, ela se caracteriza por ser uma vivência incômoda. Pode haver sobressalto, mais ou menos intenso a depender das circunstâncias, do momento, do ambiente e de quem a vive.

autoatualização. Por isso, é necessário que as compreendamos como oportunidades de revisão e de flexibilização de nossos padrões existenciais, ampliação de nosso autossuporte e de nosso suporte ambiental, apropriação de nossa coragem de ser (TILLICH, 1967). Tudo isso, somente, se formos capazes de dialogar com a ansiedade, em vez de só tentar controlá-la. O diálogo com a ansiedade se inicia pela aceitação de que somos seres dotados (e necessitados) de ansiedade e continua com a percepção de que ela é uma defesa que pretende gerar o cuidado, principal fruto da ansiedade saudável. A falta desse diálogo pode facilitar que a vivência da ansiedade se torne patológica e, aí, então, matriz de evitações

repetidas e de constantes evasivas, muitas vezes necessitando ser temporariamente controlada para que se possa reaprender a dialogar com ela.

Tomo, aqui, o sentido de ansiedade em sua base ontológica, compreendendo-a como uma vivência de ameaça ao próprio ser. Nesse sentido, o conceito utilizado aqui praticamente se iguala semanticamente ao que alguns teóricos definem como angústia (FUCHS, HOLANDA, ANGERAMI). Dizendo de outro modo, e repetindo, entendo que: a ansiedade é vivida basicamente ante três situações, as quais podem se combinar, embora sempre com prevalência de uma delas: quando o próprio ser está (ou se sente) ameaçado; quando algum valor importante para o ser está (ou é vivido como se estivesse) ameaçado; quando se tem a fantasia de não possuir a necessária competência para lidar com alguma tarefa ou situação relevante. Em qualquer das três formas, em que aparece, a ansiedade está sempre relacionada com o futuro. Não vou considerar, aqui, ansiedades derivadas de consumo de substâncias (legais, ou não) ou devidas a condições médicas (tumores cerebrais, hipertireoidismo, etc).

A ansiedade pode ser considerada existencial, natural, inerente à vida saudável, ou, ao contrário,

patológica, a depender de como é vivida e de que consequências gera. O que diferencia a vivência saudável da ansiedade de sua vivência patológica não é exatamente a ansiedade, mas o suporte para lidar com ela, ou seja, a forma como ela é vivida, a coragem com a qual ela é encarada, o diálogo que se estabelece com ela.

As pessoas diferem, na quantidade de ansiedade, que podem tolerar, e uma mesma pessoa vive de maneiras distintas a ansiedade em diversos segmentos e em diferentes momentos da vida. É importante notarmos, também, que a lida com a ansiedade, a cada nova configuração de si e do mundo dá-se com base em um autossuporte adequado, corroborado por um continente suporte ambiental, uma vez que ninguém vive sozinho ou independente do outro e do campo. Em outros termos, quero enfatizar que, embora a vivência da ansiedade seja única e pessoal a cada vez, essa vivência está sempre vinculada à nossa interdependência com o meio, e é nesse aspecto que as religiões fazem enorme diferença.

No processo de desenvolvimento pessoal, o ser humano caminha da extrema dependência do ambiente, no início de sua vida, para a independência relativa, ou seja, caminha para uma interdependência solidária.

Caminha da participação passiva, no coletivo, para a participação ativa, num processo infinito de coconstrução do mundo e descoberta de si e do outro. Cada passo, nesse caminho, dá-se sustentado em si e no ambiente, ou seja, no autossuporte e no suporte ambiental, e isso é muito importante para que compreendamos a ansiedade como saudável ou patológica. Para que eu tenha segurança em uma tarefa, ou seja, para que eu confie na minha capacidade de execução de uma tarefa, é preciso

A ansiedade pode ser considerada existencial, natural, inerente à vida saudável, ou, ao contrário, patológica, a depender de como é vivida e de que consequências gera. O que diferencia a vivência saudável da ansiedade de sua vivência patológica não é exatamente a ansiedade, mas o suporte para lidar com ela, ou seja, a forma como ela é vivida, a coragem com a qual ela é encarada, o diálogo que se estabelece com ela.

que eu afirme essa habilidade e que ela seja confirmada pelo meu ambiente. Esse movimento de afirmação de si e confirmação ambiental é o esteio da construção de uma autoestima sólida, pois ninguém se constrói ou se sustenta sozinho. É também o caminho necessário para o bom diálogo com a ansiedade, caminho no qual é, em um movimento recíproco, pavimentado por este diálogo.

Um dos suportes ambientais mais importantes para o ser humano, ao longo da história, é a religião. Ela é uma congregação de pessoas unidas em valores comuns; pode confirmar e orientar o que é vivido pelo indivíduo. A religião, como porta-voz de esperança, pode ser força suportiva para o enfrentamento de ansiedades, em qualquer modalidade que apareça, seja ante a morte, seja ante a ameaça a valores, seja ante supostas incompetências. A religião é acolhimento para momentos nos quais a ansiedade parece insuportável, é presença e presente quando parece que só há futuro ameaçador. Uma das formas dessa presença é no estabelecimento de uma comunidade na qual as pessoas trocam auxílios para lidar com os sofrimentos inerentes ao caminhar humano, e, talvez, esse seja um dos motivos mais comuns para o trânsito religioso, geralmente,

feito em busca de pertinência, de reconhecimento e de possibilidades de cooperação mútua, em busca de convivialidade.

A religião, no entanto, não é só isso. Em sentido contrário, ela pode ser força dominadora, geradora de ansiedades patológicas, e isso se dá quando, no lugar de confirmar o vivido, ela o desconsidera ou impõe autoritária e desvalorizadora o que deveria ser vivido. Ela é fonte de ansiedades patológicas quando, qual mãe dominadora, não referenda a passagem da extrema dependência do ambiente para uma autonomia amadurecida e crítica. A religião é fonte de ansiedades patológicas quando, em lugar de organizar e de renovar valores, ela os impõe rigidamente; quando em vez de convencer, obriga. Nesse papel, a religião traz conforto também, mas a um custo demasiado elevado, caracterizado, essencialmente, por vivências de inautenticidade, crueldade, irresponsabilidade existencial. E, aqui, coloca-se um dos paradoxos mais interessantes da vivência humana ante a ansiedade: muitas e muitas pessoas, talvez a maioria das pessoas, ainda que não necessariamente com consciência, e pelos mais variados motivos, elege esse tipo de conforto em lugar de buscarem se tornar responsáveis por suas escolhas e, ainda que parcialmente, por seu destino.

E esse é um terreno fértil para falsos profetas, para idolatrias, para sutis escravocracias, para pantanosas certezas, para infundáveis desigualdades sociais, para a negação e a alienação do mal presente em cada um de nós e sua projeção em direção a outras pessoas, outros grupos, outras religiões, outras vertentes da mesma religião, ou, ainda, a entidades simbólicas que o possam representar.

Há uma força humana que vai ao encontro da primeira forma de atuação das religiões e de encontro à segunda forma. É o processo de autoatualização (GOLDSTEIN, 2000), uma necessidade que cada um de nós tem de, no seu devido tempo e em sua devida possibilidade, transformar potenciais em realidades, buscar ser a totalidade mais complexa, mais organizada e mais autônoma que puder. Correndo o risco de simplificar demais, podemos dizer que assim como a semente, se encontrar boas condições em seu ambiente, tornar-se-á uma árvore, também o ser humano, se encontrar boas condições em seu campo existencial, estará, a cada momento, na melhor configuração alcançável para seu desenvolvimento em direção ao cuidado e à autonomia, o mais plenos possível. Em outros termos, estamos como que condenados a crescer, mas, em parte, dependemos, para

isso, de nosso ambiente, o qual nos impulsionará adiante na íngreme estrada da liberdade, sempre limitada, ou nos impedirá a caminhada, ou parte dela, favorecendo transtornos emocionais e dependências excessivas ou regressivas, campo fértil para os falsos profetas.

Esse ambiente, este campo existencial o qual me refiro, tem como um de seus pilares a religião, que atua ao lado de outras forças na organização moral e ética da sociedade. No mundo ocidental, por exemplo, a religião tem como corresponsáveis pela organização social a economia, a medicina e suas derivações, a família, a escola, a política e outras forças que configuram, a cada tempo, como deve se pautar a convivência humana. Essas forças se entrecruzam de maneira complexa, ora uma mais relevante, ora outra; ora através de conflitos, ora através de semelhanças; ora com tolerância, ora com violência.

O jogo dessas forças com a autoatualização individual é uma das matrizes para as mudanças culturais, mudanças que, no mais das vezes, se dão de cima para baixo, ou seja, primeiro mudam alguns indivíduos, depois seus costumes, depois os costumes sociais, e só depois as instituições (SANTOS, 2000). Um exemplo simples: pelos mais variados

motivos, casais se separaram, a despeito da promessa de aliança até que a morte os separassem. Muitas dessas pessoas não se sentiam indignas por causa disso e afirmam sua dignidade, a qual, a muito custo, acabou aceita socialmente, depois aceita legalmente, depois aceita institucionalmente, de tal forma que, por exemplo, se antes pairava a ameaça de excomunhão a essas pessoas, na Igreja Católica, hoje, seus direitos foram atualizados e ampliados.

Esse caminho não é suave, pelo contrário. Chega a ser muito, muito trágico, tendo gerado até guerras e outras mortandades. A cada passo que uma sociedade dá em direção à autonomia, atitudes de grupos de pessoas, muitas vezes beligerantes, ainda que bem intencionadas, tentam conservar tudo como estava antes. Assim configuram-se rupturas e desorientação. Assim alimentam-se ansiedades patológicas, mas, assim, também, nutrem-se ansiedades saudáveis. Parte significativa do trânsito religioso brasileiro, tal como eu o entendo, dá-se em busca de uma religião que cumpra o papel de dar sustentação para as ansiedades saudáveis. Mas outra parte, talvez igualmente significativa, muda de líder religioso não em busca de melhor e mais nutritivo pastoreio, mas em busca de entidades a quem

entregar seu destino, ilusória e paradoxalmente, abdicando de sua necessidade de escolher.

Tanto quanto a ansiedade, a necessidade de escolher é inerente ao ser humano. Nosso processo de amadurecimento pessoal tem, como um de seus horizontes, a liberdade, ou seja, quanto mais amadurecemos, mais podemos escolher com a consciência de que escolhemos. Essa escolha, e sua liberdade de base e consequência, sempre se dá conforme as circunstâncias, isto é, somos apenas relativamente livres, dado que estamos lançados no mundo e não temos controle sobre a maior parte do que vivemos. Na pandemia de 2020/2021, por exemplo, cada indivíduo podia escolher se proteger e proteger os outros, mas não podia escolher não viver a ameaça trazida pelo coronavírus. Negá-la, sim, foi possível para muitos, com trágicas consequências, muitas vezes, mas a negação não impede a vivência, apenas cria obstáculos para que ela chegue à consciência.

Nossa liberdade é, paradoxalmente, limitada e ampla. Isso nos obriga a, cotidianamente, fazermos escolhas, algumas mais fáceis, outras mais complexas, todas geradoras de ansiedade, à medida que nunca podemos ter certeza sobre estar fazendo, ou não, a melhor escolha. Quando

temos certeza, não há escolha, o caminho está dado. Quando não temos certeza, há ansiedade, a qual pode ser vivida de modo saudável ou patológico. Por um lado, quando não toleramos a ansiedade, ante a escolha, podemos nos iludir com supostas certezas, com caminhos predeterminados por outrem, abdicando do norteamento autônomo da própria vida e abrindo espaço para idolatrias. Por outro lado, quando a ansiedade parece insuportável e, temos consciência o mais plena possível de nossas limitações, um dos caminhos é o desapego, a entrega ao sagrado e, com isso, a capacidade de espera, até que a coragem brote como sustentáculo confiável para a decisão. Neste segundo caso, como bem mostra Paul Tillich, a ansiedade pode nos encaminhar para a coragem, a coragem de ser. No sentido ético e no sentido ontológico:

coragem como um ato humano, como matéria de avaliação, é um conceito ético. Coragem como a autoafirmação do ser de alguém é um conceito ontológico. A coragem de ser é o ato ético no qual o homem afirma seu próprio ser a despeito daqueles elementos de sua existência que entram em conflito com sua autoafirmação essencial. (1967, p. 2)

Entendo que o ser que se afirma ontologicamente diz, com confiança, “eu sou”. O ser que se afirma eticamente diz, também, “nós somos”, referindo-se ao

outro, necessariamente diferente, e ao mundo, lugar de coexistência, por mais que, muitas vezes, essas afirmações temporariamente não sejam confirmadas. A ausência dessa coragem pode levar a rupturas com aqueles que dispõem dela, e pode levar a um trânsito religioso, quer seja por meio da fuga dela, quer seja em busca dessa coragem de ser.

Referências Bibliográficas

- ANGERAMI V. A. (org.)
Atualidades em Psicoterapia Fenomenológico-existencial. Belo Horizonte: Escuta, 2020
- BOFF, L. A Águia e a Galinha – Uma metáfora da condição humana. Petrópolis: Vozes, 1997
- FUCHS, T. Para uma psiquiatria fenomenológica: ensaios e conferências sobre as bases antropológicas da doença psíquica, memória corporal e si mesmo ecológico. Rio de Janeiro: Via Veritas, 2019
- GOLDSTEIN, K. The Organism. New York: Zone Books, 2000
- HOLANDA, A. F. Fenomenologia e Humanismo: Reflexões Necessárias. Curitiba: Juruá, 2014
- PINTO, Ê. B. Dialogar com a Ansiedade: Uma vereda para o cuidado. São Paulo: Summus, 2021

- RIBEIRO, J. P. *Ambientalidade, Coexistência e Sustentabilidade: Uma Gestalt em Movimento*. Disponível em 17/08/2020, no seguinte endereço: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/49291/32968>
- SANTOS, M. *Por uma Outra Globalização – do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000
- TILLICH, P. *A Coragem de Ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967

NESTE TEMPO DE DESASSOSSEGO, QUO VADIS, FAMÍLIA EYMARDIANA?

MARCELO CARLOS DA SILVA, SSS

Resumo

Repensar a missão, em tempos de mudanças e desassossegos, requer coragem. O artigo pretende mostrar como a Família Eymardiana repensa sua própria missão, como herdeira de um carisma, num momento de pandemia e como pode se projetar para o futuro, um novo modo de ser, sabendo conviver com as consequências dessa pandemia e de outras que poderão vir.

Palavras-chave: pandemia, carisma, desassossego

Onde estão as comunidades? Onde você está nesta pandemia?

Saudações fraternas e eucarísticas, de saúde e paz, caros irmãos e irmãs da Família Eymardiana, de nossas comunidades de missão. Que esta pequena reflexão chegue a seu coração e a sua mente como uma janela escrita, por meio da qual possamos refletir e partilhar pessoalmente e em comunidade, um pouco da Vida e da Missão SSS que brota e se alimenta da Ceia do Senhor, nosso ponto de partida.

Ao celebrar e contemplar este Memorial do Senhor, em tempos de novos desafios, incertezas, angústias e, também, de novas possibilidades (criatividade), voltamos a este ponto de partida para nos perguntarmos neste ensaio por aquilo que é essencial à Família Eymardiana, nos laços de vida fraterna, orante e servidora. Abraçarmo-nos com força, esperança e fé em Deus e na vida, sempre bela e, ao mesmo tempo, tão frágil. Com esta retomada, do que é essencial, nos organizarmo-nos com mais lucidez e coragem nessa travessia da pandemia, e com seus desdobramentos, é questão de consciência e fidelidade cristã ao carisma e ao que celebramos. E, também de nos organizarmos melhor para o período pós-pandemia.

Uma certeza os estudiosos já nos colocam: o mundo, depois dessa tempestade pandêmica, não será mais o mesmo, portanto, não queiramos “voltar a seu normal”. De alguma forma, morreu com as mortes do contágio e com a doença espalhada, levando consigo a morte de outras facetas desse mundo contemporâneo. Diante dessa constatação, qual mundo nascerá de tudo isso? Ainda não sabemos! É cedo para fecharmos leituras, diagnósticos e processos. Eles estão apenas começando. Por isso, como Igreja e Família Eymardiana, o mais importante é nos colocarmos a

caminho, a serviço deste novo mundo, o pós-pandemia.

Entretanto, antes de prosseguirmos, fica um questionamento: será que já despertamos para esta consciência, a deste mundo que há de vir ou estamos ainda muito centrados na primeira fase da pandemia, a da “cultura da autopreservação”? Enquanto estamos dentro de nossos cenáculos e missão, isolando-nos para sobreviver, já conseguimos dar início a essa reflexão, a agir com novas práticas?

De tudo isso, ecoa nos quatro cantos da vida humana a pergunta silenciosa que reside neste tempo de desassossego causado pelo COVID-19 e que circula

Uma certeza os estudiosos já nos colocam: o mundo, depois dessa tempestade pandêmica, não será mais o mesmo, portanto, não queiramos “voltar a seu normal”. De alguma forma, morreu com as mortes do contágio e com a doença espalhada, levando consigo a morte de outras facetas desse mundo contemporâneo.

entre os laços de vida em sociedade: Quo vadis, humanidade? Por decorrência, como Igreja, quo vadis, Família Eymardiana? Quo vadis, você que lê este texto nesta pandemia?

Algo parece lógico e perceptível pelas ciências sociais: num futuro breve, a história nos dirá qual terá sido o caminho escolhido pela humanidade, como Igreja, como Família Eymardiana e como indivíduos que somos na atualidade. Então, saberemos de que lado cada um esteve, ao lado de quais pessoas, projetos, opções. Se juntos estávamos, quando a humanidade suplicou em seus enormes desafios (de todas as formas) por mais coragem, esperança, boa vontade, compaixão, solidariedade e criatividade na superação das enfermidades deixadas pela pandemia.

Que nosso “DNA sacramental”, nascendo do Memorial de nossa fé, que celebra a fraternidade, a vida orante e a vida servidora, fale mais alto do que nossos medos, comodismos, doenças, pecados e inseguranças. Precisamos seguir, perseverar como as primeiras comunidades cristãs.

Em tempos de pandemia, bem-aventurados os perseverantes

Ao olharmos para nossa origem cristã, partindo dos Atos

dos Apóstolos, encontramos uma inspiração para o presente: “eles eram perseverantes...” Perseverantes no essencial da vida cristã. Perseverantes na escuta (dos Apóstolos), na Palavra, na fraternidade, na comunhão, no partir do pão e na oração (Atos 2, 42-47).

Estas marcas, do essencial da vida cristã, em comunidade, inspiravam os compromissos, decisões, planos, projetos, enfim, as coisas fundamentais do cristianismo nascente. Todavia, se formos para além da visão bíblica do texto dos Atos, veremos marcas da antropologia humana presentes nessas palavras. Uma espécie de patrimônio da comunicação humana (escutar, palavra, fraternidade, etc.) e do próprio psiquismo, dando força a cada palavra descrita neste “primeiro retrato das comunidades”. Nele, há uma força da língua (escrita e falada), pois cada palavra que o cristianismo, presente no texto, pega emprestado para expressar seus valores, revela uma personalidade deste coletivo chamado comunidade. Isso é profundamente humano, é da cultura, e naturalmente divino. Deste postulado da fé cristã, podemos dizer que Padre Eymard nos apresenta, como modelo a ser seguido pela família Eymardiana, a espiritualidade da Encarnação que nos é apresentada na descoberta do Dom de si.

Nosso modelo de busca e perseverança, na descoberta do que é essencial à família eymardiana, como foi muito bem sinalizado por Padre Eymard, deve sustentar-se nesta mesma via da encarnação do Cristo, Verbo de Deus. Daí, quando apostamos nossa vida na palavra, ela gera mais diálogo, entendimento, aceitação, superação entre as pessoas. Entretanto, sustentar a vida cristã (orante, fraterna e servidora), na palavra, tem seu preço, suas exigências de maturidade, sua vulnerabilidade exposta. Nem todo mundo suporta, está disponível, aceita este caminho. Pois passar a vida no crivo da palavra tem seu desconforto existencial.

Como diz o psicanalista Lacan “O pior problema na vida de alguém é aquele que não está posto na palavra”. Isto é, aquele que se nega nomear as coisas (para si mesmo e para os outros) e prefere silenciar, guardar a palavra no pote do esquecimento, do silêncio mordaz e viver como se ela não existisse. Como se ela não operasse sobre a própria realidade do indivíduo, sobre o próprio corpo físico ou social, trazendo suas consequências de adoecimento no discurso silencioso dos sintomas. O inconsciente é ético e ele sempre dá um jeito de “falar, de fazer-se escutado”, ainda que no sintoma.

Por isso, nesse tempo de pandemia, com o afastamento social, a palavra torna-se ainda mais elo de perseverança (como as primeiras comunidades), partida e chegada entre as pessoas e dentro das comunidades. Ela, a palavra encarnada, alimenta o vínculo, fazendo diminuir angústias, incertezas, tristezas e até fobias sociais ou depressões. Estejamos atentos!

Sustentadas pela Palavra, as comunidades, as pessoas são convidadas a gerar o novo que as leva à celebração do específico de cada momento vivido, partindo do centro da nossa vida eymardiana, a Eucaristia. Isto exige sabedoria, persistência, resiliência para que tanto as pessoas quanto os projetos comunitários sobrevivam, diante das forças contínuas da pulsão de morte, como nos lembra Freud. Uma das marcas da pandemia é a da morte; isso está evidente. Não somente a morte de pessoas, mas também a morte subjetiva do psiquismo, morte social, morte econômica, morte das funções de governos e de modelos de trabalho na atualidade. Uma coisa é certa: esta pandemia leva a outras pandemias que precisam ser enfrentadas, com perseverança, no que é vital para nós. Algo nos parece certo: levaremos muito tempo no futuro, pós-pandemia, para nomearmos na via da palavra “o que é isso” que vivemos hoje.

Onde há novos desafios, nascem novas oportunidades

A psicologia nos ajuda a entender que um desafio, quando se impõe ao ser humano, também, traz consigo uma nova oportunidade, ou várias. Mas enxergá-las só é possível para quem se coloca aberto, deseja pensar, refletir, analisar e agir de forma criativa (o que requer vontade pessoal). Se quisermos crescer só com as coisas boas da vida, nos tornaremos pessoas sem eixo, sem maturidade, sem ponto de equilíbrio, pessoas que facilmente desistem das coisas essenciais no caminho da vida. Seguir o caminho contrário ao da perseverança é muito mais fácil, pois não requer esforços. No mundo atual, uma geração vinha sendo formada nesta direção, filhos incapazes de lidar com a frustração que as perdas trazem.

Tempos difíceis geram homens e mulheres mais fortes, é o que nos diz a psicologia da resiliência. Contudo, é bom lembrar que isso não se dá como que por “geração espontânea”. Nesse momento, da grande crise pandêmica, exemplos vêm de vários lugares, onde há pessoas comprometidas com a vida e a “missão de curar” a humanidade, pois multiplicam-se em gestos de solidariedade, de espírito cooperativo, coletivo. Inclusive, fora da Igreja, cresce uma onda muito grande de criatividade necessária para atravessarmos esse tempo de desassossego.

fora da Igreja, cresce uma onda muito grande de criatividade necessária para atravessarmos esse tempo de desassossego. Sendo assim, esses movimentos criativos nos inúmeros campos da vida, questionam-nos, seja como Igreja, seja como família eymardiana. Nesse momento, como família eucarística, temos conseguido reunir vontade pessoal e comunitária para dar nossa parcela de colaboração no mutirão em prol da vida na qual

Tempos difíceis geram homens e mulheres mais fortes, é o que nos diz a psicologia da resiliência. Contudo, é bom lembrar que isso não se dá como que por “geração espontânea”. Nesse momento, da grande crise pandêmica, exemplos vêm de vários lugares, onde há pessoas comprometidas com a vida e a “missão de curar” a humanidade, pois multiplicam-se em gestos de solidariedade, de espírito cooperativo, coletivo. Inclusive, fora da Igreja, cresce uma onda muito grande de criatividade necessária para atravessarmos esse tempo de desassossego.

estamos presentes? Qual tem sido nossa leitura e percepção? Quo vadis, família?

Crescer com essa grande crise humanitária é uma escolha que requer, de cada homem e mulher eucarísticos, de cada comunidade, algo que vá além do distanciamento social, que ofereça novos modos de “ser Igreja em saída,” a partir de nosso centro vital chamado Memorial do Senhor, como nos lembra o nº 21 da Regra de Vida. Esse movimento de saída deve partir do centro vital eucarístico, já na pandemia, e deve projetar-se rumo ao futuro pós-pandemia. Não pode ficar restrito às transmissões virtuais de missas e adorações. Isso é muito pouco. Até por que, inclusive, este serviço pode ser ofertado com muito mais qualidade por canais católicos, especializados na comunicação, nas dioceses onde estamos, ainda que com conteúdos e expressões litúrgicas nem sempre fiéis à Tradição do Memorial do Senhor.

Ora, se um novo vírus do qual não temos como nos defender (ainda) nos impõe uma série de desafios e consequências à sobrevivência (social, econômica, relacional, espiritual e outros) da humanidade, não sendo responsáveis de forma consciente por seu contágio, é bem verdade que se faz necessária a consciência

de nos movimentarmos rumo à superação. Novas possibilidades de criar respostas a esses novos desafios é questão de sobrevivência (psíquica, social e espiritual) do ser humano, do sujeito.

Essas respostas, como já disse, não são geradas espontaneamente. Ao contrário, novas ações, possibilidades de tornar o Memorial do Senhor o centro de nossas vidas requer esforço, organização comunitária, participativa, empenho, coragem, audácia... esperança! Isso, faz-me lembrar do itinerário da “paixão pela missão SSS”, que já nos foi indicado pelo penúltimo Capítulo Geral dos Sacramentinos. Sem essa paixão pela vida e pela missão, não tem superior, provincial ou governo geral que consigam mover a pedra de “nossos túmulos”, como nos ajudou a rezar o Tempo Pascal. Pois não existe ressurreição, vida nova (nova vida) onde a vida insiste em ficar no mesmo lugar, com o mesmo olhar, pensar e agir.

Quem sabe se, ao enxergarmos nossos desafios pessoais, comunitários e de missão, conseguimos passar para outro nível do processo: o da criatividade como resposta e expressão das possibilidades geradas dentro desta grande noite, desse tempo de desassossego? Quem sabe quando as pessoas decidirem por se movimentarem, em novas possibilidades, uma nova energia

possa ser gerada, como a da água que move o moinho? Onde tem movimento, tem energia que, ao circular, produz processos novos capazes de transformar as realidades, por mais desafiantes que sejam. Todavia, canalizar essa energia criativa, para mover novos projetos, requer, como foi dito acima, boa vontade, paixão, desejo de fazer este novo aparecer na superfície da vida ferida, na imensidão desse deserto que atravessamos. Senão, esse novo morrerá, antes mesmo de nascer.

Quando esse movimento de criação começar a brotar desse novo olhar humano e divino, saibamos encontrá-lo, também, nos relatos registrados de nosso fundador. Como aquele homem, Padre Eymard, foi apaixonado pela missão! Um verdadeiro apóstolo da Eucaristia, forjado pela Eucaristia ao elegê-la como centro vital de seu pensar, sentir e agir. O modelo de encarnação o fez reinventar-se, sempre, deixando todos os êxitos desse mundo, mesmo na Igreja, para recomençar, até que seu coração, na mais longa noite escura (O Grande Retiro de Roma) de sua vida, encontrou repouso no “andar de cima” do cenáculo interior, não o de Jerusalém. Foi lá naquela sala simples de sua alma, de sua mente, psiquê, coração que o Apóstolo da Eucaristia deixou também seu mandamento novo, seu testamento final, brotado

de “um desejo ardente” que consumia sua vida toda como a “vela que se consome diante da Eucaristia”, silenciosa, discreta, perene, mas firme e quente.

Enfim, até nos últimos anos de sua vida, Padre Eymard soube transformar desafios em possibilidades, criar de seus desertos oásis eucarísticos de vida. Somente um homem que elegeu como centro de sua vida o Memorial do Senhor poderia ser tão apaixonado, criativo, capaz de recriar sua vida, seus projetos, seu pensar e seu agir. Nesse sentido, talvez, o desafio de abrir o Cenáculo de Jerusalém seja um grande exemplo de quem soube refazer-se, sempre que necessário, a partir dos desafios impostos a ele, começando por sua própria história pessoal e familiar... até sua missão.

A psicologia natural do ser humano: transformar-se é preciso

É impressionante como existe uma psicologia natural que vem da relação entre o ser humano e as coisas que estão no mundo a seu redor. Essa psicologia brota da capacidade que ele tem de criar, de transformar a vida, de se reinventar, de se superar. Talvez, numa leitura cristã que fazemos, isso seja um reflexo de nossa familiaridade divina,

pois à imagem e semelhança do Criador fomos feitos.

Meus caros irmãos e irmãs, um processo de criação, superação requer esforço psíquico para reagirmos! Dessa reação nasce algo novo para tornar a vida humana melhor, como estão os cientistas diante do processo de descoberta da cura para o novo COVID-19. Como isso, poderia ser traduzido para nossos desafios de missão na Igreja, na congregação sacramentina, na família eymardiana? Como vocês acham que poderíamos criar novas rotas ou traduções atualizadas de nossa espiritualidade (cristã, eucarística), ao invés de ficarmos numa posição confortável de “distanciamento eclesial” das grandes questões de enfermidades do mundo atual?

Cara família, nessa pandemia, não tenho dúvida, estamos, talvez, diante da mais importante (ou última) oportunidade de descobrirmos, em nossa fonte carismática, a do Memorial do Senhor, novas possibilidades de avançarmos na Igreja com a presença do nosso carisma diante desses novos desafios, a partir “das riquezas do amor de Deus presentes na Eucaristia”, como nos recorda nossa fórmula segura chamada Regra de Vida. Quanto a esta constatação, não é curioso vermos nesse momento que, ao mesmo tempo em que uma força

de morte avança sobre o tecido social humano, contaminando-o com um vírus que era desconhecido até o ano passado, exista também uma na contramão, uma força de vida, levando a humanidade adiante? Vejamos a nosso redor, neste momento em que somos afligidos por todos os lados, com as consequências da pandemia, quanta força vital tem sido empenhada para proteger a vida humana, recuperá-la ou diminuir seu sofrimento.

Quanta criatividade o “amor exagerado” tem feito nascer na vida de várias pessoas que se tornaram mais solidárias, fraternas, generosas umas com as outras durante essa pandemia. De repente, de dentro do isolamento social, as janelas tornaram-se a porta de entrada para a reaproximação humana das pessoas para ouvir músicas, partilhar os alimentos, conversar, ver, ouvir o outro, sentir a vida. De repente, a vida ganha status de reflexão sobre seu lugar no dia a dia, passando a ser vista não como algo puramente orgânico (dado pela natureza), mas como um conjunto de forças que resiste à morte, como nos lembra Freud.

Durante a pandemia, nesse ato de refletir, de pensar o lugar da vida e do viver, percebemos que “muitos antídotos” têm sido descobertos pelos seres humanos contra as outras pandemias que

não eram vistas como tais, além do COVID-19. De repente, com todas as coisas que “caíram por terra” na pandemia, passamos a ver a vida como algo menos previsível, predeterminado e, então, no território da transitoriedade, da vulnerabilidade, passamos a cultivar o mistério de sua unicidade.

É nesse tempo, onde o que parecia certo e garantido à vida humana, mostra-se impermanente que também seu poder criativo pode ser despertado. Por isso, faz-se mais aberto, porque o que ele julgava conhecer, certamente não responde mais à manutenção de seus projetos, crenças e planejamentos. Daí, as rotinas, ritmos e ritos tornaram-se profundamente alterados, sem condições de sustentar o que vinham sustentando até então. Basta observarmos como nossa rotina diária mudou, na pandemia (não podemos sair livremente, ir e vir), levando-nos a um novo ritmo de vida (adaptações contínuas são feitas a cada semana), enfim, fazendo cessar nossos “ritos sagrados” (de vida e de morte), não obstante, nossos ritos celebrativos e de oração.

Ao pensarmos em “voltar ao normal”, busquemos voltar ao melhor de nós mesmos, àquilo que nos faz retomar nossas origens primeiras do que é nobre e valoroso à vida humana e à

fé cristã. Enfim, se é pra voltar, “voltemos a Cristo”, ao Dom de si, à cultura do Amor Exagerado ofertado como testamento vivido por Santo Eymard, a tal ponto de ser reconhecido nos altares da Igreja, em sua canonização, como o Apóstolo da Eucaristia. Em sua vida inteira, ele buscou a fonte cristã, o Memorial do Senhor e dela bebeu para partir sempre em missão, “como Jacó sempre a caminho”.

Ao pensarmos em “voltar ao normal”, busquemos voltar ao melhor de nós mesmos, àquilo que nos faz retomar nossas origens primeiras do que é nobre e valoroso à vida humana e à fé cristã. Enfim, se é pra voltar, “voltemos a Cristo”, ao Dom de si, à cultura do Amor Exagerado ofertado como testamento vivido por Santo Eymard, a tal ponto de ser reconhecido nos altares da Igreja, em sua canonização, como o Apóstolo da Eucaristia. Em sua vida inteira, ele buscou a fonte cristã, o Memorial do Senhor e dela bebeu para partir sempre em missão, “como Jacó sempre a caminho”.

Nesses tempos de desassossego, cresce a procura pelo fundamental

Na área das ciências humanas, a Psicologia é a que mais ajuda a entender os caminhos da resiliência humana em seu psiquismo, seja pessoal ou grupal. Para isso, a psicanálise nos leva a entender que existem duas pulsões no mundo intrapsíquico: a pulsão de vida e a pulsão de morte. A pulsão de vida é aquela que sustenta o ser humano em sua existência pelo mundo afora e o coloca de pé frente à vida, com seus encantos e obstáculos. Por outro lado, a pulsão de morte promove a proximidade do ser humano de sua autodestruição. A pulsão de morte trabalha para o aniquilamento ou o achatamento do sujeito e suas escolhas, pondo-o em risco o tempo inteiro. Isso está muito presente, de forma explícita, em pessoas dependentes (cigarro, álcool, consumismo de qualquer natureza).

A sobrevivência grupal da humanidade, diante das inúmeras ameaças à vida, tal como a força da natureza, que cada vez mais põe em risco os modos de viver da grande cidade, as relações de poder, as forças econômicas, políticas, governamentais, religiosas, enfim, tudo isso afeta

diretamente a vida pessoal e grupal, levando-nos, por vezes, à perda daquilo que podemos ter como central.

A vida presente e futura da espécie humana depende e dependerá, em muitos aspectos, das escolhas que seremos capazes de fazer dentro dessa pandemia (que deverá durar um tempo) e o período “pós-pandemia,” que vai exigir de nós - como um corpo que adoeceu e precisa recompor-se para seguir vivendo - um pouco mais de paciência, de humildade de existir, de criatividade, de esforço em prol do bem comum (humano e ambiental), de capacidade de trabalhar numa nova lógica que não seja aquela que parece ter desmoronado com essa pandemia.

O historiador e filósofo, camaronês Achille Mbembe, analisando o lugar do ser humano nessa pandemia, conclui que “nunca aprendemos a morrer”. Uma coisa é reconhecer a morte do outro, daquele que está distante. Outra, é ter que lidar com a possibilidade de sua própria morte, ou então de alguém de dentro de sua vida, de sua casa, de onde menos você espera. Então, desse tempo da relação possível com a morte no âmbito pessoal, o ser humano vai ser provocado a colocar-se a caminho do que é fundamental, central à vida pessoal e coletiva.

Achille afirma que na pandemia todo mundo corre o risco de morrer infectado (ainda que os pobres corram risco maior). De alguma forma, nos países, pessoas pobres ou ricas estão morrendo, mesmo com planos privados de saúde, sendo contaminadas mesmo tendo muito dinheiro. De forma indistinta. Conclui o autor acima “a morte democratizou seu poder de matar” em qualquer lugar do planeta. Em qualquer faixa etária da vida, seja criança, jovem, adulto ou idoso, embora este se veja mais vulnerável. Este medo, para muitos verdadeiro pânico, suscitado com a pandemia, no afastamento social, tem exigido uma posição frente à vida e ao ato de viver, primeiro, de cada um e, ao mesmo tempo, da vida fora de nós.

Uma nova cultura faz-se necessária para vencer a força da morte. É familiar ao cristianismo, pois ela se sustenta em algo conhecido em seus valores, a força do coletivo, a força da cooperação. Ainda mais nós, cristãos da família eymardiana, devemos olhar para essa realidade da cultura da cooperação e reconhecê-la, de uma forma muito especial, presente na Eucaristia (fonte e missão) celebrada, contemplada e proclamada profeticamente.

Como diz Yuval Harari, historiador e escritor israelense, num

artigo publicado logo no início da pandemia na Revista Times, não devemos achar que a saída para o fim dessa doença seja a “desglobalização do mundo”, a aposta na “cultura do fechamento” de fronteiras. Isso pode servir no momento em relação ao emergencial, como a ação do distanciamento social, por exemplo, não como ação permanente, como política internacional. Afirma Harari “o verdadeiro antídoto para epidemias não é a segregação, mas a cooperação”, portanto, o modelo família. Ele chama atenção para a “globalização da solidariedade”, da partilha do pão do conhecimento, partilha do pão do aprendizado dos primeiros países contaminados com seus acertos e erros. Os tempos da pandemia pedem saídas corajosas, audaciosas em vista da coletividade. Ficar no isolamento social é pouco.

Precisamos ir além da cultura do distanciamento social

Não podemos apenas isolar-nos, contentando-nos em não nos contaminarmos e em não contaminar os outros, embora isso seja importante para a sobrevivência. Isso é dever básico no protocolo da Organização Mundial da Saúde (OMS) e dos governos e lideranças portadoras

de sabedoria. Precisamos ir além. Avançar rumo ao que temos de melhor na família eymardiana.

Precisamos abraçar a Teologia do Lava-Pés, do “amor exagerado” de Padre Eymard, como resposta e expressão do “Memorial do Senhor, como centro e partida pessoal e comunitária” (RV nº 21). Nesse sentido, o distanciamento social não pode afastar-nos da solidariedade, da compaixão, das obras de caridade cristã, da sensibilidade com os que mais sofrem, sobretudo, com esta pandemia. Pelo contrário, este momento da humanidade nos pede, de alguma forma, nossa parcela de contribuição. Nessa perspectiva, onde estamos como Igreja, como família eymardiana nas províncias, comunidades, grupos eucarísticos?

A Igreja pós-pandemia, com certeza, será questionada, não pelas missas que deixou de celebrar, pelas confissões que deixou de atender – talvez, isso até seja coro uníssono de alguns “catolibans” (católicos extremistas) que, por se julgarem “saudáveis”, teriam direito de deixar seus familiares idosos e enfermos em casa para ir à igreja receber o corpo de Cristo. Seremos certamente julgados pela história quanto às escolhas que possamos ter feito ou deixado de fazer, pela solidariedade ou omissão, pelo comodismo ou

proatividade, pela indiferença ou iniciativas em favor do próximo, pelo medo ou coragem de nos pormos à frente da assistência às pessoas vulneráveis. Sejam as mais pobres ou as afetadas diretamente (e não digo só no corpo) pela pandemia. Seremos certamente lembrados pela nossa colaboração nos debates e se fomos capazes de nos adaptar às novas urgências com novas expressões de missão.

O mundo não será salvo por heróis, pessoas isoladas, como já dissemos. Dessa vez, o heroísmo vem desse olhar comum, global, no qual tudo está interligado, coexistindo. Por isso, como afirmou Harari, é hora da cooperação como resposta de saída.

Esse olhar comunitário, sobre a vida de forma abrangente tem um “DNA eucarístico” do Memorial do Senhor, pois quem vive desse centro vital, não deve ter outra força de atração que não seja aquela que se expressa no “mandamento novo”, no “eles eram perseverantes” (na partilha da palavra e do pão); enfim, na força do coletivo, da cooperação mútua, do comunitário.

Considerações finais

Ao chegarmos até aqui, após o começo de conversa (onde estamos?), o desenvolvimento

A Igreja pós-pandemia, com certeza, será questionada, não pelas missas que deixou de celebrar, pelas confissões que deixou de atender – talvez, isso até seja coro unísono de alguns “catolibans” (católicos extremistas) que, por se julgarem “saudáveis”, teriam direito de deixar seus familiares idosos e enfermos em casa para ir à igreja receber o corpo de Cristo. Seremos certamente julgados pela história quanto às escolhas que possamos ter feito ou deixado de fazer, pela solidariedade ou omissão, pelo comodismo ou proatividade, pela indiferença ou iniciativas em favor do próximo, pelo medo ou coragem de nos pormos à frente da assistência às pessoas vulneráveis.

(abordagem de alguns tópicos importantes do tema) se faz necessário. Encerramos esse texto com algumas considerações finais, ainda que sem a pretensão de fechar totalmente este caminho. Pelo contrário, ele

está só começando, como uma espécie de “pontapé inicial”. Então, apresentamos algumas pistas que nos auxiliem a avançar nesse campo rumo à vitória final, que será fruto de nossos esforços, estratégias e iniciativas comunitárias, como nos ajudou a ver Harari.

a) Uma testemunha do Memorial do Senhor, o Apóstolo da Eucaristia

Nossa primeira pista vem de um testemunho de resiliência, que sempre esteve a caminho na vida. Não quero falar aqui do santo em si, mas de algumas características da personalidade de Pedro Julião Eymard, nascido em La Mure, em 4 de fevereiro de 1811, e que o levaram à santidade.

Desde o nascimento, teve que aprender a superar os grandes desafios de vida, de crescimento, de família, das vontades contrárias de seu pai para seu futuro, entre outras marcas de perseverança. Sua história não foi fácil, por motivos externos e, internamente, nunca buscou uma vida eclesial e espiritual fácil, cômoda. Pelo contrário, sempre se desafiou a “avançar para águas mais profundas”.

Essas marcas que tornaram sua pessoa um homem de referência foram reconhecidas de

uma forma singela e unificada no acréscimo que a Igreja deu a seu nome, em sua canonização: o de Apóstolo da Eucaristia. Esse nome nos parece um grande indicativo do quanto ele buscou, desde criança, colocar no centro de sua vida o Memorial do Senhor: “Cristo vive em mim!”. Ao longo de sua história, foi tornando-se “pão partido” para alimentar as pessoas a seu redor, para a missão eucarística da família eymardiana e para a Igreja, com sua santidade.

Nessa pandemia, o que a personalidade marcante e itinerante de Eymard, homem sempre a caminho, nos ensina? Hoje, quando conhecemos sua vida desde seu nascimento, crescimento (pessoa, padre, religioso, fundador), até sua canonização, com sua capacidade de recomeçar ao buscar a vontade de Deus em tudo, vemos que ele tem autoridade para nos ajudar a criar nossas rotas de vida e de missão, hoje, no mundo da e pós-pandemia. Se há uma coisa que define bem Pedro Julião Eymard é sua capacidade de não desistir, de ser perseverante como as primeiras comunidades dos Atos (Atos 2).

Essa conformação eucarística, que a Igreja condensa em sua canonização (Apóstolo da Eucaristia), deve ser também nossa meta vocacional. Cada um, cada uma deve ser um apóstolo

da Eucaristia neste mundo faminto dos valores da vida, a começar de sua dignidade. Aquele que viveu sua vida inteira se reinventando, recomeçando, mudando, “sempre a caminho”, se vivesse em nossos dias, também teria algo a dizer a nossa Família Eymardiana, como, por exemplo: que não nos fixemos em ser os mesmos que éramos até a chegada do COVID-19.

Aquele que morreu pouco depois de sua maior metamorfose, tem autoridade de questionar nossos modelos de vida fraterna, orante e servidora. Por isso, não tenhamos medo de rever nossas vidas, pois o tempo é propício, embora sofrido. No entanto, como “não existe parto sem dor”, tenhamos coragem de passar por ele como Jesus propôs a Nicodemos e a Padre Eymard em sua experiência eucarística de Cristo.

b) Sobre a “cultura do prefixo re” presente na pandemia

Nossa segunda consideração final refere-se a um fenômeno interessante aos olhos de algumas leituras que realizei. Seus autores, principalmente no campo da psicologia social, dizem que nunca foi tão propício re-ver conceitos, hábitos, ideias, processos, modos e projetos de vida como nesse momento. O mundo pede

por re-construção, em muitos aspectos e direções. Por isso, o prefixo re ganha um uso especial para muitos termos da linguagem humana que, por sua vez, são tradutores de escolhas, inclusive de retrocessos, ou seja, o de pessoas que desejam voltar a um lugar pior. Como escutei de um parouquiano nessa pandemia: “neste tempo em que estamos vivendo, quem ‘sair igual’ ao que entrou, já vai sair pior do que antes, porque o mundo não será o que ele deixou lá no início de 2020”.

O efeito da linguagem que antecede uma palavra, dando-lhe um novo significado ou originando novas palavras, indica-nos algo próprio da posição que o ser humano desenvolve em tempos adversos (exigentes), como esses nos quais nos vemos desafiados. Algo parece desenhar-se no horizonte do futuro próximo. Novas posturas diante do que for vital serão necessárias para vivermos. Pois se as perguntas estão mudando, não podemos querer manter a vida em comum com as mesmas respostas, isso sem falar no que está mudando e que ainda não alcançamos na consciência. Nesse tempo futuro próximo, a palavra (o modelo da encarnação) será ainda mais importante para curar as feridas, re-colocar num novo lugar o que saiu do eixo central da vida para termos mais saúde integral.

Como parte da Igreja, como família eymardiana, seremos questionados nesse futuro próximo pela capacidade de re-acender a paixão por Cristo e pela humanidade contemplada a partir do Cristo, Verbo de Deus e Pão da Vida. Seremos questionados pela capacidade de re-visão de nossa identidade vital que parte da Ceia do Senhor no Lava-Pés. Isto é, da Teologia do Manto (indicativo de dignidade batismal) e do Avental (indicativo ético de missão). Ou ainda, seremos questionados pela capacidade e interesse em re-fazer nosso caminho missionário, a partir desta grande tempestade que tem provocado a humanidade inteira a re-pensar seu lugar no mundo, de forma criativa e aberta a novas formas.

c) Sobre a força do modelo cooperativista (comunitário)

Nossa terceira consideração resgata o olhar de Harari sobre a saída para a pandemia e seus desdobramentos nefastos. Com o indicativo de cooperação (por nós, cristãos, traduzido como “vida em comunidade”) como forma de retomar a vida humana, após a pandemia, somos desafiados a superar a cultura global do fechamento e do isolamento político e econômico internacional. Esse novo antídoto que virá dessa visão da

coletividade, exigirá de nós reaprender a olhar o mundo e a vida humana a partir do outro, de fora e não de dentro de nosso mundo, de nosso eu (ego).

Quando traduzimos esse olhar cooperativo para a força da vida em comum, lançamos um segundo elemento que advém da espiritualidade eucarística eymardiana, o da Ceia do Senhor. Esta ceia é sustentada pela força da cooperação, do “eles tinham tudo em comum”, do “um só coração”. Esta lógica que se sustenta na abertura ao outro, no coletivo e não do indivíduo como norma derradeira. Nessa nova lógica de superação da “cultura do fechamento”, podemos nos perguntar: Aonde estão a Igreja, a Congregação, as comunidades, os membros da família eymardiana para somarem coro nesse modelo de saída da crise mundial e dos países onde estamos?

d) Sobre a necessidade de nos organizarmos para o futuro pós-pandemia

A quarta e última consideração diz respeito ao preparar-se para o que estão chamando de “nosso novo normal” que está por vir. No futuro pós-pandemia, e nele onde a Igreja, a família eymardiana desejam estar. Bem-aventurados os que tiverem se

preparado para responder à missão de uma forma nova, criativa sem abrir mão do centro vital que norteia seus carismas.

As organizações de comunicação, governamental, econômica, do trabalho e outras estão se organizando em “comitês pós-pandemia” para preparar os segmentos afins na vida em sociedade, nesse futuro próximo. Eu fico me perguntando: nós, que somos guardiões da vida em sociedade no modelo comunitário de irmãos e irmãs em que as pessoas se amam, se respeitam, compartilham o que têm, o que são, o que vivem, não deveríamos também começar a nos organizar para a missão nesse “nosso novo normal”? Onde estão os líderes da Família Eymardiana, das paróquias, santuários, colégios, grupos, pastorais, movimentos, projetos sociais, culturais, de formação, enfim, projetos de missão para iniciar a repensar este caminho? É hora de começarmos a nos remover, a rever o que tínhamos de missão. É hora de ressuscitar o que está adormecido, esquecido, desarticulado. Os tempos não serão fáceis. Quem disse que o cristão vive buscando tempo fácil? Se nossa missão brota do Mistério Pascal de Cristo, então, não queiramos caminhos fáceis. Que o Espírito do Ressuscitado

esteja conosco e que Ele nos indique o caminho, alimente-nos no caminho, fortaleça-nos no caminhar, torne-nos sempre mais apaixonados pelo que escolhemos livremente ser nesta vida da família eymardiana, como religioso, religiosa, leigo consagrado ou dedicado à missão eucarística, como um leigo agregado.

Podemos dizer que, maior do que o desafio de vencer o vírus, que será mais cedo ou mais tarde vencido nessa pandemia, teremos de superar o desafio de vencermos a nós mesmos. Vencermos o medo, as consequências deixadas pela pandemia, o comodismo, a falta de criatividade, a falta de esperança, o olhar viciado sobre as coisas, os trabalhos, a missão. Temos de suplantar os medos deixados pelo vírus em nosso meio, dentro de nós. O medo de recomeçar de um novo normal. E lá, neste novo lugar, alcançar a melhor versão de nós mesmos para reconstruirmos o mundo pós-pandemia, um mundo mais frágil e, ao mesmo tempo, mais forte.

Este momento que está se transformando, de forma rápida, e sem avisar, faz-nos acreditar que, neste deserto que estamos atravessando, “não é tempo de colher, mas de semear”. Semear gestos, propostas, escolhas por um mundo melhor. Como diz

o historiador britânico Neal Ascherson, citado por Frei Beto, ao descrever essa suposta humanidade melhor: “teremos que lutar por ele!” Isto é, não virá espontaneamente. Terá que ser forjado: primeiro dentro de nós mesmos; depois fora, na Igreja e na sociedade. Inclusive, podemos até voltar à suposta normalidade piores do que estávamos, é o risco do re-trocesso.

Tempos difíceis, duros e extremamente exigentes pedem da humanidade, de suas grandes instituições - grupos humanos, lideranças e pessoas comuns - um amor exagerado. Que sejam capazes de transformar esses tempos brutos em tempos mais suaves que possam redimir a vida que está fragilizada. É nessa trilha que o amor exagerado, deixado pelo Apóstolo da Eucaristia, em seus dias derradeiros, apresenta-se como expressão fundamental do Memorial do Senhor a quem desejar associar-se a nosso carisma. Enfim, diante desse desafio da pandemia do COVID-19 e das possibilidades que ela nos provoca conceber frente a essa pulsão de morte, permanece a pergunta que nos move em todo esse novo processo vital, desde o início desta reflexão: quo vadis, família eymardiana? Quo vadis?

Bibliografia

- Harari, Yuval Noah. Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade. Companhia das Letras. Edição do Kindle, 2020. Disponível em: <<https://play.google.com/books/r?id=vVbZDwAAQBAJ&hl=pt-BR&printsec=frontcover&pg=GBS.PP6>>. Acesso em: 20 de abril 2020; MBEMBE, Achille. O direito universal à respiração. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598111-o-direito-universal-a-respiracao-artigo-de-achille-mbembe>>. Acesso em: 01 maio 2020;
- A BÍBLIA. Novo Testamento. Edições Paulinas, São Paulo, 2015.
- EYMARD, Pedro Julião. Obras Completas. Roma: Cúria Geral. 2008.
- VV.AA. Uma leitura dos Atos, Cadernos Bíblicos 19. Edições Paulinas, São Paulo, 1983.
- FREUD, S. O Inconsciente (1915). In: Salomão, J. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974, 2ª. Ed., v. XIV;
- FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XVIII: primeira edição, Rio de Janeiro: Imago, 1976;
- LACAN, Jacques. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In.: LACAN, J. Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998;
- Frei Betto. A pandemia trará mudanças? Disponível em: <<http://www.ultrajano.com.br/a-pandemia-trara-mudancas-por-frei-betto>>. Acesso em: 01 maio, 2020;

OUVE O CLAMOR DO TEU POVO, SENHOR: ELEMENTOS DA VRC AO PROCESSO DE ESCUTA ECLESIAL

PE. JOÃO DA S. MENDONÇA FILHO, SDB¹

Resumo

O artigo pretende elaborar uma escuta dentro da escuta feita a VRC do Brasil em vista da 1ª Assembleia Eclesial Latino-americana e do Caribe. Em três chaves de leitura, apresento o processo: saber interpretar os contextos do caminho eclesial da Igreja no Continente;

2. Saber compreender os fatos à luz da escuta sinodal da VRC; 3. Saber agir de forma sinodal.

Palavras-chave: sinodalidade, escuta eclesial, vida religiosa.

Introdução

A Igreja da América Latina e Caribe viveu um tempo de **SABER OUVIR e SABER ESCUTAR**. O processo em vista da 1ª Assembleia Eclesial Latino-americana e Caribenha foi um desafio lançado

¹ Pe. Mendonça é salesiano de Dom Bosco. Mestre em Educação pela UPS/Roma, Bacharel em teologia e com especialização em teologia pastoral; graduado em educação sexual pela UNISAL/SP e Comunicação e meios de comunicação pelo SEPAC-COGEA/SP, escritor e atualmente assessor nacional da CRB no setor revista Convergência e publicações.

pelo Papa Francisco para colher os desafios que impactam na fé e sob a fé neste tempo de mudança de época.²

Uma Assembleia eclesial para todo o Povo de Deus. O processo foi um desafio porque ouvir é saber captar os clamores e gritos emitidos pelo povo, enquanto escutar, é saber entender a mensagem. Isso exige atenção, descer para ouvir, assim como o livro do Gênesis que diz, “Deus desceu para livrar o povo das mãos dos egípcios” (Gn 3,8). Outra expressão muito feliz diz “eis que eu, eu mesmo, procurarei pelas minhas ovelhas, e as buscarei” (Ez 34,11). O verbo ouvir, *samah*, em aramaico, aparece 1085 vezes na Bíblia, sempre numa relação entre Deus e a humanidade (Tg 1,19; Lc 11,28; Jr 29,12; 33,3; Pv 16,20; Sl 116,1-2; 18,6; 5,3; Mt 7,24; 1 Jo 5,15; Dt 4,12; Gn 3,8).

A vida religiosa consagrada, atendendo ao apelo do CELAM, assumiu a atitude de escuta. É sobre isso que desejo, aqui, neste artigo, comentar, pontuando alguns elementos desse processo na busca de interpretar o contexto, compreender os desafios e pistas para o agir de forma sinodal na concretização das esperanças.

² CELAM, V Conferência do episcopado Latino-americano e do Caribe, Documento de Aparecida, São Paulo: Paulinas, 2007, n. 44

Saber interpretar os contextos

É bom recordar os contextos de alguns eventos que marcaram época na agenda da Igreja entre o Concílio, Aparecida e, agora, a 1ª Assembleia Eclesial. O Concílio convocado pelo Papa João XXIII, em 1959 e, inaugurado em 1962, tinha como contexto a guerra fria, a ameaça nuclear, o mundo polarizado entre o capitalismo e o socialismo, a revolução sexual com o surgimento do movimento feminista, o acelerado desenvolvimento tecnológico, a fome no 3º Mundo e guerras revolucionárias em vários países, inclusive na América Latina, com a ditadura. Os tempos eram sombrios. O impacto de tudo isso, na fé, foi enorme e, para agravar, a estrutura eclesial estava na contra mão, fixa numa linguagem estética e de comunicação autorreferencial e incompreensíveis.

Nos anos do pós-concílio, desde Medellín (1968), até Puebla (1979), o agravamento da situação com a implantação das ditaduras na América Latina e o surgimento de um processo de mudança e profetismo da Igreja, sobretudo no Brasil, foram decisivos para garantir a melhor expressividade da inserção no meio dos pobres, a postura crítica e profética de boa parte do clero e da vida religiosa contra a ditadura e os

abusos de poder, o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base e de uma Teologia Latino-americana que encarnou o espírito do Vaticano II.

Em Aparecida, 2007, a V Conferência do Episcopado foi inaugurada num clima festivo, com a canonização do Frei Galvão, primeiro santo brasileiro, de origem, a presença do novo Papa, Bento XVI, o clima de religiosidade popular dos romeiros, a Igreja católica, sobretudo, no Brasil, em meio a um processo acelerado de distanciamento de muitos fiéis e o avanço do neopentecostalíssimo dentro e fora da Igreja. Uma conquista importante de Aparecida foi a abertura às reflexões teológicas e a presença de teólogos e teólogas na assessoria da Conferência.

Após 14 anos, com a renúncia de Bento XVI, em 2013, e a eleição do cardeal Mário Bergoglio, argentino, cujo nome escolhido, Francisco, vindo de um país “quase no fim do mundo”, como ele mesmo disse ao se apresentar na sacada da Basílica do Vaticano, surpreendeu a todos e trouxe um novo ar de Pentecostes à Igreja. Francisco, levou na bagagem o Documento de Aparecida, como ficou claro no seu modo simples de estar em meio ao povo e nos objetivos de sua primeira exortação apostólica *Evangelium Gaudium*,

*Aqui escolhi propor algumas diretrizes que possam encorajar e orientar, em toda a Igreja, uma nova etapa evangelizadora, cheia de ardor e dinamismo. Neste quadro e com base na doutrina da Constituição dogmática *Lumen gentium*, decidi, entre outros temas, deter-me amplamente sobre as seguintes questões:*

- a) *A reforma da Igreja em saída missionária.*
- b) *As tentações dos agentes pastorais.*
- c) *A Igreja vista como a totalidade do povo de Deus que evangeliza.*
- d) *A homilia e a sua preparação.*
- e) *A inclusão social dos pobres.*
- f) *A paz e o diálogo social.*
- g) *As motivações espirituais para o compromisso missionário³.*

Assim, o empenho do Papa Francisco segue firme, apesar dos conflitos e rejeições internas, de boa parte do clero, uma rejeição “branca”, mas consistente, movida pelo clericalismo e por um desejo retrotópico de retornar ao passado e de manter uma doutrina rígida, como ele mesmo se opõe. Nesse sentido, Francisco desejou que, no lugar de uma VI Conferência do Episcopado, fosse realizada a 1ª Assembleia

³ FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelium Gaudium*, n.17, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_seus_contornos, acesso 28/06/2021.

Eclesial Latino-americana e do Caribe, com a plena participação do Povo de Deus. Um sonho que brota, certamente, de seu desejo de uma Igreja em saída,

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de «saída» e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade.⁴

A escuta eclesial, esforço para “abandonar o cômodo critério pastoral do “fez-se sempre assim,” do saber ouvir a todos, promovendo a participação e a comunhão, saída de si próprio para o irmão,”⁵ aconteceu também em meio a vários movimentos que não podem ficar à margem do processo: Alguns países Latino-americanos vivem um fenômeno migratório que só

tende a aumentar; há retrocessos políticos, com o avanço de uma economia neoliberal; polarizações sociais com conflitos na Bolívia, Colômbia, Venezuela, Equador, Haiti, Cuba, Brasil etc; as consequências da pandemia, com o agravamento do desemprego, da fome e da crise sanitária, com o elevado número de mortos; a dialética imposta entre vida e economia; a politização das vacinas; agravante crise ambiental e dos povos originários, sobretudo no Brasil; a secularização com o declínio do número de católicos e o retorno ao poder clerical; avanço do neopentecostalismo; negacionismo prático, ético e moral; a mentira – fake News, como ideologia política; o desmanche das conquistas sociais; os escândalos sexuais e econômicos na Igreja católica, com o desvio moral do poder; ausência de lideranças políticas e religiosas; a condição da mulher na sociedade e, sobretudo na Igreja, com os estigmas do machismo; o racismo, com a exclusão de jovens negros, o aumento da violência e os preconceitos elitistas; crescimento do movimento de igualdade de gênero. É um emaranhado de fatos que revelam a complexidade da sociedade líquida moderna.

Escutar e discernir são atitudes de Francisco, num contexto social e eclesial complexos, com mudanças aceleradas e forte subjetivismo

4 Ibid, n. 27

5 BRIGHENTI Agenor, Igreja sem saída, Igreja em saída: Da Conferência Episcopal de Aparecida para a Assembleia Eclesial do México, www.ihu.unisinos.br/609929-sem-saida-igreja-em-saida-daconferencia-episcopal-de-aparecida-a-assembleia-eclesial-do-mexico, acesso 28/06/2021.

que interferem enormemente no contexto eclesial contemporâneo. Francisco abriu várias gavetas fechadas do Vaticano II. Não trouxe novidades, no sentido pleno do termo, mas colocou encima da mesa o espírito do Concílio – aggiornamento - que esbarra no clericalismo, que é “uma perversão da Igreja e de seus ministérios, pois anula a graça batismal”⁶. A este respeito, o Papa já se expressou em várias ocasiões, mas trago à memória uma reflexão no Chile, aos bispos,

*O clericalismo, que é uma caricatura da vocação recebida. A falta de consciência do facto que a missão é de toda a Igreja, e não do padre ou do bispo, limita o horizonte e – o que é pior – coarta todas as iniciativas que o Espírito pode suscitar no meio de nós. Digamo-lo claramente: os leigos não são os nossos servos, nem os nossos empregados. Não precisam de repetir, como «papagaios», o que dizemos. «O clericalismo longe de dar impulso às diferentes contribuições e propostas, apaga pouco a pouco o fogo profético do qual a Igreja inteira está chamada a dar testemunho no coração dos seus povos. O clericalismo esquece que a visibilidade e a sacramentalidade da Igreja pertencem a todo o povo fiel de Deus (cf. Lumen gentium, 9-14) e não só a poucos eleitos e iluminados».*⁷

6 FERNANDO Altemeyer Júnior, A praga do clericalismo. As muitas cicatrizes de uma doença letal, In Formação desafios Morais 2, São Paulo: Paulus, 2020, p. 254.

7 FRANCISCO, viagem ao Chile, discurso aos bispos, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/>

Esse pensamento do Papa pode, tranquilamente, ser adaptado à realidade brasileira e de muitos outros países da América Latina e do Caribe. Vivemos um retrocesso prático, uma rigidez pastoral que, em muitas dioceses, anula o laicato ou promove a clericalização do mesmo, que é muito pior

Essa análise interpretativa, dos contextos, lança-nos para um segundo degrau da nossa reflexão: a compreensão das escutas que a CRB promoveu durante o mês de junho, para ouvir desde os jovens que batem nas portas de nossas casas, até os religiosos e religiosas de formação permanente, na busca sincera e sem preconceitos de saber ouvir os desafios e as esperanças.

Saber compreender os fatos

A CRB Nacional desenvolveu um significativo serviço de escuta online da vida religiosa em vista da 1ª Assembleia Eclesial Latino-americana e do Caribe, México 2021. Iniciamos com uma formação aberta para toda a vida religiosa, com assessoria do padre Agenor Brighenti que, com sua experiência de assessor, em Puebla, Santo Domingos e Aparecida, muito nos ajudou a repensar o caminho teológico

[papa-francesco_20180116_cile-santiago-vescovi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180116_cile-santiago-vescovi.html), acesso 01/07/2021.

e do Magistério eclesial na América Latina e Caribe, com seus avanços, sombras e luzes. Participaram 700 pessoas.

Com ênfase em Aparecida, nosso principal objetivo, Padre Agenor iluminou o processo de escuta que estávamos iniciando. Ficou evidente para todos nós que uma Igreja dialogante, que carrega consigo os anseios e sonhos do povo, precisa de uma mística que a mantenha perseverante, a exemplo de Jesus, então, seguimos o caminho do encontro de Jesus com a Samaritana (Jo 4, 7-26). Um encontro no qual Jesus derrubou os muros das divisões,

criou ponte e ofereceu o que ele tinha de melhor, a água viva que sacia a sede de fraternidade, justiça e paz. O caminho da escuta eclesial que realizamos como VRC foi alimentada por essa fonte.

Apresentarei, numa tentativa de síntese, o quadro das respostas que, na minha leitura, ficaram mais evidentes em todo o processo. Não se trata de uma palavra final, muito menos como pretensão de oferecer uma resposta, mas a tentativa de agregar, nos desafios e esperanças o, saber compreender das várias categorias de vivências na VRC.

CATEGORIA DE VRC	DESAFIOS	ESPERANÇAS
<p>Superiores(as) conselheiros(as)</p> <p>Inscritos 192</p> <p>Participantes 134</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Formação profética e missionária das Novas Gerações à luz do Vat. II; 2. Superação do clericalismo que obstaculiza o protagonismo da mulher, sobretudo nas esferas de decisões; 3. Abertura às novas pobrezas: migrações, refugiados, povos originários, negros; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cultivo da espiritualidade da esperança e ecologia integral; 2. VRC profética e comprometida com os pobres, com os jovens, com o uso das novas tecnologias na Ação Evangelizadora; 3. Manter viva a comunhão com Papa Francisco e continuidade com seu pontificado;

<p>Animadoras (es) de comunidades e formadores (as)</p> <p>Inscritos 272</p> <p>Participantes 172</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Resgate do Vat. II no modelo de Igreja samaritana, dialogante, compassiva, missionária, discípula; 2. O clericalismo que abafa a voz das mulheres e distorce o processo formativo das Novas Gerações de padres; 3. Falta de comunhão com o Papa de muitos movimentos eclesiais e de parte da hierarquia; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Resgate e valorização das juventudes na Ação Evangelizadora com o espírito sinodal; 2. Investir na formação como trabalho artesanal das juventudes e das Novas Gerações, com atenção na Iniciação cristã e no pacto educativo global; 3. Maior participação das mulheres na Igreja, em saída, como discípulas missionárias;
<p>Novas Gerações</p> <p>Inscritos 219</p> <p>Participantes 147</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. VRC, à luz dos carismas, comprometida com a leveza institucional e com as novas pobrezas do continente; 2. Avanço da secularização e o cansaço das lideranças; 3. Indiferença, sobretudo, da hierarquia e de movimentos, com a forma de governo do Papa Francisco; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sermos uma Igreja, em saída, com experiências inovadoras; 2. A sinodalidade como resgate do protagonismo dos cristãos leigos (as); 3. VRC perseverante com a renovação de Aparecida, Igreja samaritana;

<p>Formação Permanente</p> <p>Inscritos 281</p> <p>Participantes 197</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. A pós-pandemia e a Ação Evangelizadora, sobretudo, com o luto das perdas humanas; 2. O clericalismo que fecha as possibilidades de abertura, prejudica a formação das novas gerações de padres, cria obstáculos para a ação da VRC; 3. Perda do profetismo das CEBs, do protagonismo da mulher e a dificuldade do diálogo diante de temas polêmicos da sociedade e da moral católica; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Abertura da VRC ao Papa Francisco; 2. Sinodalidade como novo jeito de ser Igreja; 3. Superação da pandemia com um estilo de Igreja reconciliada e reconciliadora;
<p>Formandos (as) aspirantes, postulantes, noviços (as)</p> <p>Inscritos 176</p> <p>Participantes 168</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aumento do clericalismo nas casas de formação e nos seminários na contramão do Vat. II; 2. Fragilidade espiritual e física do povo como consequência da pandemia e do luto; 3. A cultura do descartável na sociedade líquida e a indiferença diante das novas pobreza e das juventudes; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. A presença dos jovens na Ação Evangelizadora e o pacto global pela educação; 2. Protagonismo dos leigos (as) com a escuta de seus sonhos; 3. Testemunho evangélico do Papa que assumiu Aparecida como plano de governo e sua consciência coerente moral, ética e pastoral numa Igreja em saída;

<p>Vida Monástica contemplativa</p> <p>Conectados 33 pontos</p> <p>Presentes, acima de 100.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como apresentar a vida monástica contemplativa para os jovens de hoje e de amanhã? 2. A formação do Povo de Deus com um novo despertar missionário – Igreja samaritana – acolhedora; 3. A falta de comunhão eclesial, com forte avanço da secularização, subjetivismo religioso e o tradicionalismo; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Saber apresentar a vida monástica contemplativa na sua natureza e missão eclesial; 2. Fortalecimento da comunhão eclesial, maior formação do povo, abertura as culturas e solidariedade com a economia integral; 3. Saber acolher e acompanhar as juventudes, protagonismo das mulheres, utilizar dos meios de comunicação atuais, nisso a vida monástica e contemplativa também pode contribuir;
<p>ALGUNS PONTOS RELEVANTES</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Clericalismo e a rejeição da forma de governo de Francisco; 2. Abertura às novas pobresas; 3. Formação à luz do Vat. II e de Aparecida; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Comunhão com o Papa e VRC; 1. VRC comprometida com a sensibilidade às novas pobresas, com a formação à luz do Concílio Vat. II e o profetismo; 1. Protagonismo das juventudes, das mulheres e a sinodalidade;

Os números não são absolutos, porque em cada comunidade estavam presentes todos os religiosos (as) da casa, podendo chegar a um número muito maior, porém, o total de participantes ativos, alcançou mais ou menos 1.500 pessoas, conectadas, mesmo assim, ainda muito pequeno considerando o vastíssimo grupo de religiosos e religiosas da VRC no Brasil. Isso já fala por si mesmo, sobre o desafio, a falta de envolvimento e de sensibilidade com o atual momento eclesial.

Não obstante isso, o quadro complexo que procurei sintetizar revela o caminho de escuta que nos compromete, pois, “quando se abre para essa participação nos processos de decisões e na resolução de conflitos, o processo em si fica mais complexo, porque há muitas vozes que expressam parâmetros diversos. Assim, o discernimento se faz necessário para combater o autoritarismo do poder.”⁸ Escuta e discernimento, portanto, são duas atitudes importantes na forma de governar do Papa Francisco, favorecendo diferentes formas das “comunidades elaborarem projetos pastorais mais práticos e esforços, que tenham em conta tanto a doutrina da Igreja como as necessidades e desafios

8 ALEXANDRE A. Martins, Relação com o poder, o risco da falta de empatia e discernimento, In José Antônio, Maria Inês, Ronaldo Zacharias (Orgs.), Formação desafios morais 2, São Paulo: Paulus, 2020, p. 223.

locais.”⁹ Na Jornada Mundial dos jovens de 2013, ele dizia,

*Faz falta uma Igreja que não tenha medo de entrar na noite deles. Precisamos de uma Igreja capaz de encontrá-los no seu caminho. Precisamos de uma Igreja capaz de inserir-se na sua conversa. Precisamos de uma Igreja que saiba dialogar com aqueles discípulos, que, fugindo de Jerusalém, vagam sem meta, sozinhos, com o seu próprio desencanto, com a desilusão de um cristianismo considerado hoje um terreno estéril, infecundo, incapaz de gerar sentido. Precisamos de uma Igreja capaz de fazer companhia, de ir para além da simples escuta; uma Igreja, que acompanha o caminho pondo-se em viagem com as pessoas; uma Igreja capaz de decifrar a noite contida na fuga de tantos irmãos e irmãs de Jerusalém; uma Igreja que se dê conta de como as razões, pelas quais há pessoas que se afastam, contém já em si mesmas também as razões para um possível retorno, mas é necessário saber ler a totalidade com coragem. Jesus deu calor ao coração dos discípulos de Emaús.*¹⁰

Diante desse apelo, de uma Igreja em saída, Francisco revela uma prioridade, a formação “a

9 FRANCISCO, Exortação apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia, sobre o amor na família, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html, n. 199, acesso 02/07/2021.

10 FRANCISCO, Discurso aos bispos do Brasil na JMJ 2013, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasil.html, acesso 02/07/2021.

prioridade da formação: Bispos, sacerdotes, religiosos, leigos.”¹¹ Uma formação que aproxime dos fatos reais da vida e não mera intelectualidade e que não deixe o Povo de Deus na orfandade, sem pastores e pastoras segundo o coração de Deus (Ez 34). Sobre isso, disse o Papa no Chile, que o povo está órfão:

Um dos problemas, que enfrentam atualmente as nossas sociedades, é o sentimento de orfandade, ou seja, sentir que não pertencem a ninguém. Este sentir «pós-moderno» pode penetrar em nós e no nosso clero; então começamos a pensar que não pertencemos a ninguém, esquecemo-nos que somos parte do santo povo fiel de Deus e que a Igreja não é, e nunca será, uma elite de pessoas consagradas, sacerdotes ou bispos. Não podemos sustentar a nossa vida, a nossa vocação ou ministério, sem esta consciência de ser povo. Esquecermo-nos disto – como afirmei à Comissão para a América Latina – «comporta vários riscos e deformações na nossa experiência, quer pessoal quer comunitária, do ministério que a Igreja nos confiou». A falta de consciência de pertencer ao povo fiel de Deus como servidores, e não como patrões, pode-nos levar a uma das tentações que mais dano causa ao dinamismo missionário, que somos chamados a promover: o clericalismo, que é uma caricatura da vocação recebida¹².

11 Idem

12 FRANCISCO, encontro com os bispos do Chile, 16/01/2018, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180116_cile-santiago-vescovi.html, acesso 02/07/2021.

Orfandade que é um desafio para a Igreja no Continente que parece se fechar às novas pobrezas e criar uma rigidez com o clericalismo e ao retrocesso no processo formativo das novas gerações. No mesmo encontro, Francisco deixou claro,

Confesso-vos que me preocupa a formação dos seminaristas: que sejam pastores ao serviço do povo de Deus; como deve ser um pastor, com a doutrina, com a disciplina, com os Sacramentos, com a proximidade, com as obras de caridade, mas que tenham esta consciência de povo. Os Seminários devem pôr o acento no facto que os futuros sacerdotes sejam capazes de servir o santo povo fiel de Deus, reconhecendo a diversidade de culturas e renunciando à tentação de qualquer forma de clericalismo. O sacerdote é ministro de Jesus Cristo, o protagonista que se torna presente em todo o povo de Deus. Os sacerdotes de amanhã devem formar-se olhando para o amanhã: o seu ministério desenrolar-se-á num mundo secularizado, pelo que se nos exige, a nós pastores, discernir como prepará-los para realizar a sua missão nesse cenário concreto e não nos nossos «mundos ou situações ideais». Uma missão que se realiza em união fraterna com todo o povo de Deus. Lado a lado, impelindo e incentivando o laicado num clima de discernimento e sinodalidade, duas características essenciais do sacerdote de amanhã. Não ao clericalismo e a mundos ideais, que só entram nos nossos esquemas, mas que não tocam a vida de ninguém¹³.

13 Idem

O desafio de formar as novas gerações, com o olhar para o futuro e no espírito da sinodalidade, impõe-se, na atual conjuntura eclesial e social. Isso implica o protagonismo das juventudes, da mulher e de uma renovada opção pelos pobres. Na escuta aos superiores (as) e conselheiros (as), ficou bastante óbvio o desafio do clericalismo, da formação e da abertura às novas pobreza. Preocupação presente, também, na escuta dos formadores e da formação permanente. As novas gerações acenderam uma luz quando fizeram referência ao Concílio Vat. II, ao desejo de uma Igreja samaritana, com capacidade de acolher as pessoas enlutadas no pós-pandemia. Uma preocupação que nos enche de esperança, porque percebemos que uma boa parte da juventude que entra no processo formativo traz consigo a sensibilidade de um mundo cansado físico e espiritualmente, mas que precisa do ânimo e do anúncio profético de quem arrisca a vida no seguimento do Senhor. A questão é se essa juventude encontrará formadores (as) com preparo para corresponder aos seus sonhos. Eis o dilema e o desafio para a VRC.

A formação intelectual, pastoral, educativa, humana e espiritual, não será real se durante a formação inicial e, depois, na formação permanente, a pessoa

do religioso (a) e presbítero não assumir o protagonismo do processo, porque os tempos atuais não perdoa quem vive apenas da poupança do conhecimento recebido. Estamos numa era de grandes e profundas revoluções das “biotecnologias, da informação, da comunicação e da internet. O mundo está quase virtual.”¹⁴ O impacto dessas mudanças, na formação dos novos presbíteros e religiosos (as), é enorme. Passou o tempo em que nas dioceses, paróquias, escolas, obras sociais e comunidades as pessoas tinham pouca ou nenhuma formação cultural. Hoje, o povo está se graduando enquanto, na concepção de muitos candidatos e candidatas à VRC e ao ministério Ordenado, os estudos parecem preencher apenas o tempo para se chegar ao final do processo com os votos perpétuos ou a ordenação presbiteral. Falta paixão nos estudos, empenho pela pesquisa e mais incentivo dos formadores e formadoras. É triste “a ideia de que precisamos de pastores, padres para rezar missa, sem uma adequada formação intelectual.”¹⁵ Quando um formando (a) não assume com garra o processo formativo em vista da missão,

14 MÁRCELO Mário Coelho, Formação acadêmica e intelectual, o risco de contentar-se com o minimalismo, In José Antonio, Maria Inês, Ronaldo Zacharias (Orgs.), Formação desafios morais 2, São paulo: Paulus, 2020, p. 415

15 Ibid, p. 423-424

é para desconfiar da reta intenção. Há algo errado que terá tristes consequências no campo pastoral, “pois para ser líder de uma comunidade, exige-se não apenas boa vontade e dedicação, mas também competência, profundidade e dedicação.”¹⁶

Outra questão que surge com força na escuta é a rejeição ao Papa. Há uma clara e sistemática, mesmo que obscura, indiferença ao estilo “periférico” de ser do Papa. Seus gestos de proximidade, visitas aos lugares periféricos, onde o sofrimento e os gritos de refugiados, migrantes e excluídos são calados pela sociedade do consumo, da indiferença e do descartável, incomoda aos de dentro, assombra os afastados e encanta os católicos e, até os irmãos e irmãos de outras Igrejas. Entretanto, parece endurecer o coração dos pastores e daqueles que desejam um Papa monarca, distante e intocável. Francisco desce dos “tronos” do poder, beija os pés dos excluídos, socorre os empobrecidos, denuncia os corruptos que usam do poder religioso para abusos morais e sexuais, retira privilégios, coloca à luz do dia os bens eclesiásticos e senta lado a lado com as lideranças religiosas para o diálogo pela paz e a fraternidade. Sem sombra de dúvidas, é um Papa que assombra, assim como Jesus também confundiu e até chegou

¹⁶ Ibid, p. 428

a perguntar: “Quem dizem que eu sou?” (Mt 8,27).

A vida monástica contemplativa foi convidada a contribuir com a escuta. Para nossa alegria, 33 mosteiros marcaram presença, a maioria religiosas. É bom perceber que a VMC está em sintonia com a caminhada eclesial, como bem afirmou João Paulo II na Exortação *Vita Consecrata*, os mosteiros foram e continuam a ser, no coração da Igreja e do mundo, um sinal eloquente de comunhão, um lugar acolhedor para aqueles que buscam Deus e as coisas do espírito, escolas de fé

Francisco desce dos “tronos” do poder, beija os pés dos excluídos, socorre os empobrecidos, denuncia os corruptos que usam do poder religioso para abusos morais e sexuais, retira privilégios, coloca à luz do dia os bens eclesiásticos e senta lado a lado com as lideranças religiosas para o diálogo pela paz e a fraternidade. Sem sombra de dúvidas, é um Papa que assombra, assim como Jesus também confundiu e até chegou a perguntar: “Quem dizem que eu sou?” (Mt 8,27).

e verdadeiros centros de estudo, diálogo e cultura para a edificação da vida eclesial e também da cidade terrena, à espera da celeste.¹⁷ A sensibilidade dos monges e das monjas suscitam na Igreja o dinamismo pastoral, a oração e a busca sincera da vontade de Deus. Dai a necessidade de saber apresentar o valor no monaquismo à comunidade eclesial e sintonizar com seus desejos de uma Igreja missionária, samaritana, orante e fiel ao Evangelho.

Acredito que esse processo foi iluminador, gerou esperanças e pede conversão. Pessoalmente, considero três desafios para a Ação Evangelizadora no continente: 1. O avanço da secularização com o pluralismo religioso; 2. O retrocesso a um modelo de Igreja pré-Vaticano II, cristandade; 3. O clericalismo como barreira a reforma de Francisco. Como esperança, creio: 1. No protagonismo dos cristãos leigos (as) com o profetismo feminino; 2. Na Igreja reconciliada e reconciliadora de comunhão na diversidade; 3. Na abertura às novas gerações com a criatividade pastoral e fidelidade dinâmica no encontro geracional no qual, como bem disse Francisco, “os adultos sonham e os jovens realizam”.

17 JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata*, 25/03,1996, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.html, acesso 20/07/2021, n. 6

Saber agir de forma sinodal

Não pretendo responder à escuta, muito menos tirar os pés do chão, apenas apresento alguns elementos que acredito ser importante considerar no processo de escuta, dentro da escuta, que nos levará a uma virada histórica com a 1ª Assembleia Eclesial Latino-americana e do Caribe, México 2021. Às vezes, o caminho pode parecer tortuoso, mas o “caminho se faz caminhando”. A VRC expressou esperanças importantes que merecem destaque.

1. **Comunhão com o Papa Francisco.** Isso significa levar muito à sério o estilo de Igreja em missão, com a formação integral do Povo de Deus, empenho pela reconciliação e opção pelos pobres;
2. **Sinodalidade como caminho mistagógico** com o protagonismo das juventudes, das mulheres e a superação do clericalismo;
3. **VRC comprometida com as novas pobreza**s, acolhendo o povo de Deus no processo de reconstrução na pós-pandemia, resgate do Vaticano II, em plena sintonia com Aparecida; saber olhar para o futuro;

Acredito que o pouco pode ser muito, desde que um novo estilo de governo ganhe força na Igreja. É preciso pensar e projetar escolhas de bispos, superiores (as), lideranças leigas, com o critério do Bom Pastor e não de benemerências e intelectualidades, mas com o critério da água viva, que é Jesus.

Nesse sentido, é importante escutar Francisco, porque ele está dando sua contribuição à escuta eclesial. Aqui, menciono sua participação, no encontro celebrativo pelos 50 anos da Cáritas Italiana, quando sintetizou em 3 vias o sentido da caridade:

1. **Partir dos últimos:** A caridade é a misericórdia que vai em busca dos mais vulneráveis, que avança até as fronteiras mais difíceis para libertar as pessoas da escravidão que as oprime e transformá-las em protagonistas de sua própria vida. Ampliar o olhar, porém partindo dos olhos do pobre que tenho na frente. Quando não somos capazes de olhar com os olhos dos pobres, de olharmos em seus olhos, de tocá-los com um abraço, com a mão, não fazemos nada.¹⁸
2. **Caminho deverá ser sempre o Evangelho com os sentimentos de Jesus Cristo: É o estilo**

18 FRANCISCO, Discurso aos membros da Cáritas Italiana, <https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2021/june/documents/20210626-caritas-italiana.html>, acesso 02/07/2021.

do amor humilde, concreto jamais glamuroso, mas que se propõe, nunca se impõe. É o estilo do amor gratuito, que não busca recompensas. É o estilo da disponibilidade e do serviço, a imitação de Jesus que se fez nosso servo. A caridade é inclusiva; não se ocupa somente do aspecto material, tampouco somente do espiritual. A salvação de Jesus abarca a todo homem. Necessitamos de uma caridade dedicada o desenvolvimento integral da pessoa: uma caridade espiritual, material e intelectual.¹⁹

3. **Criatividade pastoral:** Não se deixem desanimar pelo crescente número de novos pobres e novas pobreza. São Tantas e aumentam! Sigam cultivando sonhos de fraternidade e sejam sinais de esperança. Contra o vírus do pessimismo, imunizam-se partilhando a alegria de ser uma grande família.²⁰

Conclusão

Esse artigo não teve a pretensão de esgotar a escuta, mas de ser, como disse, uma escuta dentro da escuta. Parti de três considerações metodológicas:

19 Idem

20 Idem

Saber interpretar os contextos complexos de hoje, na busca de resgatar o caminho feito na América Latina e Caribe com os contextos de hoje, depois de 14 anos de Aparecida. O surgimento de um Papa de periferia trouxe nova luz e novo assombro à Igreja, marcada pelo eurocentrismo eclesial. Com Francisco, a periferia do mundo tornou-se centro, com a presença do Documento de Aparecida. Isso significou a valorização da religiosidade popular, pois Aparecida nasceu na escuta da voz dos romeiros e no encontro com eles no Santuário Nacional.

A partir da escuta da VRC no Brasil, em vista da 1ª Assembleia Eclesial, tentei sintetizar as

vozes, com o saber compreender, deixando claro que um processo como este gera parâmetros diversos, portanto necessita de discernimento. Procurei destacar as preocupações de Francisco com a formação do clero, dos leigos (as); enfim, de todo o Povo de Deus, pois onde reina a falta de cultura, reina o autoritarismo.

Por fim, busquei interligar, no agir três pilares: sinodalidade, comunhão e perseverança da VRC com as novas pobrezas e a missionariedade. É um caminho dentro da escuta. Queira Deus que nossos sonhos se realizem num futuro próximo e possamos, de fato, vislumbrar “novos céus e novas terras”.

Bibliografia de apoio

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Vita Consecrata*, 25/03,1996, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.html.

CELAM, V Conferência do episcopado Latino-americano e do Caribe, Documento de Aparecida, São Paulo: Paulinas, 2007

FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelium*

Gaudium, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_seus_circumdati.html, acesso 28/06/2021.

TRASFERETTI José Antonio, DE CASTRO Maria Inês, Zacharias Ronaldo (Orgs.), *Formação desafios Morais 2*, São Paulo: Paulus, 2020.

BRIGHENTI Agenor, *Igreja sem saída, Igreja em saída:*

- Da Conferência Episcopal de Aparecida para a Assembleia Eclesial do México, www.ihu.unisinos.br/609929-sem-saída-igreja-em-saída-daconferencia-episcopal-de-aparecida-a-assembleia-elesial-do-mexico, acesso 28/06/2021.
- FERNANDO Altemeyer Júnior, A praga do clericalismo. As muitas cicatrizes de uma doença letal, In *Formação desafios Morais 2*, São Paulo: Paulus, 2020, p. 254.
- FRANCISCO, viagem ao Chile, discurso aos bispos, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180116_cile-santiago-vescovi.html, acesso 01/07/2021.
- ALEXANDRE A. Martins, Relação com o poder, o risco da falta de empatia e discernimento, In José Antônio, Maria Inês, Ronaldo Zacharias (Orgs.), *Formação desafios morais 2*, São Paulo: Paulus, 2020, p. 223.
- FRANCISCO, Exortação apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, sobre o amor na família, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html, n. 199, acesso 02/07/2021.
- FRANCISCO, discurso aos bispos do Brasil na JMJ 2013, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasile.html, acesso 02/07/2021.
- FRANCISCO, encontro com os bispos do Chile, 16/01/2018, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180116_cile-santiago-vescovi.html, acesso 02/07/2021.
- FRANCISCO, Discurso aos membros da Caritas Italiana, <https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2021/june/documents/20210626-caritas-italiana.html>, acesso 02/07/2021

ÍNDICE 2021

EDITORIAL

Nº/MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR/A
532/Fev-Abr	5-6	Recordar, arrependimento e regressar a Deus!	Pe. João Mendonça, sdb
533/Mai-Jul	5-6	Abundância, benção e dom	Pe. João Mendonça, sdb
534/Ag-Out	5-7	Sonho, serviço e fidelidade	Pe. João Mendonça, sdb
535/Nov-Dez	3-4	Os pobres não são pessoas externas à comunidade	Pe. João Mendonça, sdb

MENSAGENS / SANTOS

Nº/MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR/A
532/Fev-Abr	9-14	Celebração do Dia Mundial de Oração pelo cuidado da criação	Papa Francisco
532/Fev-Abr	15-26	Valores fundamentais de São José, na carta Apostólica Patris Corde	Papa Francisco
533/Mai-Jul	9-11	Santa missa na solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus	Papa Francisco
533/Mai-Jul	12-14	São Paulo da cruz	Papa Francisco
534/Ag-Out	10-14	Mensagem para o 8º. Dia Mundial de oração pelas vocações	Papa Francisco
534/Ag-Out	15-18	Veberável Madre Ília Corsaro	Ir. Lucelaine P. Ribeiro

535/Nov-Dez	9-18	Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres Mensagem ao Congresso Vida Religiosa da América L. e Caribe	Papa Francisco
-------------	------	---	----------------

INFORMES

Nº/MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR/A
523/Fev-Abr	27-35	Pistas para elaboração do projeto de vida	Ir. Ubiratan Oliveira, SJ e Francesca Carotenuto, AP
523/Fev-Abr	36-43	Um dos gritos do Sínodo com os jovens: acompanhar!	Ir. Annette Havenne
523/Fev-Abr	44-46	Formação: é tempo de docibílitas	Pe. Giovanni Cipriani, Passionista
523/Fev-Abr	47-48	O que o Espírito diz à Igreja do Brasil?	Frei Luis Felipe C. Marques, OFMCap
523/Fev-Abr	49-51	Texto, contexto e pretexto da Encíclica Fratelli Tutti	Pe. Alfredo J. Gonçalves, CS
533/Mai-Jul	15	Nomeação de consultoras Maria Inês e Márian Ambrosio	Card. Pedro Parolin
533/Mai-Jul	16-21	Que parábolas para este tempo?	Card. José Tolentino de Mendonça
533/Mai-Jul	22-25	Irmãs Franciscanas de N.Senhora Aparecida abrem nova missão à serviço da prelazia Apostólica de Borba/AM	Ir. Gabriela Roz, CIFA e Ir. Iriete Lorezzetti, CIFA

533/Mai-Jul	26-28	Mensagem da presidente da CRB Nacional para o Dia Mundial da VRC	Ir. Maria Inês V. Ribeiro, MAD
533/Mai-Jul	29-30	A todos os consagrados e consagradas	Card. João Braz Aviz
533/Mai-Jul	31-37	Conhecendo melhor o texto da CFE 2021	Pe. Adelson Araújo dos Santos, SJ
534/Ag-Out	19-25	Jubileu dos passionistas	Pe. Giovanni Cipriani e José Carlos Pereira, CP
534/Ag-Out	26-30	Testemunhas da beleza de Deus	Dom João Braz de Aviz e Pe. José Rodríguez Carballo, ofm
534/Ag-Out	31-32	O Dom da fidelidade - A alegria da perseverança	
534/Ag-Out	33-34	Inspetoria São João Bosco. Nota sobre o massacre no Jacarezinho	Pe. Natale Vitali, sdb
535/Nov-Dez	19	Cartas	Santa Sé - Vaticano

ARTIGOS

Nº/MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR/A
532/Fev-Abr	52-67	Um olhar sobre o conflito	Ir. Matina M.E. Gonzáles Garcia, SSPS

532/Fev-Abr	68-77	O racismo no Brasil: provocações à evangelização e à educação à luz do pacto educativo global	Ir. Maicon Donizete Andrade Silva, FMS
532/Fev-Abr	78-83	Os votos religiosos na perspectiva do Sínodo para a Pan-Amazônia	Frei Vanildo Luiz Zugno
532/Fev-Abr	84-93	Autoridade, tradição e experiência: três valores para bem servir!	Pe. João Mendonça, sdb
532/Fev-Abr	94-102	Redes sociais: o que fica de ensinamento do distanciamento social?	Pe. Plutarco Almeida, SJ
532/Fev-Abr	103-119	A questão da salvação no paradigma da missão Ad Gentes	Pe. Rafael Lopez Villasenor, Xaveriano
533/Maio-Jul	38-51	VRC feminina negra no Brasil	Ir. M. Heloísa Bento, SND
533/Maio-Jul	52-61	Escutar Deus na era digital: a espiritualidade cristã em novos tempos	Pe. Alfredo Sampaio Costa, SJ
533/Maio-Jul	62-72	Sentido humano religioso da fecundidade na VRC	Ir. Afonso Murad, FMS
533/Maio-Jul	73-79	Os votos religiosos na perspectiva do Sínodo Pan-Amazônica - 2ª parte	Frei Vanildo Luiz Zugno
533/Maio-Jul	80-89	Crise na VRC e as contribuições do método ADI/TIP	Priscila Garcia Silva

533/Maio-Jul	90-98	Ave, Senhora, Rainha santa: aspectos da devoção mariana na tradição franciscana	Frei Hércules de Vasconcelos Moreno, OFMCap
534/Ago-Out	36-53	A vida religiosa e os processos de iniciação à vida cristã	Pe. Luiz Alves de Lima, sdb
534/Ago-Out	54-61	Santa paulina: uma mulher no coração do cordeiro	Ir. Luzia Cândido dos Santos, CIIC
534/Ago-Out	62-75	Fragments pastorais do Sínodo Pan-Amazônico após um ano de sua realização	Pe. Paulo Suess
534/Ago-Out	76-90	Releitura do carisma da Congregação das irmãs carmelitas missionárias de Santa Teresa de Menino Jesus à luz da Teologia da missão contemporânea	Ir. Cecilia Tada
534/Ago-Out	91-107	Fratelli Tutti: ou nos salvamos sozinhos ou não se salva ninguém	Pe. Ronaldo Zacharias, sdb
534/Ago-Out	108-117	Os votos religiosos na perspectiva do Sínodo para a Pan-Amazônia, 3ª parte.	Frei Vanildo Luiz Zugno, OFMCap
535/Nov-Dez	25-36	Desafios da Pastoral Vocacional	Ir. Clotilde Prates de Azevedo, ap
535/Nov-Dez	37-50	As eleições nas Congregações: Ponto crucial	Aquilino Bocos Merino

535/Nov-Dez	51-59	São Francisco de Assis e os estigmas	Frei João de Araújo Santiago, OFMCap
535/Nov-Dez	60-70	A ansiedade e o trânsito religioso - algumas considerações	Ênio Brito Pinto
535/Nov-Dez	71-88	Neste tempo de desassossego, quo vadis, Família Eymardiana?	Marcelo Carlos da Silva, sss
535/Nov-Dez	89-105	Ouve o clamor do teu povo, Senhor: elementos da VRC ao processo de escuta eclesial	Pe. João da Silva Mendonça Filho, sdb

ANEXOS/ RESENHAS/ REFLEXÕES ORANTES

Nº/MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR/A
532/Fev-Abr	120-128	Reflexões orantes	CLAR
532/Fev-Abr	131-133	Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica, o dom da fidelidade, a alegria da perseverança – resenha	Pe. João Mendonça, sdb
532/Fev-Abr	134-137	Dez ideias insólitas sobre a vida religiosa - resenha	Pe. Jaldemir Vitório, SJ
533/Mai-Jul	100-103	Viver em comunidade para a missão - resenha	Pe. Jaldemir Vitório, SJ

533/Mai-Jul	104-105	A hora de Deus - a crise da vida cristã - resenha	Ir. Lauro Daros
534/Ag-Out	118-130	Riscos da vida religiosa	Giovanni Cucci, sj (Pe. Geraldo Martins, sdb, tradutor).




CRB NACIONAL
REGIONAIS

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)
CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL
BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE
CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA



ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA 2020

Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: convergencia@crbnacional.org
Pode também acessar o site e imprimir o boleto: www.crbnacional.org.br

Nome completo:
Congregação:
Endereço:
CEP (código postal): Cidade: UF: País:
Nova assinatura () Renovação ()
Telefone: () E-mail:
Forma de pagamento:
Efetivo () Depósito Bancário () Agência: C/C:

Valor da Assinatura:

Brasil: R\$ 145,00 América Latina e Caribe: U\$ 80 Europa: E 70 Outros países: U\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag:452-9 - C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para a CRB Nacional (convergencia@crbnacional.org.br).